

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

LUCAS ALMEIDA SERAFIM

**COMPETÊNCIAS EM INFORMAÇÃO E *THE SERIOUS LEISURE PERSPECTIVE*:
UM NOVO ESPAÇO DE INTERLOCUÇÃO**

**JOÃO PESSOA-PB
2016**

LUCAS ALMEIDA SERAFIM

**COMPETÊNCIAS EM INFORMAÇÃO E *THE SERIOUS LEISURE PERSPECTIVE*:
UM NOVO ESPAÇO DE INTERLOCUÇÃO**

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Henrique de Araújo Freire.

**JOÃO PESSOA-PB
2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S481c Serafim, Lucas Almeida.

Competências em informação e The Serious Leisure Perspective : um novo espaço de interlocução [manuscrito] / por Lucas Almeida Serafim. – 2016.

214 f. : il. ; 29 cm.

Cópia de computador (printout).

Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba. .

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Henrique de Araújo Freire.

1. Competências em informação. 2. The Serious Leisure Perspective. 3. Prática social de informação. I. Título.

CDD: 025.56

LUCAS ALMEIDA SERAFIM

**COMPETÊNCIAS EM INFORMAÇÃO E *THE SERIOUS LEISURE PERSPECTIVE:*
UM NOVO ESPAÇO DE INTERLOCUÇÃO**

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo Henrique de Araújo Freire
Universidade Federal da Paraíba
(Orientador)

Prof. Dra. Isa Maria Freire
Universidade Federal da Paraíba
(Membro Interno)

Prof. Dr. Guilherme Ataíde Dias
Universidade Federal da Paraíba
(Membro Interno)

Prof. Dra. Maria do Rosário de Fátima Portela Cysne
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
(Membro Externo)

Prof. Dra. Elisa Pereira Gonsalves
Universidade Federal da Paraíba
(Membro Externo)

JOÃO PESSOA, 29 DE SETEMBRO DE 2016.

A Luiz Serafim do Nascimento (in memorian) – Pai, Entusiasta e Amante do Conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Maria Elenita Almeida do Nascimento e Luiz Serafim do Nascimento. Há poucos dias da minha seleção e admissão neste programa de doutorado meu pai se foi, deixando aos cinco filhos Lívia, Lucas, Levi, Lígia, Laís e à neta Lara um grande exemplo de trabalho e amor à leitura e aos estudos. Nem imaginava que a brincadeira de chamar os filhos de doutores haveria de se realizar tão cedo.

Aos meus familiares, representados pelos meus avós maternos – Lili e Luiz Paulino.

Aos meus amigos Jefferson Damasceno Silva, Maria Irismar, Samia Silva, Priscila Moura, Jonathan da Silva, Relleny Silva, Gustavo Pinheiro, Jorge Costa, Carla Façanha, Elieny Silva, Eleni Silva, Adriana Nóbrega, Fátima Cysne, Eliene Gomes, Ana Wanessa Bastos, Meire Peixoto, Francisco Dário, Glacinésia Leal, Lídia Leal, Rejane Santana, Marina Silva, Cynthia Chaves, Lucas Coelho, Ramon Franco, Debora Franco, Fátima Costa, Regina Célia, Fabiana Bezerra, Erlane Marques Ribeiro, Katissa Galgania, Leila Denise, Demia Maia, Aline Nascimento, Nadsa Cid, Nádia Soares, Mel Teixeira, Shara Medeiros, Stella Tong, Gabriel Almaguer, Winnie Feng, Júlio César, Rocicleide Oliveira, Wanessa Lima, Gilvan Fialho.

Aos companheiros de doutorado Fellipe Brasileiro, Adriana Carla, Hamilton Tabosa, Juliane Teixeira, Edilene Silva, Fabiana França, Rosilene Agapito, Manuela Maia, Ana Cordula, Luiz Eduardo, Derek.

Ao meus mentores – professores Gustavo Henrique de Araújo Freire e, especialmente, Jenna Hartel (*University of Toronto, Canada*): *It was such an honor to work and learn with such a wisdom and kind person, who guided and encouraged me over the years. You're my inspiration!*

À Universidade Federal do Cariri, Universidade Federal da Paraíba e FUNCAP.

Aos professores, alunos e funcionários do PPGCI-UFPB.

Aos membros das bancas de qualificação e defesa da tese.

Aos participantes desta pesquisa – fisiculturistas competitivos.

We believe that the time is now ripe for information science to address big questions like, “What makes life worth living?”.

Jarkko Kari e Jenna Hartel (2007).

RESUMO

As competências em informação, tópico de pesquisa da Ciência da Informação, nascido no âmbito biblioteconômico do Ensino Superior, é ampliado para outras situações da vida. Para tanto, processos de informação bem-definidos, orientados para a solução de problemas das contexturas formais (acadêmico e profissionais), frequentemente sistematizados em modelos que mapeiam habilidades cognitivas, são contrastados com outras realidades informacionais, especialmente as caracterizadas por outras naturezas de informação, como a afetiva e/ou emocional, a qual carece de interesse da pesquisa das práticas de informação. Com intento holístico e complementar, e munidos de arcabouço teórico sociocognitivo da informação, é realizada pesquisa participante no mundo social dos fisiculturistas competitivos, contexto que é, por natureza, positivo, estabelecido a partir da The Serious Leisure Perspective. Desta feita, o fisiculturismo competitivo na modalidade amadora é analisado em profundidade, oferecendo olhar renovado para a visão tradicional das competências em informação. Fatores como “problema” e a “necessidade” cedem espaço para o “prazer” e o “profundo” no entendimento dos engajamentos de busca por informação. Junto ao aprendizado formal, metódico e abstrato, são observados outros meios de estar informado não tão bem definidos, em que o uso da informação depende da aplicação prática do conhecimento adquirido. Por esta visão prática, destaca-se que a precisão da informação não depende exclusivamente da autoridade cognitiva da informação, mas também de aspectos físicos, emocionais, afetivos e socioculturais e, em última instância, da singularidade dos corpos dos participantes. Este estudo conclui que abordagem positiva da informação, especialmente no lazer, deve fazer parte da agenda de pesquisa do campo da informação, já que ela permite a compreensão de outras realidades de informação que compõem a vida humana, e como a informação (e as competências em informação) pode contribuir para o desenvolvimento de comunidades mais felizes e saudáveis, ao mesmo tempo em que, no caso do fisiculturismo competitivo, esta perspectiva pode auxiliar no reconhecimento de grupos (e práticas) socialmente desconhecidos.

Palavras-chave: Competências em informação. The Serious Leisure Perspective. Prática social de informação.

ABSTRACT

Information literacy, a research topic of interest for Information Science that was firstly developed in academic library context, is extended to other life situations. In doing so, the information process, usually focused on problem-solving process in formal contexts (academic and professional realms), and often represented as some information abilities by the current information literacy standards, is contrasted with other other informational realities, especially those that demonstrate other information natures like the affective and/or emotional, a informational dimension that needs more attention of information practice studies. With a holistic and complementary purpose, and grounded on the sociocognitive theoretical framework of information, this participatory research explores the social world of competitive bodybuilders – understood as a positive context – which is explored by the lights of The Serious Leisure Perspective. Therefore, the amateur competitive bodybuilding is deeply analyzed, showing a fresh perspective for the traditional cognitive information literacy conception. "Problem" and "need" is replaced by "pleasure" and "profound" in the understanding of information engagements (and learning) in information seeking process. Beside the notion of traditional, methodical and abstract learning, this study highlights other (not so defined) ways of knowing and being informed, in which the information use depends on the knowledge adquired put in practice. Through this perspective, the information accuracy is not defined exclusively by the cognitive authority or credibility of information, but also by physical, emotional, affective, socio-cultural aspects of information, and ultimately, by the singularity of participants' bodies. This study concludes that the positive information point of view, especially in leisure, should be part of the information studies research agenda, since it allows the understanding of other information realities of human life, and how information (and information literacy) contributes to the development of happier and healthier communities, and, at the same time, it helps groups (and practices) to be socially known.

Keywords: Information Literacy. The Serious Leisure Perspective. Social Information Practices.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 O contexto superior do lazer	16
1.2 As questões, tese e objetivos de pesquisa.....	19
2 O LAZER NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	24
2.1 Teorias e metateorias da informação	27
2.1.1 Ambientes complexos, relativos e variados das competências em informação.....	33
2.1.2 Competências em informação para além do viés cognitivo.....	38
2.2 Lazer como campo de pesquisa das coisas maiores da vida	49
2.2.1 The Serious Leisure Perspective.....	51
2.3 Coisas maiores da vida – emoções	60
3 METODOLOGIA	64
3.1 A escolha do campo de pesquisa.....	67
3.2 Métodos de coleta de dados em espaços de informação.....	68
3.2.1 Pesquisa visual	69
3.4 Aspectos éticos.....	71
4 POPULAÇÃO DO ESTUDO	77
4.1 Adentrando ao mundo do culturismo.....	83
5 HISTÓRIAS DO FISICULTURISMO	87
5.1 O escultor do próprio corpo	87
5.2 Paixão e amor adquiridos no fisiculturismo	94
5.3 Um esporte para “loucos”	103
5.4 Sacrificante, mas gratificante.....	111
5.5 Objetivo, Metas e Motivação	115
5.6 Conhecimento empírico limitado	124
5.7 Viver o fisiculturismo pela saúde	135
5.8 Esforços no trabalho e no lazer	140
5.9 Fisiculturismo sem perder a feminilidade.....	143
5.10 A melhor sensação do mundo	145
6 O FISICULTURISMO LEVADO A SÉRIO.....	152
6.1 De <i>competências em informação a modos de aprender e estar informado</i>	154

6.1.1 Pilar Identifica	158
6.1.2 Pilar Dimensiona	163
6.1.3 Pilar Planeja	170
6.1.4 Pilar Reúne	172
6.1.5 Pilar Avalia	173
6.1.6 Pilar Gerencia	176
6.1.7 Pilar Apresenta	178
6.2 Uma síntese das competências em informação do fisiculturismo competitivo	190
7 CONCLUSÕES	195
APÊNDICE A – CARTA CONVITE E CONFIRMAÇÃO DE INTERESSE	205
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PESQUISADO)	207
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PROPRIETÁRIO DE ACADEMIA)	209
APÊNDICE D – GUIA PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	211
APÊNDICE E – GUIA PARA FOTOGRAFIAS	213

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa corrente em competências em informação¹ reflete o esforço majoritário da Ciência da Informação de estudar, prioritariamente, as arenas acadêmicas e profissionais, de onde são inspirados os padrões (guias, parâmetros, diretrizes, modelos) para a prática e desenvolvimento de competências em informação. Surgidas no âmbito do Ensino Superior, as sistematizações das competências em informação se multiplicam, em decorrência da alta demanda social por comunidades competentes em informação. A preferência pelo plano das atividades formais, relacionadas às funções sociais reconhecidas (médicos, advogados, estudantes etc.), gera debate em torno da extensão do interesse dos cientistas da informação, para os quais o fenômeno informacional² pode ser:

- a) objetivo – fatos independentes do idealizador – ou subjetivo – fatos dependentes de quem os idealiza (JONES, 2008; MOSER, 2009);
- b) racional – cerne do pensamento científico moderno – ou emocional/afetivo (DORK; CARPENADEL; WIILLIAMSON, 2011; GUMULAK; WEBBER, 2011);
- c) orientado pelo *princípio do menor esforço* na busca por informação (SERAFIM, 2011), ou, o oposto, por esforços significativos proativos para o acesso à informação (HARTEL, 2003);
- d) elemento de contextos “mais baixos” (*lower contexts*), facilitador das atividades formais (essenciais e obrigatórias, orientadas para a solução de problemas da cotidianidade), ou fator que impulsiona e promove as experiências positivas (prazerozas e profundas) em contextos “mais amplos” (*higher contexts*) da vida (KARI, HARTEL, 2007);
- e) fenômeno cognitivo, refletido em habilidades informacionais para resolução de tarefas e problemas, ou sociocognitivo, mediante a influencia exercida pela esfera sociocultural nas práticas de informação.

Esta última variante – sociocultural (ou sociocognitiva) – sugere complementação à vertente cognitiva, até então estabelecida na Ciência da

¹ Expressão empregada neste estudo para traduzir “*information literacy*” (ZURKOWSKI, 1974). A ideia de “competências em informação” segue, de certo modo, alguns estudos em Língua Portuguesa que preferem a palavra “competências” em vez de “alfabetização”, para traduzir o vocábulo *literacy*. Compreende-se que termo “competências” é mais apropriado para descrever habilidades informacionais específicas que transpõem os métodos de alfabetização tradicionais (SERAFIM, 2011; SERAFIM; FREIRE, 2012).

² Uma das dicções que tentam explicar o objeto de estudo da Ciência da Informação (HARTEL, 2015).

Informação, e que supria os espaços deixados ponto de vista meramente sistemico do processamento da informação, característico nas primeiras tentativas de teorização da informação. Desta vez, o movimento sociocultural defende a atenção para:

- a) elementos adicionais às dimensões cognitiva e psicológica da informação (subjetivas ou internas), como as práticas sociais, o corpo, o conhecimento incorporado (*embedded, embodied*) e situado (*emplacement*) do local – em que estão incluídos a arquitetura de informação dos locais e contexto em toda as suas dimensões discursivo-cultural e material-econômica (BUDD; LLOYD, 2014; PINK, 2011).
- b) “produtos de relações mútuas padronizadas entre entidades em um sistema social, em que seus membros são organizados relacionalmente, uns com os outros, de modo a contribuir ou se beneficiar de tais produtos” (LIN, 2010, p. 557, tradução nossa);
- c) “mundo de informação” – “um espaço físico, virtual ou temporal de informação rico em fontes simbólicas” ou ainda “aspecto de informação de um ambiente em que indivíduos e grupos de indivíduos estão localizados” (YU, 2011, p. 3);
- d) “espaços de informação” – onde ocorre a experiência de informação das pessoas, compreendido por Lee (2003), sob o ponto de vista geográfico, em três zonas concêntricas de informação: imediata (*immediate*), determinada por elementos que estão ao alcance das mãos ou a poucos passos; adjacente (*adjacent*), por exemplo, o acesso à uma biblioteca acadêmica; e fora (*outside*), uma biblioteca distante;
- e) espaços urbanos diáários (*shopping centers*, ambientes domésticos, escola e trabalho) produzidos por infraestruturas de códigos e softwares; neles, “as necessidades e usos de informação, e práticas de busca de informação são [...] um produto da produção social e material, e da organização dos espaços”, nos quais estão presentes as dimensões políticas e econômicas mais amplas da informação, capazes de permitir a inclusão (ou exclusão) da participação das pessoas na sociedade (SMITH, 2012, tradução nossa);
- f) Qualquer pano de fundo (cenário) para o fenômeno informacional (KARI; HARTEL, 2007).

Este panorama dicotômico e dualista é, frequentemente, considerado reducionista, sobretudo quando se tenta defender uma ou outra perspectiva como

aquela mais apropriada para a compreensão da informação. Corroboramos com a ideia de que é mais oportuno, ante “um assunto tão vasto e fugaz que necessita de uma visão mais completa possível para as questões investigadas” (CIBANGU, 2010), reconhecermos essas polarizações como variações das naturezas da informação, que merecem, igualmente, o interesse dos estudiosos da informação.

Para Jones (2008), há pouca atenção ao reducionismo e ao debate transdisciplinar mais amplo por uma ciência “não reducionista”, alicerçada no argumento de que o conhecimento científico não pode ser restrito à orientação de que todo fenômeno tem causa predeterminada, como indica, por exemplo, a ideia do determinismo tecnológico da contemporaneidade, o qual assegura que a tecnologia de uma sociedade (ou disciplina) determina a sua estrutura social, política, intelectual e cultural (JONES, 2008).

A crítica ao reducionismo decorre da constatação de limitações dos “dogmas” do campo da informação, sobretudo quando aplicadas na descrição e explicação de distintas configurações sociais. Em estudo anterior, em nível de mestrado, com comunidade de docentes do Ensino Superior (SERAFIM, 2011), percebemos que a óptica instrumental de modelos de competências em informação foi insuficiente para compreender a realidade informacional dos pesquisados, especialmente pelo fato de que as decisões de busca de informação científica eram baseadas mais em critérios de conveniência (agilidade, praticidade etc.) das fontes do que em credibilidade e conteúdo veiculados por elas. De acordo com as práticas recomendadas pelos padrões vigentes, este comportamento é desvio a ser evitado, já que é potencialmente danoso à produção de conhecimento dos docentes. Deveríamos considerá-los, mediante os critérios conhecidos das competências em informação, simplesmente como “incompetentes em informação” (*information illiterates* – ZURKOWSKI, 1974).

Esta inquietação tornou-se o nosso desafio de pesquisa, fundamentado na busca por “ir além”, “expandir”, “ampliar”, “superar”, ou ainda “[...] promover o holismo e a interdisciplinaridade na Ciência da Informação e tornar a nossa disciplina mais relevante para os seres humanos [...] Quem está pronto para enfrentar esse desafio?” (KARI; HARTEL, 2007, p. 1144, tradução nossa). É relevante pontuar que adotamos a ideia de transposição no sentido de complementação, e não de eliminação, dos conhecimentos até então produzidos, os quais, por sua vez, têm retratado apenas uma parcela da realidade informacional

das pessoas. Corroboramos com Gonsalves (2015), ao afirmar que estudar todas as nuances de determinado fenômeno humano é, antes de tudo, assumir a posição de uma ciência atuante, relacional e propositiva, ponto de vista apropriado para a informação, por seu valor socialmente construído e que varia dentro de distintas disciplinas, organizações e comunidades (HOYER, 2011).

Em decorrência da sistematização demasiada das contexturas acadêmica e profissional – característica que acompanha os demais domínios do conhecimento, emergidos e patrocinados pela sociedade moderna para a busca e solução de seus problemas – a pesquisa em informação torna-se marcada por esforços que visam a correção dos aspectos negativos (falhas, barreiras, deficiências etc.) da vida, em detrimento das variáveis positivas que impulsionam e caracterizam as práticas sociais (STEBBINS, 2006, p. 21-22).

A Ciência da Informação e da Biblioteca está, há tempos, preocupada com as necessidades de busca e comportamentos de engenheiros, profissionais de saúde, e particularmente vis-à-vis atividades de trabalho [...] poucos estudos tem explorado o comportamento de busca de pessoas fora dos domínios acadêmico e profissionais (LEE; TRACE, 2009, tradução nossa).

Em movimento reparador, emerge-se perspectiva teórica em torno de uma abordagem positiva para a informação, em pesquisas que retratam as práticas de informação como positivas e fontes de vida (BATES et al., 2009; HARTEL, 2003, 2007). Na inteligência de Bates et al. (2009), a necessidade de refletir sobre a *Ciência da Informação Positiva* justifica-se pela observância da mudança cultural para a informação, em que as próximas gerações precisam conhecer o fenômeno informacional – como a internet e as redes sociais – como divertido e fonte amigável, que pode ser utilizado para o melhoramento de todos os aspectos da vida, dos relacionamentos ao lazer.

Kari e Hartel (2007), fundamentados na proposta de mudança paradigmática de Seligman e Csikszentmihalyi (2000) para as áreas de psicologia – por uma psicologia (e demais ciências sociais) positiva – centrada no lado positivo da informação nas “coisas mais amplas da vida” (*higher things in life*): “fenômenos, experiências ou atividades humanas positivas que transcendem a rotina diária com suas rationalidades e necessidades” (p. 1133, tradução nossa). Esta concepção é utilizada como modo de contrastar a tendência majoritária da pesquisa científica nas

“coisas menores da vida” (*lower things in life*), ávida pelo entendimento e sistematização das atividades que estamos familiarizados ou que normalmente realizamos, e ao que tem que ser feito para se manter o *status quo*, onde, geralmente, há conformismo com as regras – como o trabalho (KARI; HARTEL, 2007).

O emprego do termo “menor” não intenta menosprezar as atividades comuns da vida cotidiana (*everyday life*), essenciais para a sobrevivência ou existência dos seres humanos; entretanto, busca revelar o desinteresse dos pesquisadores (e, ao mesmo tempo, estimular o interesse de pesquisa) por aspectos de informação que superam as problemáticas associadas às barreiras de acesso à informação: “O que faz a vida valer a pena? A informação e o conhecimento são ‘a chave para uma vida melhor’, mas exatamente como isso ocorre não é conhecido muito bem [...] Onde está todo o divertimento e alegria que é parte, e parcela, da vida com a informação?” (KARI; HARTEL, p. 1131-1140, tradução nossa).

Alguém pode ainda questionar ‘mas porque foi a separação da vida em contextos maiores e menores necessária em primeiro lugar?’. A mais óbvia questão é: revelar o desequilíbrio na Ciência da Informação, e possibilitar os pesquisadores tratar este desequilíbrio. Sem a polarização, as coisas mais amplas da vida ainda estariam na escuridão, ou ao menos elas não poderiam ser significamente relacionadas às coisas que não são maiores. Por fim, na medida em que a pesquisa avança, a dicotomia deve ser reconciliada. Isto não será realizado ao ignorar um ou outro lado, ou apagar toda a polaridade. Em vez disso, a solução seria a de conscientemente integrar os menores e maiores, reconhecendo as características e papéis únicos do fenômeno informacional em cada esfera. Esta pode ser o único meio de alcançar uma compreensão completa do professo de informação. (KARI; HARTEL, p. 1144).

A noção de contextos superiores e inferiores não é algo absoluto, dado a sua natureza holística, equalizadora e integrativa do fenômeno informacional (KARI; HARTEL, 2007). De soluções existenciais, orientadas pela realização de tarefas, o fenômeno informacional, neste estudo sob relatório, passa a ser associado a busca das pessoas por seus propósitos de vida (*meaning of life*). Dentre os campos de estudo possíveis para a compreensão desta abordagem, escolhemos o lazer, contexto analisado com profundidade pelo viés das competências em informação.

1.1 O contexto superior do lazer

Há um consenso transdisciplinar em curso, nos variados campos do saber, de que a pesquisa científica tem priorizado mais os aspectos negativos – problemas de populações em crise – do que o lado positivo da vida humana, com exceção para os estudos do lazer, domínio do conhecimento que tem oferecido terreno fértil para a orientação positiva da informação (HARTEL, 2003; STEBBINS, 2006). O lazer é, por natureza, uma ciência “positiva” ou “feliz” (*happy science*), “[...] focada exclusivamente nos estados psicológicos positivos e suas consequências socioculturais” (STEBBINS, 2006).

Embora altamente informacional, o lazer, na Ciência da Informação e demais ciências sociais, foi, frequentemente, tratado como contexto “especial” – trivial, banal, discricionário, perda de tempo, atividade não séria (HARTEL, 2007; MATNI, SHAH, 2014; STEBBINS, 2009) – desmerecedor da investigação científica, mediante o argumento de que “a informação associada a esta atividade não seria igualmente banal?” (STEBBINS, 2009, tradução nossa). Consequentemente, o estabelecimento do estudo do lazer como domínio do conhecimento é recente (no Brasil, inicia-se por volta dos anos de 1980), surgido da falha dos sociólogos modernos em observar este aspecto distinto da sociedade e da vida social (COFFMAN, 2006; OLIVEIRA; DOLL, 2012; STEBBINS, 2006).

Na Ciência da Informação, são apontados como fatores para a desatenção ao lazer: a) o desconhecimento de que a informação é crítica nesta prática, e em como “a informação nutri as atividades do lazer e, por sua vez, é nutrida por tais atividades” (STEBBINS, 2012, p. 39); b) percepção das formas e características do lazer de modo vago e não classificadas (sistematizadas), desafiando a pesquisa empírica; c) haver poucas teorias e metodologias testadas neste contexto (STEBBINS, 2012; HARTEL, 2003).

Stebbins (2012), sobre as contribuições dos estudos de informação para o domínio do lazer, ressalta que:

conhecer sobre o conhecimento do lazer, sobre a reunião, processamento, armazenamento, recuperação e disseminação de

informação à luz de dimensões afetivas/avaliativas deste foco trará contribuição incomensurável para os estudos do lazer (STEBBINS, 2012, p. 39, tradução nossa).

Corrobando, Fulton e Vondracek (2009, p. 613, tradução nossa) afirmam que

o envolvimento em um mundo de lazer tem o potencial de abrir perspectivas para o aprendizado ao longo da vida e reforçar a inclusão social [...] as possibilidades para os profissionais de informação e bibliotecas e educadores são promissoras.

Este campo de pesquisa é, portanto, oportuno para a exploração de perspectivas afetivas e mais humanas, que incluem as emoções e o prazer. Para o tópico das competências em informação, trata-se de uma oportunidade de transmutar a tradicional abordagem cognitiva e psicológica (cujo foco no mapeamento de habilidades cognitivas) para o domínio social e cultural dos modos de aprendizado das pessoas (BUDD; LLOYD, 2014). Corrobando, Lapatovska e Arapakis (2011, p. 588) afirmam que “[...] é tempo para o emergente paradigma afetivo se tornar mais amplo e rico, e encorajar pesquisa que ultrapassem as fronteiras dos campos estreitamente definidos.

A partir da década de 1990, é possível observar avanços teóricos significativos em torno da noção nebulosa e não estruturada da informação no lazer, mediante o estabelecimento do tópico de pesquisa “busca de informação na vida cotidiana (*everyday life information seeking*)” ou ELIS (SAVOLAINEN, 1995). Os estudos da ELIS emergiram com o intento de compreender as situações em que o acesso à informação é percebido como um grande desafio à vida. Apesar dos avanços proporcionados por esta corrente, permaneceu o interesse pela informação em momentos problemáticos e difíceis, como doenças, pobreza, encarcerados, que, por conseguinte, pouco contribuíram para a compreensão da informação nas situações positivas – prazerosas e profundas – da vida (HARTEL, 2003).

Somente na última década, o estudo da informação no lazer se estabelece mediante colaborações interdisciplinares/transdisciplinares em torno da The Serious Leisure Perspective³ (*Serious Leisure Perspective – SLP*). (CHANG, 2009; HARTEL,

³ O “lazer sério” é outra nomenclatura possível para a tradução do termo *serious leisure* nos raros estudos em língua portuguesa (desconhecemos estudos realizados no âmbito da Ciência da Informação no Brasil) que abordaram esta perspectiva (OLIVEIRA; DOLL, 2012); Há ainda o uso da expressão “lazer levado a sério”, utilizado por Bramante (2004). Prefirimos, neste estudo, o uso pela expressão original em Língua Inglesa.

2003; STEBBINS, 2009). A SLP é obra de Robert A. Stebbins, sociólogo canadense, desenvolvida desde meados de 1973. Embora consistente e madura, ainda é pouco conhecido pelos autores brasileiros, fato que é explicado por Oliveira e Doll (2012) tanto pela falta de sua ampla tradução, bem como por expressar concepção de lazer distinta das descritas nas pesquisas nacionais. Na vertente clássica, o lazer é essencialmente a atividade que se contrapõe ao trabalho, singularizada por ser espaço de liberdade, lúdicode e leveza. Essas características diferem das propostas pela SLP, cujos construtos se assemelham ao mundo do trabalho, como dedicação, esforço máximo, repetição, carreira, treinamento e seriedade.

De fato, Stebbins cunha a expressão “The Serious Leisure Perspective” com base em estudos empíricos com praticantes de variadas formas de lazer, os quais se recusavam a considerar que as suas atividades, de elevado nível de comprometimento, dedicação, habilidade e desempenho, fossem descritas justamente como “lazer”, sobretudo como entende o senso comum – uma atividade fácil de se realizar. Tomando o lazer como algo sério, Stebbins inicia a formação de arcabouço teórico que possibilita a classificação e estudo de variados níveis de lazer, do mais simples (casual) ao sério, estando também contemplada a forma *baseada em projeto* (OLIVEIRA; DOLL, 2012; STEBBINS, 2001). Com base em 3 principais categorias, a saber, casual, sério (*serious leisure*) e baseado em projeto, a SLP expande distintos aspectos do lazer.

Pela óptica da SLP, o lazer é observado em toda a sua complexidade, em contexto onde a informação é fator crucial e a aquisição de conhecimento é realizada de modo intenso, como fonte de vida, felicidade, saúde física, vitalidade, fraternidade e amizade, experiências profundas e prazerosas (HARTEL, 2003, 2014). Para a professora Jenna Hartel (2003), da Universidade de Toronto, que trabalha diretamente com Stebbins – sendo ainda a editora do sítio da internet *Serious Leisure Perspective*, e que é considerada a autora que introduz a SLP no campo da CI (STEBBINS, 2012) – torna-se difícil compreender uma pesquisa sobre o fenômeno da informação dentro do lazer sem a rubrica organizacional da The Serious Leisure Perspective: “Por quase uma década eu tenho defendido a adoção da SLP [*Serious Leisure Perspective*] nos estudos de informação de modo a fazer a pesquisa em comportamento de informação no fenômeno do lazer mais rigorosa, sistemática, comparável e generalizável” (HARTEL, 2009, tradução nossa). Nesta mesma perspectiva, Stebbins (2012) ressalta a contribuição descritiva e

classificatória dos elementos, que iluminam e proporcionam sistematização e rigorosidade aos estudos do campo da Ciência da Informação.

Do ponto de vista sociológico, Hartel (2015) esclarece que a SLP assume o papel de uma Teoria de Médio Alcance (*Theory of Middle Range*), concepção proposta por Merton (1949). Não tão ampla nem tão específica, a SLP guia e torna mais claro a pesquisa de grupos do lazer, encontrando aplicabilidade nas variadas disciplinas e, na Ciência da Informação, proporciona meio de promover percepções macrosociais, microsociais e psicológicas para a compreensão dos comportamentos e competências em informação (STEBBINS, 2009; HARTEL, 2003; LEE; TRACE, 2009; DORK; CARPENADALE; WIILLIAMSON, 2011; FULTON, 2009).

No estudo sob relatório, a SLP é utilizada como abordagem mais ampla, auxiliando a superação das dicotomias clássicas da informação empreendidas pelos cientistas da informação, sobretudo aqueles que “[...] focam seus esforços em uma variedade de tópicos do lazer e seu relacionamento e influência no desenvolvimento de teorias do campo da Ciência da Informação e Biblioteca, por exemplo, mundos pequenos, **competências em informação, e-environments, e hobbies**” (FULTON; VONDRAČEK, 2009, grifo nosso, tradução nossa).

1.2 As questões, tese e objetivos de pesquisa

O nosso interesse pela abordagem positiva da informação nasce de problema constatado à época do mestrado (SERAFIM, 2011), que consiste na insuficiência teórica em explicar experiências positivas (convenientes, afetivas, emocionais etc.) que impulsionam e decorrem do uso da informação. Do fosso explanatório em estudos de práticas de competências em informação em contextura formal, adentramos em inovador e desafiador caminho de exploração das mais amplas metateorias da informação sob a óptica da positividade do lazer, outra parte importante e significativa da vida humana.

Para tanto, partimos do pressuposto de que a Ciência da Informação é um campo que atravessa várias disciplinas acadêmicas convencionais, que realiza pesquisas sobre a busca, ensino e aprendizado de informação em vários domínios ou universos de informação registrada, desenvolvidos e armazenados para acesso posterior (BATES, 1999), incluindo o lazer (STEBBINS, 2012). Neste tópico, quem inicia esta parceria transdisciplinar é Hartel (2003), em estudo da prática de

informação do hobby (uma das classes do lazer propostas pela SLP) a luz da *análise de domínio* (HJORLAND, 2002).

Apropriada para descrever o conhecimento e informação (quem os produz, distribui e consome) dentro de disciplinas acadêmicas ou profissões, denominadas “domínio”, a análise de domínio é aplicada ao lazer, ou o domínio do lazer. Nesta linha de pensamento, Hartel (2003), fundamentada na concepção sociológica da Imaginação Sociológica de Mills (1959) e demais abordagens sociocognitivas⁴ - aquelas interessadas em investigar como as forças sociais e culturais manifestadas nas comunidades moldam a experiência informacional das pessoas – ressalta que a unidade de análise da pesquisa em informação – como prática social – é sempre um grupo, e não um indivíduo.

A *The Serious Leisure Perspective* representa o domínio do lazer como um todo, bem como as suas partes distintas, as quais podem se tornar assuntos de pesquisa, por exemplo,

O serious leisure estabelece que os hobbystas, assim como os acadêmicos, possuem uma carreira de aquisição de conhecimento e operam em coletivos conhecidos como mundos sociais. Até mesmo uma rápida reflexão sobre qualquer hobby traz a mente um corpo de práticas, conhecimentos, papéis e fontes que não são diferentes da substância e sociabilidade de um campo acadêmico. Consequentemente, nada impede a extensão da análise do domínio do discurso das comunidades acadêmicas às dos hobbies, que neste caso são elencadas como ‘domínios do hobby’. (HARTEL, 2003, p. 233, tradução nossa).

Assim, os assuntos da SLP tornam-se domínios, os quais podem ser associados analisados por uma ou mais variáveis, de um total de 11, da *análise de domínio* (HJORLAND, 2002), seja uma classe inteira do hobby, por exemplo, os colecionadores; ou tipos mais específicos, como os colecionadores de selos. Na análise de domínio, as áreas que representam concepções e formas de informação de interesse dos cientistas da informação são:

- a) Produção de guias de literatura e de assuntos;
- b) Produção de classificações e tesouros especializados;
- c) Pesquisa em indexação e recuperação de assuntos especializados;
- d) Estudos empíricos de usuários;

⁴ Budd e Lloyd (2014, p. 3) explicam que “A perspectiva sociocultural é o nome de uma família teórica mais do que uma teoria específica estreitamente definida”.

- e) Estudos bibliométricos;
- f) Estudos históricos;
- g) Estudos de documentos e gêneros;
- h) Estudos epistemológicos e críticos;
- i) Estudos de terminologias e linguagens especiais, estudos de discurso;
- j) Estudos de estruturas e organizações na comunicação da informação; e
- k) Estudos de cognição, computação e inteligência artificial.

No tópico g), por exemplo, os gêneros (estilos, modos, formatos), documentos, os meios e cadeia informacional é mapeada; no i) o conhecimento contido em estruturas, como práticas, vocabulário e sistemas de classificação, são articulados e analisados; no f) as dinâmicas social, cultural e histórica que influenciam esses fenômenos são identificadas e explicadas; no d), são observados os usos de informação (HARTEL, 2003).

Consideramos a articulação proposta por Hartel (2003), centrada em abordagem contextual, útil para direcionar as inquietações iniciais do estudo sob relatório, expressadas na seguinte tese: *as competências em informação superam as perspectivas centradas exclusivamente nas habilidades necessárias para solução de problemas em atividades formais (acadêmico e profissional), frequentemente sistematizadas e associadas ao modo mecânico, metódico e instrumentalizado de busca e uso de informação, em que são valorizados os aspectos negativos da experiência da pessoa com a informação. Congruentemente, essas aptidões são fatores críticos para a realização das outras atividades humanas, como o lazer, contexto em que se explicitam outros modos de saber e estar informado, em que estão envolvidos outras naturezas de informação de interesse dos cientistas da informação, como a emocional, afetiva, positiva e sociocultural.*

Argumentaremos que a incompletude da visão exclusivamente instrumental, centrada no indivíduo, pode ser amenizada pela análise de complexo cenário sociocultural, influenciador da busca e uso de informação, insuficientemente exploradas pelos cientistas da informação. Pelo viés contextual, por exemplo, questões “insolucionáveis ainda que úteis e amplamente investigadas pelo campo da informação), são substituídas por “qual a natureza e o papel da informação em um dado contexto?” (KARI; HARTEL, 2007, p. 1142).

Especificamente, interessa-nos saber: qual a natureza da informação em determinado contexto do lazer? Quais as atividades, modos, fontes e competências

de informação envolvidos? Como os aspectos socioculturais/sociocognitivos, dentre eles, os espaços físicos de informação influenciam a experiência positiva de informação dos participantes?

Esses questionamentos geraram os seguintes objetivos:

- a) Geral: analisar os modos de aprender ou estar informado em determinado mundo social do lazer, estruturado pela óptica da *The Serious Leisure Perspective*, concebidos com base em perspectiva sociocognitiva e positiva das competências em informação.
- b) Específicos:
 - Demonstrar a natureza e papel da informação em variadas atividades, fontes e competências em informação em determinada comunidade do contexto do lazer;
 - Descrever e explicar as estruturas que formam o processo de informação no lazer, por viés sociocognitivo, atentando-se para o contexto sociocultural;
 - Explorar, sistematizar e estabelecer parâmetros para competências em informações em contexto fora do âmbito das atividades formais e profissionais, fortalecendo a integração entre as ciências do lazer e da informação, e contribuindo para o estabelecimento de abordagem positiva da informação.

Na seção 2, estabeleceremos uma infraestrutura conceitual sobre a noção de competências em informação, composta por um variado (não consensual) conjunto de proposições explanatórias em torno da ideia de informação, destacando a *The Serious Leisure Perspective* como um caminho possível para se pensar as tradicionais *metateorias* da informação. Dentre elas, são relembrados os pontos de vista sistêmico, cognitivo e social, indicando as implicações de cada perspectiva para o estudo de comportamentos e competências em informação. Em meio a predominante tendência dos estudos em competências em informação com foco nos contextos formais (profissional e acadêmico), elencaremos as potencialidades de estudos de “práticas de informação” alternativas, advindas da noção de “práticas sociais de informação”, exemplificadas especialmente pelo estudo das atividades de lazer.

Na Seção 3, são apresentados os caminhos metodológicos que possibilitaram a realização de pesquisa, pautada em uma visão sociocognitiva da informação, pesquisa qualitativa e visual, observação participante dentre outras.

Na seção 4, a população do estudo é descrita, de modo genérico, fundamentada essencialmente em estudos de outras áreas do conhecimento que se interessaram pelo estudo social do mundo dos fisiculturistas competitivos.

Na seção 5, iniciamos a apresentação dos dados da pesquisa, de modo não usual: são contadas histórias de vida dos fisiculturistas, enriquecidos por amplo acervo visual.

Na seção 6, há uma interseção de construtos teóricos que auxiliam a interpretação da realidade informacional dos fisiculturistas competitivos, compreendida em diferentes práticas sociais de informação interrelacionadas. Dentre elas, é dado destaque para as competências em informação, parte do contexto da formação do corpo. Apesar da característica inovadora da pesquisa sob relatório, pela forma de apresentação dos dados, não negligencia o aspecto propositivo da pesquisa científica, mediante tentativa de sistematizar o campo de estudo investigado, contribuindo também para o estabelecimento da pesquisa em informação no lazer e abordagem positiva da informação – ainda que esta postura, ao eliminar os possíveis desvios, ou singularidades, em busca de generalizações, torna tais proposições sempre uma visão parcial do fenômeno “social” da informação.

Na seção 7, apresentamos conclusões e possibilidades de pesquisa futura.

2 O LAZER NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Variadas concepções de informação direcionam distintos tópicos de pesquisa em distintos domínios (ou campos) do conhecimento, fato que indica a necessidade de estabelecermos, ao inicio de cada jornada de estudo, uma infraestrutura conceitual básica apropriada para o debate sobre a informação e, neste estudo, especificamente sobre as competências em informação (*information literacy*). Corroboramos com Freire (2006, p. 16), ao asseverar que:

Como em qualquer campo científico, também na ciência da informação será possível identificar uma rede conceitual que relaciona os vários construtos de informação entre si e as próprias noções sobre o campo científico. [...] sejam centenas as definições de informação nos vários campos da atividade científica, cada um deles irá defini-la de acordo com o seu interesse específico, cabendo aos pesquisadores da ciência da informação o desafio maior de determinar a própria forma.

Não exclusiva aos estudos dedicados à epistemologia da informação, a tarefa de delimitar uma concepção para a informação é oportuna, que resulta nas teorias, ou “metateorias” – que permitem refletir de modo “mais geral” a natureza dos fenômenos de informação, como as que ocorrem no lazer, âmbito do estudo sob relatório (BATES, 1999; TALJA; TUOMINEN; SAVOLAINEN, 2005; FULTON; HENEFER, 2010; HARTEL, 2003).

O desejo de se obter “[...] uma fotografia clara na natureza da ciência da informação, e um modo de entendimento das suas relações com outras disciplinas” (ROBINSON; KARAMUFTUOGLU, 2010) impulsiona os estudos de informação desde a década de 1950 (ROBINSON, 2009). Dentre as questões recorrentes, estão as que envolvem o uso da informação, que frequentemente requerem investigações “interdisciplinares”, “multidisciplinares” e “transdisciplinares”, concepções ora entendidas com similares, ora distintas. Doucett (2011) comprehende o assunto do seguinte modo: a) Multidisciplinar – a mistura não integrativa de disciplinas em que cada uma retém suas metodologias e suposições, sem mudar ou se desenvolver com base em outras disciplinas; b) Interdisciplinar – o campo de estudo que cruza

as fronteiras das disciplinas acadêmicas tradicionais mediante o surgimento de novas necessidades e profissões; c) Transdisciplinar – a estratégia de pesquisa que cruza as fronteiras das outras disciplinas de modo a criar uma abordagem holística⁵ sobre a temática pesquisada.

Nesses termos, evidencia-se para Prebor (2010), dentre outros (SARACEVIC, 1995; WERSIG, 1993), a natureza inter/transdisciplinar da Ciência da informação:

Está claro que a área de LIS [Library and Information Science] tem um conjunto de entidades intelectuais que interessam/atraem muitos campos multidisciplinares, tais como a ciência da computação, comunicação, educação e administração. Esta é uma evidência persuasiva da natureza interdisciplinar deste campo (PREBOR, 2010, p. 257, tradução nossa).

No entanto, assim como não há consenso sobre o que é informação⁶, não há ponto de vista comum sobre a interdisciplinaridade.

Recusamos a C.I. como interdisciplina (vemos esta ideia como um absurdo pós-moderno), mas entendemos que ela depende vitalmente de uma intensa prática interdisciplinar pelo simples facto de que o seu fenómeno-objecto é também estudado e recriado por uma multiplicidade de Ciências (SILVA, 2006, p. 66).

A perspectiva interdisciplinar pós-moderna, rejeitada por Silva (2006), fundamenta-se na falta de confiança epistemológica em torno do seu objeto de estudo dos variados campos científicos:

[...] Ao contrário do que se sucede no paradigma atual [moderno], o conhecimento avança à medida que seu objeto se amplia, ampliação que, como uma árvore, procede pela diferenciação e pelo alastramento das raízes em busca de novas e mais variadas interfaces [...] A ciência pós-moderna não segue um estilo unidimensional, facilmente identificável; o seu estilo é uma configuração de estilos construída segundo o critério e a imaginação pessoal do cientista. A tolerância discursiva é outro lado da pluralidade metodológica (SANTOS, 1988, p. 54-56).

⁵ Ressalta-se que uma perspectiva holística apregoa a união e integração de todas as nuances e formas possíveis de conhecimento para uma compreensão mais eficiente da vida humana (KARI; HARTEL, 2007).

⁶ A definição do objeto de estudo é condição essencial do pensamento científico moderno.

A falta de acordo em torno do seu objeto de estudo, todavia, não desmotiva a Ciência da Informação de exercitar a sua característica propositiva, mediante um vasto conjunto de construtos teóricos para a informação. Shroeder (2011) concebe a informação de modo: a) seletivo – predeterminado probabilisticamente (remontando a clássica Teoria da Informação de Shannon), e; b) estrutural – oposto ao seletivo, derivado de relacionamentos mútuos dos elementos de uma coletividade.

Cibangu (2010) comprehende a informação em três lentes:

- a) Física ou técnica – a informação é vista pela óptica da matemática, veículo que melhor comunica parâmetros e modelos, bem como soluções formalizadas; obedece o modelo dedutivo (geral para específico), baseados em leis universais; a modelagem matemática pode ser aplicada na observação, predição e interpretação dos usos e necessidades de informação;
- b) Ciência Humana – a informação está associada aos estudos da mente, cérebro, experiências internas, vontade soberana, reflexão abstrata, aspectos subjetivos, emoções e o “gostar”; é o oposto do interesse das ciências naturais, que lidam com fenômenos externos à mente humana, experiências de causa e efeito, ou fatos objetivos; é presente nos comportamento da informação, que possuem interesse nas experiências internas, compreendidas pelas dimensões especulativa, emocional, intelectual, mental, racional ou irracional das práticas vividas;
- c) Ciência Social – a informação é resultante das interações sociais; baseia-se em leis “predizem” as relações humanas; ocorre em comunidade, que é uma manifestação decorrente das relações humanas; qualifica a ciência da informação como ciência social, cujo objetivo é permitir ou argumentar (e não limitar ou reduzir), as vozes do mundo social, buscando descrever, exibir, ou revelar (e não prescrever ou inibir) as interações sociais; neste modo, os desacordos e diversidade são normais (CIBANGU, 2010).

Já para Bates (1999), a Ciência da Informação é um meta-campo: “[...] assim como a Educação e o Jornalismo, dentre outros, é um campo que atravessa, ou é ortogonal, as disciplinas acadêmicas convencionais”, especificamente no que diz respeito ao “[...] armazenamento e recuperação da informação registrada” (BATES, 1999, p.1044). Esta visão mais abrangente é compartilhada por Doucette (2011) e Hofkirchner et al. (2011), ao configurar o campo da informação em quatro modos, a serem estudados por uma nova-meta-disciplina – a Science of Information – de

escopo superior ao da já estabelecida Ciência da Informação (*Information Science*).

Neste entendimento, a informação possui:

- a) capacidade descritiva (mais perceptível pelos humanos);
- b) capacidade manipulativa, computacional e relativa (mais perceptível pelos matemáticos e cientistas da computação);
- c) capacidade prescritiva e diretiva (mais perceptível pelos físicos, cosmólogos, gerentes e motivadores);
- d) todas as capacidades desenvolvidas sob energia e elementos de informação, bem como energia e elementos físicos.

Doucett (2011) explica que, tradicionalmente, o foco da Ciência da Informação é apenas os dois primeiros, fato que qualifica um novo domínio, que tem a tarefa de integrar as outras nuances, e suas disciplinas correlatas, em torno de um comum e único conceito de informação, com base de pesquisa transdisciplinar. No nível macro, a *Science of Information* integraria a atual *Information Science* às teorias e perspectivas da física (incluindo a noção de informação quântica) e ciências biológicas. A intenção, segundo o autor, não é o surgimento e isolamento de um novo campo do conhecimento, mas estabelecer um meio auxiliar aos demais, não substituindo as disciplinas de informação já existentes, mas estabelecendo uma meta disciplina, formal, combinando-as. Esta metadisciplina fornece novas perspectivas, recursos e *insights* para os demais campos, contribuindo para a mudança de uma cultura materialmente (fisicamente) construída para uma cultura mais responsável e iluminada.

Hofkirchner et al. (2011) acompanham o desejo de evolução dos estudiosos em informação por “uma visão mais holística da Ciência como um todo, na contemporaneidade, de benefícios ainda desconhecidos para a humanidade” (HOFKIRCHNER et al., 2011). Este avanço, todavia, não ocorre no sentido de abandonar por completo o que foi anteriormente sistematizado, mas de complementação ao um conjunto de teorias – ou metateorias – disponíveis.

2.1 Teorias e metateorias da informação

As competências em informação podem ser estudadas por abordagens variadas, também denominadas metateorias – o nível mais alto de abstração em que é descrito uma área do conhecimento:

O valor da pesquisa metateórica está no que ela potencialmente oferece ferramentas para identificar e considerar uma vasta gama de orientações teóricas e opções de desenvolvimento de soluções tecnológicas e práticas" (TALJA; TUOMINEN; SAVOLAINEN, 2005, p. 80).

As metateorias mais importantes dos estudos de informação indicam a evolução do campo da Ciência da Informação, estabelecido, na sua fase inicial, pela perspectiva (matemática) da Informação de Shannon, que explica a problemática do processamento da informação, por meio da descrição sistêmica e objetiva de processamento (linear) de informação. Em sequência, por volta da década de 1970, surge o cognitivismo (ou construtivismo), centrado no usuário, e nas necessidades e uso de informação.

Fundamenta o viés cognitivo a ideia de que o conhecimento é criado internamente através do engajamento ativo e individualizado, e da interpretação da informação pelas pessoas, mediante a falta (*gap*) ou incerteza de informação (FULTON; HENEFER, 2010; TALJA; TUOMINEN; SAVOLAINEN, 2005). São, portanto, tópicos de interesse desta vertente o pensamento e o cérebro humano, cuja investigação é pautada em longa perspectiva filosófica, ou ainda nos estudos mais recentes desenvolvidos pelas ciências cognitivas, iniciados em meados da década de 1970 (BUDD. 2011).

Os aspectos cognitivos consistem em um "conjunto de construtos para o entendimento do comportamento de informação focado fundamentalmente em atributos do indivíduo" (PETTIGREW; FIDEL; BRUCE, 2001, p. 46, tradução nossa). Desta constatação, estabelece-se um dos principais conceitos paradigmáticos do campo da informação – necessidade de informação – que é considerado o fator elementar que impulsiona o processo de busca de informação, mediante um estado anômalo do conhecimento (BELKIN, 1982).

Ocorre que, assim como o cognitivismo buscou complementar abordagens puramente sistêmicas e computacionais, que negligenciaram o posicionamento do usuário no processo de informação, a atenção demasiada nos atributos internos das pessoas motiva crítica em favor da relevância da dimensão contextual, ambiental, prática e/ou social da informação. A partir dos anos de 1990, assumem o protagonismo de investigações inovadoras as abordagens sociais, como o sociocognitivismo, coletivismo ou socioconstrutivismo, ou ainda, por volta da década

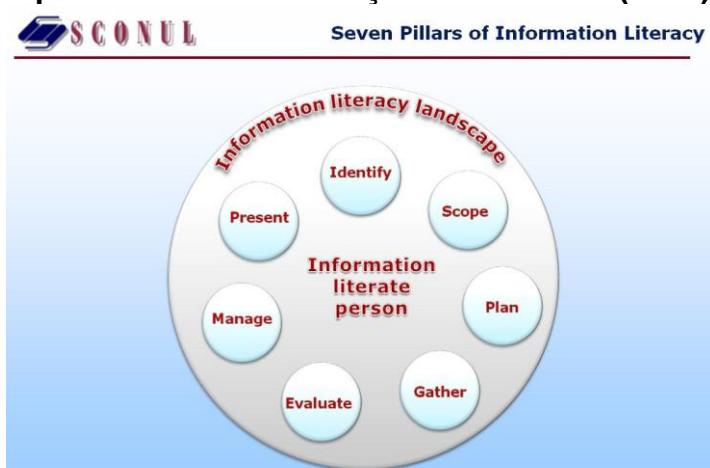
de 2000, o construcionismo (*constructionism* – concepção similar a do coletivismo, com foco na linguagem e no discurso das comunidades) (TALJA; TUOMINEN; SAVOLAINEN, 2005).

Os estudos de competências em informação acompanharam esta evolução dos “ismos”, em que o viés cognitivo é o que conduz à tendência majoritária de se produzir padrões (guias, parâmetros, diretrizes, modelos) para o desenvolvimento de competências em informação, em decorrência de alta demanda social.

No *21st Century Standards for Information Literacy*, descreve-se um modelo por meio do qual se promova a cidadania digital das crianças em idade escolar (FARMER, 2010). Já o estudo de Stern e Kaur (2010) é orientado em torno de competências em informação para adultos. De modo mais abrangente, o trabalho de Ponjuan (2010) traz um guia para planejamento de um programa nacional para competências em informação, semelhante ao estudo de Ghasemi (2012), que sintetiza um modelo para o desenvolvimento de competências em informação para o Ministério da Ciência, Pesquisa e Tecnologia iraniano, estruturando-o em três perspectivas: formulação de leis e regulações; produção de conteúdo e comunicação entre ativistas.

Na contextura internacional, destaca-se o modelo pioneiro (e mais conhecido), originado no âmbito do Ensino Superior – o estadunidense *Information Literacy Competency Standards for Higher Education*, da Association College Of Research Libraries (2000). Este, por sua vez, inspira tantos outros, tais como o *The Seven Pillars of Information Literacy*, da Society of College, National and University Libraries (2011), do Reino Unido. (Figura 1).

Figura 1 – Modelo dos Sete Pilares das Competências em Informação da SCONUL (2011)



Fonte: Society of College, National and University Libraries (2011, p. 4).

As sete capacidades (pilares) da pessoa competente em informação são:

- a) Identifica (*Identify*) – identificar uma necessidade pessoal de informação;
- b) Dimensiona (*Scope*) – avaliar o nível de conhecimento atual, bem como da necessidade de aquisição de novos conhecimentos; este pilar inclui também o conhecimento sobre os tipos de fontes de informações disponíveis e o que elas podem oferecer.
- c) Planeja (*Plan*) – construir estratégias para localizar informações;
- d) Reune (*Gather*) – localizar e acessar informação necessitada;
- e) Avalia (*Evaluate*) – comparar e avaliar informações obtidas em variadas fontes, conscientes das questões de autoridade e parcialidade das informações veiculadas por esses meios;
- f) Gerencia (*Manage*) – organizar profissionalmente e eticamente as informações; e
- g) Apresenta (*Present*) – aplicar o conhecimento adquirido, apontando resultados de pesquisa; sintetizar velhos e novos dados para criar conhecimento, disseminando-o através de meios variados (SOCIETY OF COLLEGE, NATIONAL AND UNIVERSITY LIBRARIES, 2011);

O mapeamento da capacidade cognitiva e habilidades das pessoas, realizado pelas sistematizações disponíveis, baseia-se na resolução de tarefas e problemas de processamento da informação em atividades formais – acadêmico e profissional – fato que gera crítica a desatenção dos pesquisadores para outras dimensões e contexturas sociais das competências em informação.

Lloyd (2010, p. 45) observa que

No século vinte e um, as competências em informação deveriam ser vistas como uma prática de informação crítica e central que constrói a capacidade das pessoas de negociar com os, cada vez mais, complexos ambientes sociais e tecnológicos, e como modo que facilitar o entendimento das modalidades de informação dentro de um ambiente e como estas modalidades são construídas. Todavia, no campo da Ciência da Informação e Biblioteconomia, a complexidade desta prática é frequentemente reduzida, por demais simplificada e direcionada em descrever habilidades de informação em vez de considerar as características socioculturais que possibilitam a prática emergir.

Bowles-Terry; Davis e Holliday (2010) consideram insuficiente a perspectiva linear dos modelos, denominados “fantasmas”, já que, por vezes, inibem a prática e o desenvolvimento de competências em informação:

Temos identificado várias práticas da instrução tradicional – o que Noorgard chama de ‘fantasmas’ que inibem os estudantes, apesar dos métodos mais progressivos. Eles incluem sessão instrucional única, demonstração das ferramentas da biblioteca, checklist avaliativo da Web, e livros-texto escritos que fornecem procedimentos lineares e passo a passo para a recuperação da informação de modo apropriado. Todos esses ‘fantasmas’ reforçam a ideia de que a pesquisa diz respeito a encontrar a quantidade correta de tipos de fatos certos e reportar estes fatos de volta para o professor. Assim [...] a nossa prática instrucional era assombrada por fantasmas da pedagogia tradicional.

Hoyer (2011) observa que

Enquanto os padrões se determinam serem ‘comuns’ a todas as disciplinas, a todos os ambientes de aprendizagem, e a todos os níveis de educação, eles são geralmente interpretados dentro de um foco mais estreito de um ambiente educacional, e especificamente mais frequentemente dentro de uma universidade (HOYER, 2011, p. 11) .

Corroborando, Gumulak e Webber (2011) indicam limitações em estudo empírico com crianças e adolescentes jogadores de videogames, público que representa parcela significativa da sociedade britânica (cerca de 82% dos jovens entre 12-17 anos). Essas atividades são de interesse de educadores e bibliotecários, na medida em que ocorrem em ambiente dinâmico e complexo de competências em informação. Por exemplo, a ausência de tutoriais ou falas, sejam em jogos educacionais ou direcionados ao público em geral, estimula a busca e leitura crítica de fontes variadas de informação para realização de multitarefas.

Dentre as competências identificadas, há a textual – a capacidade dos jogadores para desenvolver e utilizar bases de dados e fóruns de discussão, páginas na internet de fãs, revisões sobre jogos e *walkthroughs* (locais onde informações podem ser acessadas sobre como resolver problemas de um determinado jogo), panfletos e livros sobre jogos (ver Quadro 1).

Quadro 1 – Atividades relacionadas aos sete pilares das competências em informação (SCONUL, 1999)

Pilar	Exemplos
Reconhecer uma necessidade de informação	Necessita informação para reabilitá-lo em um jogo (<i>unstuck</i>); necessitam informação sobre um novo jogo, decidindo por comprá-lo ou não.
Identificar o fosso informacional sobre o que se sabe e o que se precisa saber	Rever e revisar um jogo, identificando o que é conhecido e o que precisa ser aprendido.
Construir estratégias para a busca da informação necessitada	Decide se vai para uma fonte mais fácil (ex. <i>walkthrough</i>) ou para outras que lhe darão sugestões ou conselhos, mais do que a solução (ex. com um membro da família).
Localizar e acessar a informação	Procura por um <i>walkthrough</i> , revisões, etc.; pede ajuda a um jogador experiente
Avaliar a informação	Compara informações sobre jogos em diferentes fontes
Usar e comunicar a informação (com atenção para os aspectos éticos e legais)	Aplica a informação em um problema: consegue sobreviver e vencer o jogo; aconselha os companheiros de jogo
Sintetizar e criar novo conhecimento	Escreve revisões de jogos; cria materiais no próprio jogo (ex. uma música nova no jogo <i>Guitar Hero</i>).

Fonte: Gumulak e Webber (2011, p. 250, tradução nossa).

Em adição ao quadro comparativo entre as habilidades/parâmetros indicados pelo *The Seven Pillars of Information Literacy*, da *Society of College, National and University Libraries* (1999) e as identificadas entre os jogadores de videogames, Gumulak e Webber (2011, p. 251) advertem para o fato de que o modelo despreza a perspectiva afetiva, atributo considerado fundamental na prática das competências em informação deste público, incluindo determinação, persistência, entusiasmo e curiosidade.

Ross (1999) e Stebbins (2012) ressaltam a dimensão afetiva como fator essencial que impulsiona leitores com os materiais de leitura, sugerindo que a busca de informação é, às vezes, ou em grande parte dos casos, mais do que a solução

racional de problemas. Ross (1999) observa que, no momento da aferição de credibilidade (Pilar Avalia), há uma tendência em se dar mais valor aos materiais indicados por amigos do que fontes formais que possuem autoridade comprovada, porém impessoais.

De modo semelhante, Dork, Carpenadale e Williamson (2011) pontuam limitações dos padrões, no que tange a valorização dos aspectos racionais, coerentes e preditivos, em detrimento das emoções. Os autores asseveram que o agir metodicamente por meio dos códigos referenciados indica uma pessoa “emocionalmente alienada” (DORK, CARPENADALE E WIILLIAMSON 2011, p. 1217).

2.1.1 Ambientes complexos, relativos e variados das competências em informação

O ponto de vista instrumental acarreta pouca evolução teórica na pesquisa sobre competências em informação, seja como processo ou como produto (BUDD; LLOYD, 2014), sintetizado por Julien e Williamson (2010) em duas perspectivas: “Este é o caso se as competências em informação são definidas instrumentalmente, como **é aparente** em vários padrões nacionais de competências em informação e nas práticas instrucionais dos práticos, ou se é definida mais conceitualmente [...]” (JULIEN; WILLIAMSON, 2010, tradução nossa, grifo nosso).

Em movimento reparador, mediante os espaços deixados pela pesquisa tradicional, estabelecem-se abordagens sociocognitivas ou socioculturais: “[...] nome de uma família teórica mais do que uma teoria específica estreitamente definida” (BUDD; LLOYD, 2010, p. 3, tradução nossa), aplicadas em conjectura informacional cada vez mais complexa, relativa e variada, mediante a valorização do contexto em que ocorrem as práticas de informação: “Informação é social” e “[...] todas as habilidades informacionais dependem fortemente do entendimento claro do contexto no qual um indivíduo atua”. (HOYER, 2011, p. 13-14, tradução nossa).

A informação “[...] necessita de um contexto para ser compreendida” (FREIRE, G.; FREIRE, I., 2009, p. 101), o que pode ser exemplificado pelo fato de que as competências relacionadas à informação sempre adquirirem novas roupagens terminológicas – competência em computadores (*computer literacy*), competência em mídias (*media literacy*), dentre outras. A informação é contextual ou “relacional”, já que sua definição depende do contexto (GOZALEZ DE GOMEZ,

2003, p. 34). Para Wersig, na Ciência da Informação “ou qualquer coisa que este campo seja chamado”, não haverá uma teoria, mas uma estrutura de conceitos ou modelos científicos amplos e opiniões comuns reformuladas, entrelaçadas com suporte em dois aspectos: como foram desenvolvidos e de que modo podem ser relacionados com amparo em novos contextos caracterizadores da aplicação do conhecimento (WERSIG, 1993).

A perspectiva sociocultural, crescente a partir dos anos 2000, transmuta as tradicionais noções psicológica e cognitiva para o domínio social e cultural da informação. Segundo Budd e Lloyd (2010), esta abordagem tem origem nos: a) Estudos de Novas Competências (*New Literacy Studies*) e abordagens similares, fundamentados no conceito de prática social; e b) Estudos de Ciência e Tecnologia, especificamente no que se refere ao aspecto sócio-material dos fenômenos humanos, orientados pelo papel construtivo das tecnologias em influenciar o que há para ser aprendido e como deve ser aprendido. Desta convergência, entende-se que as novas competências não se restringem apenas à dimensão cognitiva (de natureza autônoma, e tratada no singular), mas à outras práticas incorporadas na contextura local (de natureza ideológica ou sociocultural – as quais incluem as relações de poder – sempre descritas no plural).

A associação entre a subjetividade humana e a atmosfera sociocultural revela “[...] a complexidade da natureza do pensamento, conhecer e ser informado” (BUDD, 2011). Budd (2011), em oposição ao predominante materialismo eliminativo, ou eliminativismo⁷, expressa postura investigativa mais compreensiva, fundamentada nas variadas concepções (ou naturezas) da realidade humana (ou informacional). O gênero musical, por exemplo, possui natureza diferente do científico, e assim sucessivamente.

Nesses termos, o autor argumenta ser improutivo dissociar os elementos não facilmente evidenciáveis da subjetividade humana do viés naturalista, objetivo e material da informação. Ambos – subjetividade e objetividade – são partes de um amplo projeto para a compreensão da natureza humana (BUDD, 2011), sendo mais oportuno “transcender” as variadas naturezas do fenômeno da informação com o intuito de complementação, e não de eliminação de uma ou outra abordagem, já que

⁷ Essas concepções de cunho objetivista desconhecem a existência de estados mentais não reconhecidos pelo campo de estudo da neurofisiologia, isto é, que podem ser comprovados fisicamente (objetivamente), por meio de estados neuronais identificados no cérebro humano, e, portanto aptos a serem classificados como tal.

todas auxiliam no desafio de compreender os efeitos do ambiente na mente humana.

Corroborando, Jones (2008) convoca o campo da Ciência da Informação e Biblioteca para revitalizar-se por meio de

uma abordagem mais inclusiva ou holística que leve em consideração tanto o “objetivo”, como o encontramos pesquisado na ciência, quanto o ‘subjetivo’, que é central para os achados que fizemos nas humanidades [...] o objetivo e subjetivo como sendo integral para a operação de um processo, que, por sua vez, é operacionalizado em diferentes escalas de atividades (JONES, 2008, p. 484, tradução nossa).

Em competências em informação, esta tarefa aproximativa e transdisciplinar⁸ é assumida por Julien e Williamson (2010), que associa os tópicos “competências em informação” e “busca de informação” (*information seeking*), os quais foram, ao longo do tempo, desenvolvidos em diferentes frentes investigativas. O estudo de busca de informação está vinculado ao de “comportamento de informação” (*information behavior*), ou, como prefere Wilson (1997), “comportamentos de busca de informação” (*information-seeking behavior*), e, mais recentemente, aos de “práticas de informação” (*information practice*). O emprego da expressão “prática de informação” fundamenta-se na tentativa de fugir da ideia meramente behaviorista, cognitivista e psicológica em torno da palavra “comportamento”, e da desatenção para o fato de que a informação e o conhecimento são constituídos com base em contexto sociocultural (FULTON; HENEFER, 2010). A “prática de informação” representa o viés social da informação, constituída mediante as interações humanas em comunidade (YU, 2011, p. 7).

Schartzki (2002 apud COX, 2012) explica que o “social” consiste de pessoas, artefatos, organismos e coisas, ligados por variados tipos de relacionamento (causal, espacial, intencional etc.), os quais são foco dos estudos de *busca de informação* – que intentam saber: “como as pessoas buscam e fazem uso de informação, os canais que eles empregam para ter acesso à informação, os fatores que inibem e motivam o uso de informação” (WILSON, 1997, p. 551, tradução nossa), ou, ainda,

⁸ Termo aplicado no sentido dado por Doucett (2011), que representa a estratégia de pesquisa que cruza as fronteiras das outras disciplinas de modo a criar uma abordagem holística sobre a temática pesquisada.

⁹ É largo emprego, na literatura corrente, da dicção *comportamento de informação*, apesar de que este construto possa estar “[...] gramaticalmente incorreto, já que a *informação* não se comporta; somente as pessoas” (PETTIGREW; FIDEL; BRUCE, 2001, p. 44, tradução nossa)..

“como as pessoas necessitam, buscam, fornecem e usam informação em diferentes contextos, incluindo o local de trabalho e o da vida cotidiana”. (PETTIGREW; FIDEL; BRUCE, 2001, p. 44, tradução nossa).

Neste entendimento, o exclusivo reconhecimento de certas habilidades (cognitivas) de informação não é mais suficiente para a compreensão das competências em informação, as quais são influenciadas por um contexto social carregado de significado. Como “prática de informação”, por exemplo, há que se considerar a impossibilidade de mensuração direta das entidades que compõem o fenômeno informacional, por serem altamente relativas às outras entidades, cujo significado e valor depende e é atribuído em cada prática. No plano prático, ocorrem ações, cujo significado é determinado pela prática; e mais: mesmo considerando práticas de mesma natureza, uma ação em uma determinada prática pode significar algo completamente diferente em outra (COX, 2012). Assim, “o estudo da informação nas práticas sociais – em outras palavras, a exploração de como as atividades de informação são tecidas através das práticas sociais – poderia ser uma perspectiva altamente produtiva” (COX, 2012).

Corroborando, Budd e Lloyd (2014) descrevem as competências em informação como prática social em determinado lugar, interconectada com outras práticas através de redes de entendimento. Elas decorrem da interação entre as pessoas, informação e práticas de conhecimento do plano local, e no que conecta práticas e o que possibilita, ou impede, o desenvolvimento de uma prática, e em como as atividades e estratégias de informação são socialmente constituídas, moldadas e negociadas nas práticas.

Quando explicada ontologicamente, uma prática está associada a um local social, lugar onde coexistem variadas práticas e acordos. Ao ingressarem (legitimamente e de modo autorizado), as pessoas passam a entender como a vida social acontece, através das maneiras de conhecimento e de aprendizagem. Esta perspectiva investiga ainda como as coisas acontecem, e como um acontecimento emerge a partir do que é dito e feito, as quais estão entrelaçadas no lugar social. Um dos conceitos centrais é o de prefiguração (prefigurement), que indica que as práticas são prefiguradas (predeterminadas) por um processo de interação social, que origina dimensões complexas de aprendizado (BUDD; LLOYD, 2014).

Está incluído na valorização teórica do contexto sociocultural a teoria do embodiment (incorpodado), desenvolvida nas últimas décadas, e, mais

recentemente, do *emplacement* (situado). A primeira, que reinvindica a existência de modos de conhecer incorporado (*embodiment*), mediante a transposição do modelo cartesiano dualístico em curso até meados do século passado, que separa o corpo e mente da explicação de como conhecemos e como ocorre os nossos engajamentos de informação com o mundo (PINK, 2011). O antropólogo Thomas Csordas, fundamentado no filósofo Maurice Merleau-Ponty e o sociólogo Pierre Bourdieu, propôs o entendimento de que a nossa percepção não é legitimada pela distinção entre corpo e mente, isto é, de um lado, o corpo representado pelas experiências da cotidianidade através dos sentidos, e, do outro, o conhecimento racional.

Através do *embodiment*, o conhecimento não é restrito apenas na mente, mas está contido em práticas incorporadas – mediado pelo corpo humano (multisensorial) – que não podem ser expressas em palavras.

Pink (2011), seguindo Howes (2005), sinaliza a evolução da noção do *embodiment* (incorporado) para o emergente paradigma do *emplacement* (situado), unidade de ideia que sugere o interrelacionamento entre mente, corpo, e ambiente. Assim, as nossas experiências de informação constituem-se em experiências incorporadas, de modo que o aprendizado é mediado tanto pelas essências fixas – corpo biológico, a arquitetura de informação dos locais, as dimensões discursiva-cultural e material-econômica – quanto da consciência (BUDD; LLOYD, 2014; PINK, 2011), constituindo parte de uma configuração específica, ou complexa ecologia de pessoas e coisas (PINK, 2011). Este pensamento é expressado como uma nova possibilidade analítica para a compreensão de eventos e desempenho especializados.

Outro modo de estender o escopo do fenômeno informacional é pela noção de prática de informação, que comporta duas unidades de ideia – “pratica de informação” e “prática social de informação”. Cox (2012) esclarece que, embora a informação esteja intrínseca a quase todas as atividades humanas, nas quais são observáveis o uso, criação e busca de informação, raramente ela é o centro das atenções dos atores sociais. Deste modo, somente algumas práticas são informacionalmente orientadas (caracterizadas por buscas com objetivos bem-definidas, intencionais, mediante uma necessidade de informação pré-determinada) – denominadas práticas de informação – como as que ocorrem nos tradicionais sistemas de informação (bibliotecas, arquivos, museus).

Como prática social de informação, o fenômeno informacional não obedece à lógica da existência de uma necessidade de informação predefinida ao uso de fontes de informação disponíveis, que depende de ações racionalmente tomadas pelas pessoas. A ativação ou impulsão do fenômeno informacional é mais complexa, podendo ocorrer processos de buscas não intencionais e a descoberta da informação por acaso, as quais ocorrem em realidade dinâmica, fluida e descentrada, sendo ainda produto não apenas da interação dos humanos, mas também dos não humanos (LATOUR, 2012; LAW, 1992). Neste cenário, o elemento que agencia a informação e colabora para as ações de informação não é apenas a pessoa, mas inclui os não humanos. Esses últimos, por sua vez, são atores, e não apenas pura materialidade simbólica; eles possuem agência e agem em diferentes velocidades e acelerações, estabelecendo variadas conexões, a exemplo do que se observa na participação massiva das novas tecnologias de informação e comunicação nas interações sociais.

Atrelado ao processo cultural, o fenômeno informacional possui condição de alta mutabilidade, de quantidade quase infinita (KUPER, 2002). Como algo construído, a sua compreensão depende da sua desconstrução e reconstrução com base na sua heterogeneidade – reassociando componentes heterogêneos, agenciadores de informação (humanos e não humanos) e elementos responsáveis por movimentos singulares de segregação e reassociação.

2.1.2 Competências em informação para além do viés cognitivo

Casos reportados na literatura corrente reforçam a complexidade da prática e desenvolvimento de competências em informação. No período do mestrado, realizamos estudo empírico com comunidade de docentes do âmbito do Ensino Superior, com o objetivo de compreender o fenômeno das competências em informação pela óptica de um dos modelos disponíveis. Considerando-se a realidade atual da informação científica brasileira, foi avaliado especificamente o uso do *Portal de Periódicos* (Ministério da Educação/CAPES) – reconhecidamente a principal plataforma de acesso às informações acadêmicas. Dentre os principais achados, foram observadas práticas de informação não recomendadas pelas atuais diretrizes das competências em informação. Deveríamos considerar os pesquisados,

baseados na sua desatenção aos preceitos das competências em informação, incompetentes em informação (*information illiterates* – ZURKOWSKI, 1974)?

Na pesquisa, os comportamentos não recomendados decorreram do fato de que a maior parte dos participantes fundamentam as suas escolhas mais pelo uso das fontes a partir de critérios baseados em conveniência (agilidade, praticidade etc.) do que por aspectos vinculados a credibilidade e precisão do conteúdo veiculado. Entende-se por conveniência:

[...] um critério **situacional** nas escolhas e ações das pessoas durante o processo de busca de informação. O conceito pode incluir as escolhas por uma fonte de informação, a sua satisfação com a fonte e o fácil uso, e o horizonte de tempo na busca por informação (CONNAWAY; DICKEY; RADFORD, 2011, p. 180, tradução nossa, grifo nosso).

Os novos meios de acesso à informação incentivam, frequentemente, comportamentos baseados em conveniência, decorrentes do fato de que:

[...] os estudantes e docentes serem pessoas muito ocupadas nas suas ciências, que necessitam de conveniência e preferem trabalhar nos seus escritórios e laboratórios, mais do que ir a biblioteca, a não ser que seja extremamente necessário [...] a realidade é que os acadêmicos escolhem conveniência no acesso à informação mais do que qualidade das fontes. (KURUPPU; GRUPER, 2006, p. 613, tradução nossa).

Na base da ideia da conveniência, está o princípio do menor esforço (*principle of least effort*) (ZIPF, 1949; MANN, 1993), que explica o fato de as pessoas preferirem o que lhes exige menos esforço para recuperar as fontes de informação pretendidas, pois “[...] tendem a estar mais interessadas em minimizar perdas, em vez de maximizar ganhos”. (KIM; SIN, 2011, p. 179, tradução nossa). Na intelecção de Connaway, Dickey e Radford (2011, p. 187, tradução nossa), um modo de se perceber a conveniência é “quando as pessoas perdem a paciência e o tempo para vagar pelas listas e grupos separados dos conteúdos das bibliotecas e diferentes índices e resumos das bases de dados”, aspecto expressado pelos Pesquisados 2, 3 e 7 (Quadro 2).

Quadro 2 – Conveniência: agilidade na busca pela informação

Pesquisado 2	<i>“Utiliza, com dificuldade, a opção de busca simples. Não completa a atividade. – ‘E quando a gente perde a paciência?, questiona”.</i>
Pesquisado 3	<i>Para ele, “O sistema de busca do Portal de Periódicos da Capes é complicado, exige muito refinamento, dificultando a recuperação”. Afirma, ainda, ter dúvidas sobre a hierarquia das bases de dados do portal e da abrangência da metabusca e qual sua relação com as bases com que estava familiarizado e que tem conhecimento. Dentre elas, cita o Google acadêmico, que considera rápido e prático.</i>
Pesquisado 7	<i>Não obtendo resultados satisfatórios no processo de busca dos artigos, prefere realizar essa atividade no segundo momento da pesquisa, sobre o qual ele fora informado que receberia instruções do pesquisador por meio de um treinamento.</i>

Fonte: Dados da pesquisa.

O uso de meios públicos de informação é prática bastante comum em comportamentos convenientes (KINGSLEY et al., 2011), como observamos no caso dos Pesquisados 3 – que prefere o Google Acadêmico – e do Pesquisado 1 (Quadro 3):

Quadro 3 – Conveniência: o uso de motores públicos de informação

Pesquisado 1	<i>Afirma nunca ter utilizado a metabusca do Portal. Inicia pela opção de busca simples. Não satisfeito com o resultado, abre em nova página o Google, no qual busca diretamente pela base de dados Scielo, modo pelo qual considera mais ágil e que atende as suas necessidades de informação.</i>
---------------------	---

Fonte: Dados da pesquisa.

Optar pelo uso de motores públicos de acesso à informação pode ser uma decisão potencialmente perigosa, em decorrência da falta de regulação e de avaliação, do anonimato na autoria, da rápida disponibilização, da edição das informações, da inexistência de filtros de refinamento de busca (VAND DE VORD, 2010; KIM; SIN, 2011; KINSGLEY et al., 2011), ou, ainda, em razão de informações imprecisas e até mesmo falsas (ORIHUELA, 2007; BURKE, 2010, p. 248) dos novos ambientes informacionais. Para Van de Vord (2010), encontrar informações de modo mais fácil e conveniente pode comprometer a qualidade pela eficiência e estimular os usuários a atribuírem a qualidade da informação à agilidade do motor de busca.

Como alvitram Biddix, Chung e Park (2011, tradução nossa), as pessoas até valorizam a credibilidade das fontes formais de informação, mas preferem eficiência:

O uso dos catálogos e bases de dados das bibliotecas exige mais tempo, pois não possuem uma interface amigável. [...] As bases de dados das bibliotecas adotam sequências de busca especializada para localizar a informação [...] Elas precisam ser simplificadas. A necessidade de operadores booleanos, o uso de tesouros e outras opções de busca avançadas é problemática em um mundo cada vez mais acostumado com a informação na mão [...] um portal simplificado, que pareça com um motor público de busca, parece ser a solução mais apropriada [...].

Kuruppu e Gruber (2006, p. 620, tradução nossa), em seu estudo com graduandos e docentes de Ciências Agrárias e Biológicas da Universidade do Estado de Iowa (EUA), observam:

Claramente, alguns acadêmicos escolhem a conveniência acima da qualidade das fontes de informação. Alguns dos estudantes expressaram frustração sobre encontrar exatamente o que eles precisavam entre as milhares de fontes disponíveis; eles não possuíam habilidades avançadas que poderiam capacitá-los para melhorar suas pesquisas e a precisão dos seus resultados. Foi óbvio que quase todos os participantes usaram motores de busca da web para encontrar suas fontes de informação acadêmicas. O fácil uso do Google foi a principal causa da sua popularidade entre os acadêmicos de ciências, embora alguns indivíduos estiveram claramente desapercebidos do acesso limitado desses motores de busca às publicações da literatura acadêmica.

No estudo, o uso frequente de instrumentos públicos de informação (ou não institucionais) foi também percebido na falta de conhecimento ou de interesse dos pesquisados, com exceção do Pesquisado 6, nas opções de busca avançada. É preciso alertá-los para a ideia de que, neste tipo de meio, os métodos de busca são fundamentados em critérios de popularidade do sítio, e não, necessariamente, em relevância e confiabilidade das informações (VAN DIJCK, 2010).

No caso do *Google Acadêmico*, preferido pelo Pesquisado 3, Van Dijck (2010) destaca algumas características deste mecanismo:

- a) classificação do resultado de busca com base em popularidade (método *PageRank*), e não em relevância;
- b) incompletude na cobertura das fontes científicas, já que algumas sociedades científicas (por exemplo, a *American Chemical Society*) e empresas de bases de dados (por exemplo, a *Elsevier*) se recusam a dar acesso aos seus conteúdos;
- c) não revelam a frequência de suas atualizações;

- d) fazem referência a várias fontes não oficiais, como materiais não publicados e apresentações *PowerPoint*, em sítios de universidade, com qualidade indefinida (*non peer reviewed*), o que pode confundir até mesmo os usuários mais experientes; e
- e) obscuridade das políticas de privacidade e confiabilidade e de reúso das informações (metadados) sobre o comportamento dos usuários individuais e coletivos.

Na inteligência de Kingsley *et al.* (2011, p. 2, tradução nossa), esse contexto exige do usuário “[...] balancear continuamente a necessidade por informações de fácil acesso, prontamente disponíveis e confiáveis, e evitar informações online questionáveis, imprecisas, incompletas e enganadoras”. Walsh (2010, p. 499) demonstra-nos dois tipos de imprecisão de informações: a informação errada (*misinformation*), isto é, sem elemento intencional, produzida por erros honestos; e a desinformação (*disinformation*), criada para induzir o usuário ao erro.

De origem militar, nas batalhas entre a antiga China e os ianques, e na II Guerra Mundial, a palavra desinformação (*disinformation*) pode ser aplicada em texturas sociais distintas, como política, vendas, *marketing*, televisão e, mais recentemente, na internet, espaço onde é incentivada pela falta de mecanismos de controle do conteúdo digital. Bem mais difícil de serem percebidos, os erros intencionais impulsionam atitude cética por parte dos usuários da internet às mídias digitais (VAN DE VORD, 2010, 2010; WALSH, 2010).

No meio acadêmico, Van Dijck (2010) considera que a manipulação não é o único problema, mas a falta de transparência nos métodos de busca mediante questões econômicas, políticas e socioculturais: “a produção do conhecimento científico é muito importante para que se deixe nas mãos de companhias e máquinas inteligentes” (p. 588, tradução nossa). Kingsley *et al.* (2011) acentuam que a preferência por usar o Google, no contexto acadêmico, aumenta os riscos de acesso a informações incorretas, e o seu uso massivo indica falta de treinamento sobre o emprego das fontes de informação *online*.

No caso dos docentes, observamos que a aplicação da conveniência fere diretamente os preceitos do pilar Avalia (*Evaluate*), e, pelo fato de este estar inter-relacionado aos demais, influencia as demais aptidões. Por exemplo, em relação ao pilar Planeja (*Plan*), é possível observar que comportamentos baseados em conveniência decorrentes do emprego constante de motores de busca que não

exigem o refinamento de busca ensejam imperícia nos ambientes de informação especializada, mediante a incapacidade de parte dos docentes de estabelecer estratégias para localizar informações pretendidas, de modo efetivo.

Na atividade, apenas o Pesquisado 6 possuía senha para acesso restrito ao conteúdo do portal e foi o único a utilizar a opção de busca avançada, realizando, efetivamente, combinações booleanas com os termos “evapotranspiração” e “sensoriamento remoto”, na grande área do conhecimento “Ciências Agrárias”. Os demais participantes utilizaram apenas a opção de busca simples, prática mais comum daqueles que se louvam nos motores de busca do público em geral, comportamento que limita as possibilidades de uso pleno dos conteúdos disponíveis.

Houve ainda o caso do Pesquisado 7 (Quadro 4), que exemplifica imperícia deste no emprego das opções de pesquisa disponíveis.

Quadro 4 – Conveniência: a preferência pela opção de busca simples

Pesquisado 7	<i>Confunde-se com as opções de busca disponíveis e elabora uma estratégia de busca sem efeito: preenche, ao mesmo tempo, todos os formulários disponíveis (por assunto, base de dados e título de periódico) com variados termos de busca. Ele comenta sobre o Portal de Periódicos: “Falta de conhecimento do próprio portal com suas ferramentas. Não utilizar outros portais ou ferramentas afins dificulta possíveis decisões na busca”.</i>
---------------------	---

Fonte: Dados da pesquisa.

Ocorre que, se a conveniência poderia afetar a qualidade da produção de conhecimento, ela revelava que os métodos de organização e disponibilização dos conteúdos especializados precisam atender variados aspectos socioculturais dos seus usuários. Havia a necessidade de desenvolvimento de veículos mais amigáveis para atrair os tipos e gerações distintos de usuários (Quadro 5).

Quadro 5 – Conveniência: preferência por ferramentas descomplicadas

Pesquisado 2	<i>Afirma ter dificuldade para usar o computador.</i>
Pesquisado 7	<i>Expressa desconforto e insegurança na realização da atividade proposta. Afirma que tem dificuldade de usar o computador, o que, para ele, é um problema de sua geração. Percebe que, se de um lado, sente receio de danificar ou desconfigurar o computador, de outro, observa que seus filhos demonstram domínio pleno das mais novas tecnologias.</i>

Fonte: Dados da pesquisa.

E mais: o desenvolvimento de cultura de pesquisa em ambientes institucionais, formais, com aferida credibilidade, como o *Portal de Periódicos*, não poderia, todavia, deixar os usuários temerosos sobre o uso dos demais canais de informação, ao serem denominados simplesmente “incompetentes em informação”.

Terminologicamente, Lin (2010) esclarece haver os que o interpretam as competências em informação de modo restrito, quando o utilizam apenas para legitimar o papel das bibliotecas de retificar uma “deficiência” do usuário. Por este viés, “ambos ‘alfabetização’ e ‘competência’ poderiam criar indesejáveis fobias: ‘as pessoas podem simplesmente se tornar tão envergonhadas de não serem alfabetadas [letradas, capacitadas, competentes, eficientes] em informação do mesmo modo que ficam quando iletradas em outras circunstâncias. Muitas pessoas já são fóbicas à tecnologia. Nós, certamente, não queremos torná-los igualmente temerosos da informação [...] Em relação à ‘competência’, algumas pessoas ainda irão se arrepiar pela implicação de que são incompetentes em informação.’” (ISAACSON, 2003 apud LIN, 2010, p. 552, tradução nossa).

Compreendemos que o agir de modo conveniente ressalta também aos olhos dos bibliotecários mais ortodoxos outras faces (e práticas) da experiência humana com a informação, sobretudo aquelas fortemente guiados pela busca de prática positiva (conveniente, prazerosa, agradável etc.), ainda não suficientemente estudados pela Ciência da Informação, já que prevalecem como ponto central de pesquisa corrente os contextos formais – acadêmico e profissional – e nas conjunções de problemas que envolvem o acesso à informação (HARTEL, 2003).

A praticidade e a agilidade, tanto em canais formais como nos informais, são almejadas pelos que atuam no novo “ecossistema de informação” (MACE, 2007 apud MÊGNIGBÊTO, 2010, tradução nossa), no qual os “[...] usuários e cidadãos não estão esperando a permissão para assumir o controle no sentido de encontrar e organizar informações”. (WEINBERGER, 2007, p. 133). Por exemplo,

A Wikipédia não tem editores oficiais, nenhum processo editorial bem regulamentado, nenhum controle sobre os parâmetros que determinam quando um artigo é considerado pronto para publicação. Seus autores não precisam ter nenhum tipo de credencial. Na verdade, os autores não precisam nem mesmo ter um nome. A aceitação pela Wikipedia de artigos diversos, de autores anônimos, provoca resistência tão ferrenha que às vezes interfere na compreensão (WEINBERGER, 2007, p. 135).

Corroborando, Orihuela (2007, p. 10) assevera que:

a blogosfera faz parte do novo cenário midiático e complementa as funções dos meios de comunicação tradicionais ao trazer uma textura e ponto de vista pessoal ao modo como os temas da atualidade são abordados, uma vez que gera agendas paramidiáticas (que extrapolam a comunicação) de grande interesse para as comunidades especializadas.

Esta nova realidade é observada no caso do Pesquisado 1 (Quadro 6).

Quadro 6 – Conveniência: o uso de canais informais de informação

Pesquisado 1	<i>Na pesquisa via Google, visualiza registro da Wikipedia e prefere que não utilizá-lo por considerar o seu conteúdo duvidoso. Por outro lado, é autor de blog, ferramenta que considera essencial no desenvolvimento de suas atividades acadêmicas – Ensino, Pesquisa e Extensão.</i>
---------------------	---

Fonte: Dados da pesquisa.

Assim, os novos canais de informação precisam ser reconhecidos e seu uso incentivado, pois dão suporte e potencializam uma constelação de práticas, incluindo as de informação científica. Pelo fato das variadas práticas sociais estarem inter-relacionadas (COX, 2012), reforça-se a constatação de que é invariável a intenção das pessoas por experiências positivas com a informação, em quaisquer circunstâncias. Consequentemente, é exigido que serviços de informação especializados estejam sempre atentos a necessidade de desenvolvimento de meios mais amigáveis e intuitivos de acesso à informação. Neste sentido, Connaway, Dickey e Radford (2011) sugerem que, para atrair usuários e mudar a imagem das bibliotecas – um lugar quieto para acesso a livros – as instituições deveriam promover práticas semelhantes aos serviços disponibilizados na Web (por exemplo, *Google, Amazon.com e Itunes*).

É relevante destacar o argumento de que a abordagem positiva da informação é nutrida por movimento teórico recente, crescente e inovador, em torno de pesquisas que retratam as práticas de informação como positivas e fontes de vida (BATES *et al.*, 2009; HARTEL, 2003, 2007). Segue este pensamento Keilty (2012), ao analisar a busca de pornografia online e elencar um conjunto de tópicos que podem ser úteis para a explicação de princípios e ideias de estudos de busca de informação em cenários de informação mais amplos, tais como: “[...] ansiedade, lazer, prazer, tédio, frustração, incerteza, curiosidade, serenidade, surpresa,

antecipação, imersão, percepção e cognição, hábitos e memória, para não mencionar o desejo" (KEILTY, 2012, p. 45).

Estudos que valorizam os aspectos afetivos positivos já são desenvolvidos em outras áreas, incluindo psicologia e sociologia, cuja proposição é ir além do efeito das experiências negativas (barreiras, limitações etc.). Na psicologia positiva, são objeto de interesse a felicidade, virtude, coragem, amor, criatividade, justiça e tolerância. Já na sociologia positiva, investiga-se o porquê e quando as pessoas alcançam o que elas desejam e fazem para tornar a sua existência mais atrativa e fazer a vida ter sentido.

Corroborando com Keilty (2012), Dörk, Carpendale e Williamson (2011, p. 1219) e Fulton e Vondracek (2009) percebem o prazer como relevante aspecto propulsor da busca de informação, particularmente sub-representado na pesquisa corrente em CI. Esta condição, todavia, começa a ser revertida pela exploração de contextos maiores da vida – como ocorre no estudo da informação no lazer.

Há longa tradição em caracterizar a busca de informação com base em noções negativas humanas (menores coisas da vida – *lower things in life*), como no amplo reconhecimento de que o fator propulsor da busca de informação é uma “necessidade” (ou estado anômalo do conhecimento), mediante um “problema”, ou “inabilidade” de especificar tal necessidade, “confusão” e “incerteza”. Os estudiosos do lazer demonstram que esses conceitos possuem aplicação limitada, sobretudo em prática sociais de informação não obrigatórias (*non-work*) e/ou de práticas “comuns” de informação (LEE; TRACE, 2009, p. 632).

A pesquisa sobre o enfrentamento, sofrimento, trabalho, desempenho em tarefas e resolução de problemas – necessidades básicas do ser humano ou “coisas menores da vida”, ainda que relevantes, cobrem apenas metade do que ser humano (KARI; HARTEL, 2007). Em contrapartida, pouco se tem pesquisado sobre as “coisas maiores da vida” – fenômenos e experiências humanas positivas de atividades que transcendem a rotina diária, com sua racionalidade e necessidades. Elas podem ser classificadas:

- a) Prazerosas – algo agradável e satisfatório, desejado subjetivamente para fazer ou realizar com fins de conseguir sensações agradáveis e prazerosas; e
- b) Profundas – algo profundo e sublime; é alto que objetivamente reflete nas possibilidades da humanidade para alcançar do seu completo potencial; essas coisas idealísticas são a antítese das coisas mundanas (KARI; HARTEL, 2007).

Quadro 7 – Exemplo de coisas prazerosas e profundas

Prazerosas	Profundas
Arte	Estados Alterados da Consciência
Beleza	Altruísmo
Celebração	Melhoramento do mundo
Entretenimento	Criatividade
Diversão	Emoção
Hedonismo	Ética
Hobbies	Desenvolvimento humano
Humor	Intuição
Lazer	Significado ou propósito na vida
Jogar	Paranormal ou sobrenatural
Relaxamento	Pensamento positivo
Sexualidade	Espiritualidade & Religião
Riqueza	Valores & Necessidade maiores
	Virtudes
	Voluntariado
	Sabedoria

Fonte: Kari e Hartel (2007, p. 1133).

Esta divisão conceitual não deve ser compreendida como algo rígido, exclusivo, já que o sentido do que é prazeroso e profundo depende da interpretação das pessoas, inseridas em distintos contextos. Do mesmo modo, seria incorreto considerar que todas as atividades prazerosas e profundas seriam totalmente positivas e, de outro lado, as atividades essenciais (formais e menores coisas da vida) seriam negativas (KARI; HARTEL, 2007).

Tomemos como exemplo o caso da pornografia online, estudado por Keilty (2012). Os aspectos éticos e políticos (sexo, anti-pornografia, feminismo, violência e subordinação das mulheres, obscenidade) tem contribuído para o desinteresse dos

pesquisadores pelas atividades de informação centradas na sexualidade e desejo humanos.

Neste contexto, ocorre a descoberta accidental (*serendipitous*) de informação, em busca de satisfação de outras necessidades psicológicas, afetivas e cognitivas. No entanto, o prazer sexual não ocorre apenas com o propósito fundamental de acasalamento e propagação das espécies, mas também como mecanismos de comportamentos de informação diversos relacionados à adaptação e sobrevivência. Posto de outro modo, Keilty (2012) assevera que há um propósito mais amplo (*higher*) – em dimensões sensuais e afetivas – negligenciadas pelo criticismo humanístico impreciso em favor de modos de descrição mais rigorosos e objetivos (KEILTY, 2012; WILLIAMSON, 1998).

O negligenciamento de examinar as respostas carnais na pornografia pode refletir uma suposição de que a experiência de informação é fundamentalmente cognitiva – a la Os Estados Anomais do Conhecimento de Belkin. Neste sentido, as nossas experiências incorporadas tornaram-se imediatamente objetivadas, não somente na forma de descrições quantitativas, mas também na forma de auto-consciência ou conhecimento positivo. A percepção da pornografia, todavia, não pode ser reduzida somente à questão do conhecimento, já que a sensação não pode ser equiparada com a consciência reflexiva de fazer sentido. Em outras palavras, a percepção não pode ser reduzida apenas aos sentidos, já que a sensação não é inteiramente constituída de conhecimento consciente (KEILTY, 2012, p. 42).

Keilty (2012) explica que os engajamentos de informação, com base na percepção ou *sense-making* (DERVIN, 1992), pouco tem a dizer sobre os modos incorporados de conhecer. Em vez de reproduzir o modelo cartesiano dualístico – corpo e mente separados – o autor defende que o *sense making* deve ser compreendido como mediado por ambos consciência e corporalidade.

De acordo com esta perspectiva, o aprendizado nunca é meramente instrumental (behaviorista), pois está relacionado à uma lógica subjetiva, ainda que esta subjetividade não deva ser compreendida como individualismo ou particularidade, mas sim como processo socialmente mediado.

2.2 Lazer como campo de pesquisa das coisas maiores da vida

A noção das “maiores coisas da vida” (*higher things in life*) ressalta fenômenos, experiências ou atividades que transcendem a racionalidade e as necessidades da rotina diária, como, por exemplo, o prazer, a criatividade, a ética e o crescimento pessoal (KARI; HARTEL, 2007; LEE; TRACE, 2009; STEBBINS, 2006). Essas variáveis compõem os “contextos maiores” (*higher contexts*), ideia que contrapõe contextos de atividades humanas obrigatórias, sobretudo acadêmicos e profissionais, considerados “contextos mais baixos” (*lower contexts*) (LEE; TRACE, 2009).

Embora relevantes, as investigações sobre prazer e demais aspectos mais profundos são raros, ainda que “[...] necessários, pois reúnem a mente, coração, sensos e a alma da pessoa que busca a informação” (LEE; TRACE, 2009).

Kari e Hartel (2007, p. 1141) esclarecem que

A disciplina da ciência da informação tem tradicionalmente examinado tipos particulares de informação e comportamentos de informação como incorporados (*embedded*) em contextos diversos. Por exemplo, a busca de informação já foi estudada nos contextos dos fatores econômicos e doenças. Esta abordagem é boa no estabelecimento das propriedades dos processos de informação que são verdadeiras em muitos contextos [...] a fraqueza deste modo, por outro lado, tende a ser a insensibilidade contextual: qual contexto particular o pesquisador seleciona não é realmente significativo, porque o interesse principal foca no fenômeno de informação. Existe uma outra perspectiva, igualmente legitimada, que busca em certos contextos (como das coisas maiores) como possuidores de diversos tipos de estruturas e processos de informação. Aqui a unidade de análise muda de um fenômeno de informação para um contexto.

Fulton (2009) complementa, no âmbito das pesquisas tradicionais da CI, que:

Embora a perspectiva cognitiva tenha, por muito tempo, dominado a área de comportamento de informação, o comportamento afetivo agora tem sido reconhecido como uma parte integral de um entendimento holístico de uma abordagem no indivíduo para a busca e uso de informação [...] devido ao fato de que nós, geralmente, focamos na correção de falhas, percalços e desentendimentos no processo de busca de informação, os resultados positivos e as respostas afetivas relacionadas à experiências bem sucedidas podem ser facilmente negligenciadas.

Em competências em informação, a desatenção aos aspectos mais profundos da experiência da pessoa com a informação pode ser expressada desde a questão

terminológica, em que a expressão “*information literacy*”, originada em contexto científico de solução de “problemas”, interpretada, na maior parte das vezes, pelo público em geral, de modo restrito, por exemplo, como meio de legitimar o papel das bibliotecas em retificar uma “deficiência” do usuário, em detrimento da sua representatividade em torno da “educação, práticas, perspectivas e objetivos relacionados ao acesso, avaliação, gerenciamento e uso de fontes de informação **em todas as situações da vida**” (LIN, 2010, p. 552, tradução nossa, grifo nosso).

O lazer é um desses momentos, que, apesar de ser parte relevante da vida humana – pessoalmente, socialmente, economicamente e historicamente – foi pouco explorado pela pesquisa em informação (HARTEL, 2003; COFFMAN, 2006; LEE; TRACE, 2009). O lazer, a despeito do desinteresse científico, traz consigo parte representativa da vida humana, que demanda uma reconsideração de vários dogmas da CI, a começar pelo princípio do menor esforço, o “*gappy*” (DERVIN, 1983), incerteza (KUHLTHAU, 1993), “*anomalous*” (BELKIN, 1980), os quais não representam o processo intenso de aquisição do conhecimento nos diferentes níveis de complexidade do lazer.

Em nosso estudo anterior, constatamos que a conveniência na busca de informação indicava a ideia de que as pessoas sempre buscam, através da informação, experiências positivas e bem-estar, corroborando com o princípio “menor esforço”, aclamado por ser o que governa todos os comportamentos individuais e coletivos, de todos os tipos, e utilizado para explicar muitas das práticas de informação (ZIPF, 1949; MANN, 1993). O estudo do lazer, todavia, esclarece-nos que as atividades prazerosas não demandam, necessariamente, a busca por caminhos mais fáceis de se realizar uma determinada atividade, tal como a do lazer: “[...] um segmento da vida cotidiana que é rico em informação, onde pessoas fazem de modo feliz **esforços significativos** para ser informados” (HARTEL, 2003, grifo nosso).

No contexto das bibliotecas, Hartel (2003) observa ainda que os participantes da The Serious Leisure Perspective provavelmente teriam mais perícia do que os bibliotecários de referência, configurando-se numa mudança reversa de autoridade. Já Keilty (2012, p. 44) oferece-nos outro exemplo, em que o excesso de informação (information overload), considerado fator negativo pela teoria da informação tradicional, pode ser altamente positivo, satisfatório e prazeroso:

O processo de busca (*browsing*) de pornografia existe sob a égide de conseguir o que quer, só que em excesso. Grandes quantidades de imagens e uma enorme gama de seleção parece prometer safistação. A pornografia online é um exemplo primordial de excesso de informação.

Somente na última década, o estudo do lazer se estabelece de modo consistente, alicerçado nos estudos sobre a “busca de informação na vida cotidiana (*everyday life information seeking*)” ou ELIS (SAVOLEINEN, 1995), e por colaborações interdisciplinares em torno da *Serious Leisure Perspective* com os estudos de informação (HARTEL, 2003; STEBBINS, 1980). Hartel (2014), autora que introduz a *The Serious Leisure Perspective* na Ciência da informação, relembra, de modo breve que:

A primeira conversação pública ocorreu no painel ‘*Taking Leisure Seriously: Information Realities in Leisure Time*’ (Hartel, 2006) durante a reunião anual do ano de 2006 da ASIS&T. Posteriormente, cresceu o interesse entre os pesquisadores de informação e um número especial do periódico *Library Trends* sobre a *The Serious Leisure Perspective* (Fulton & Vondracek, 2009) apresentou estudos sobre o prazer de ler (Ross, 2009), mochilagem (Chang, 2009), genealogia (Fulton, 2009), e numismática (Case, 2009). Outro acontecimento digno de nota inclui um segundo painel na reunião da conferência da ASIS&T sobre o lazer (Hartel & Kari, 2009), um artigo sobre colecionamento de patinhos de borracha na JASIS&T (Lee & Trace, 2009); um primeiro capítulo sobre o lazer em uma enciclopédia de Ciência da Informação (Hartel, 2010); e um primeiro Programa de pesquisa em comportamentos de informação no lazer casual (Wilson & Elsweiler, 2010; Elsweiler, Wilson, & Kirkegaard-Lunn, 2013); dentre outros inovadores estudos (HARTEL, 2014).

Através da SLP, vislumbra-se oportunidade efetiva e estruturada para “[...] para exploração sistemática do uso e disseminação de informação durante o tempo livre” (STEBBINS, 2009). No lazer, a informação que interessa aos cientistas da informação é, de um modo geral, qualquer conhecimento adquirido que informa a busca de uma atividade no tempo livre das pessoas (STEBBINS, 2012).

2.2.1 The Serious Leisure Perspective

Um ponto de partida para compreender a SLP é considerar as atividades diárias em 4 tipos: trabalho remunerado (*paid work*), trabalho não remunerado (*unpaid work*); cuidado pessoal (*self-care*) e tempo livre (*free time*) (HARTEL, 2003).

O lazer é desenvolvido na última instância, definido como “[...] atividade sem coação empreendida durante o tempo livre” (STEBBINS, 2009). Caracteriza esta atividade “qualquer tipo de busca em que os participantes estão mentalmente ou fisicamente (frequentemente ambos) pensando ou fazendo algo, motivado pela esperança de realizar um fim desejado” (STEBBINS, 2009).

Segundo Stebbins (2009), é possível compreender as atividades humanas pelo parâmetro da obrigatoriedade e formalidade (trabalho) ou ainda pelo reconhecimento do seu papel social: formal (bibliotecários, jogadores de futebol, etc.) e informal (dormir ou cortar a grama). Sob esta óptica, o lazer está inserido no âmbito da não obrigatoriedade e da informalidade.

Stebbins (2000) esclarece, contudo, que a realização de atividades obrigatorias faz parte tanto do trabalho quanto do lazer. O sentido obrigatório deriva de um estado mental, que faz a pessoa se sentir obrigada a fazer algo, ou de um comportamento durante a realização de determinada atividade. Ambos são influenciados por aspectos psicológicos e socioculturais. A obrigação, todavia, nem sempre não é prazerosa, pois pode estar associada ao entusiasmo e paixão pelos resultados esperados: “as obrigações do lazer (sempre agradáveis) são parte deste cálculo” (STEBBINS, 2005, p. 34).

Já Coffman (2006), sob a óptica da SLP, diferencia o lazer das atividades associadas à sobrevivência (comer, dormir), trabalho (remuneradas) e atividades relacionadas ao trabalho (ex. deslocamento para o trabalho), e obrigações não relacionadas ao trabalho (ex. relacionamento familiar, limpeza de casa). Hartel (2003) complementa que embora envolva concentração e dedicação, o lazer é divertido, já que não é realizado de modo obrigatório.

Com efeito, o distanciamento das atividades formais gerou a desatenção da pesquisa científica para esta importante atividade humana:

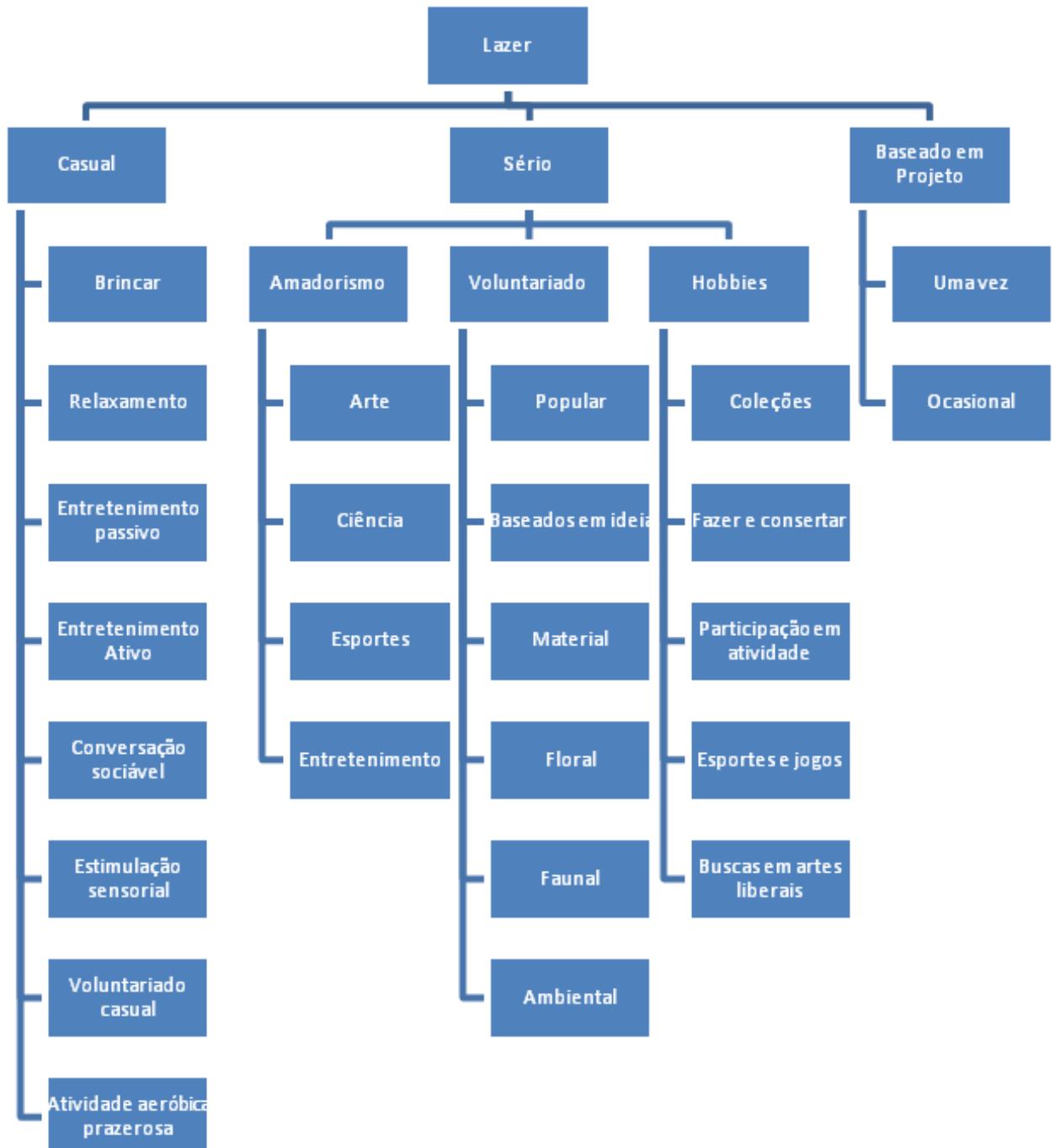
Sociólogos, antropólogos e psicólogos tendem a ver as relações sociais em termos de papéis e, como resultado, investigam atividades mediante estarem alinhadas a papéis ou não. Entretanto, certas partes importantes da vida consistem no engajamento de atividades não reconhecidas como papéis (STEBBINS, 2009).

Em movimento reverso, o lazer cria espaço na CI como fronteira instigante e inexplorada, em que “o impacto do lazer nas nossas vidas diárias, incluindo nosso comportamento de informação, negociação de tecnologias na busca por atividades

de lazer, e resultados sociais de nossas interações através do lazer, carregam uma maior atenção" (FULTON; VONDRAČEK, 2009, p. 611, tradução nossa).

Em linhas gerais, a SLP (*Serious Leisure Perspective*) consiste em três modos (Figura 2): a) *serious leisure* – busca sistemática de uma atividade amadora, recreativa (*hobby*) ou voluntária que cativa o participante com desafios e complexidade; b) lazer casual (*casual leisure*) – atividade vivenciada de forma prazerosa, de duração relativamente curta, transitória (*fleeting*), que necessita de pouco ou nenhum treinamento especial para realizá-la; c) lazer projetado (*Project-based leisure*) – conceito introduzido a partir de 2005, compreendendo atividade curta, moderadamente complicada, realizada uma única vez (excepcional) ou ocasionalmente (STEBBINS, 2007, 2009).

Figura 2 – A The Serious Leisure Perspective



Fonte: Stebbins (2006, p. 623, tradução nossa).

Nota: Elaborado por Jenna Hartel, disponível em <http://www.soci.ucalgary.ca/seriousleisure>.

A “The Serious Leisure Perspective” identifica tanto a perspectiva como um todo, como também uma das três principais categoriais (fato que pode produzir confusão de quem não está familiarizado com a Perspectiva). Ele é “sério” não no sentido de desanimo ou animosidade, mas de ganho e comprometimento, que requer estrutura e organização (COFFMAN, 2006; OLIVEIRA; DOLL, 2012). Dele

deriva os outros modos, sendo o modo sério a variante mais desenvolvida, compreendida como:

[...] a busca sistemática de uma atividade core amadora, hobbysta ou voluntária a qual pessoas acham tão substancial, interessante e gratificante que, nos típicos casos, os participantes se lançam em uma carreira (de lazer) centradas em adquirir e expressar uma combinação de suas habilidades, conhecimento e experiência. (STEBBINS, 2006, p. 622, tradução nossa).

Outro conceito básico essencial da SLP é o de “atividade núcleo” (core activity), que corresponde “a um conjunto distinto de ações ou passos interrelacionados que devem ser seguidos para o alcance do resultado ou produto buscado pelos participantes”. A noção de *core activity* possibilita a observação das atividades do lazer por meio de níveis de complexidade, com base na qual está estruturada a concepção teórica da The Serious Leisure Perspective.

Coffman (2006) discorre sobre as três formas da The Serious Leisure Perspective:

- a) amadores – centrados no mesmo público da sua versão profissional, partilhando com os profissionais as mesmas expectativas e apoiam-se no consumo público das suas atividades (*Professional-Amateur-Public social system*);
- b) hobbystas – não possuem versão profissional, é uma atividade muitas vezes solitária (coletores, criadores e consertadores), jogadores (esportes competitivos), e participantes de atividades (não competitivas, que requerem movimentos físicos habilidosos, por exemplo, pescar, velejar, caçar, cantar), e artistas populares, que possuem pouca ou nenhuma interação com o público, mas desenvolvem a atividade para eles mesmo ou para uma comunidade limitada;
- c) voluntários – identificados pelo altruísmo e um certo grau de interesse, pois desenvolvem atividades decorrentes de alguma satisfação em servir e sentir; exercem papel de ajudantes (*helpers*).

Estas categorias propostas por Stebbins são racionais, ainda que não rigidamente e mutuamente exclusivas (COFFMAN, 2006; HARTEL, 2003).

Quadro 8 – Princípios que diferenciam elementos da The Serious Leisure Perspective

Princípios de diferenciação	Amadores	Hobystas	Voluntários
<i>Motivação</i>	1) Interesse pessoal 2) Interesse público 3) Altruísmo 4) Interesse pecuniário	1) Interesse pessoal 2) Interesse público 3) Interesse pecuniário	1) Altruísmo; Interesse pessoal
<i>Papel institucional</i>	Próximo ao profissional	Não relacionado ao trabalho	Trabalho delegado
<i>Contribuições</i>	1) Satisfação 2) Cultural 3) Ajuda 4) Comercial	1) Satisfação 2) Cultural 4) Comercial	1) Ajuda; satisfação.

Fonte: Stebbins (1992, p. 19).

A participação de indivíduos por um curto período de tempo ou por um grau limitado é categorizada na SLP como intrusos (*dabblers* ou *delittantes*). Gates (1991 apud COFFMAN, 2006) propõe, no âmbito do contexto musical, a categoria de recreacionistas, pessoas que gastam um pouco mais de tempo e esforço numa dada atividade de lazer do que os dabblers, propondo uma nova tipologia para os participantes de música

Quadro 9 – Uma tipologia dos participantes de música em sociedades

	Vê música como:	São reforçados:
<i>Profissionais</i>	Trabalho	Em um sistema social Profissional-Amador-Público
<i>Aprendizes</i>		
<i>Amadores</i>	Serious Leisure	
<i>Hobystas</i>		Idiossincraticamente; não

Recreacionistas	Brincadeira	reforçado em primeiro lugar por um sistema sócio-musical.
Intrusos		

Fonte: Bates (1991 apud Coffman, 2006).

Das distintas formas de serious leisure (amadorismo, hobbies e voluntariado), a classe do hobby é a mais desenvolvida nos estudos de informação. Hartel (2003, 2005) considera o hobby como o ponto de partida para os pesquisadores de informação, dado a sua prevalência sobre as outras formas. Compreende-se hobby como ‘a busca sistemática e durável de uma razoavelmente evoluída atividade especializada desenvolvida no tempo livre’. Pode ser subdividido em: colecionadores, criadores e consertadores (*makers* e *tinkerers*), participantes de atividades, jogadores de esportes e jogos, entusiastas de artes liberais.

Quadro 10 – Classes do hobby e tipos de exemplo

Classes do Hobby	Exemplos de tipos populares de Hobby
Colecionadores (<i>Collectors</i>)	Coleção de objetos tais como: selos, modas, bonecas, câmeras, botões, antiguidades, placas de carro, cartões postais, patos de borrachas...
Criadores e consertadores (<i>Makers</i> e <i>Tinkerers</i>)	Jardinagem, criação de animais, confecção de tricor, modelos de construção [maquetes], artesanato em couro, culinária, fermentação de cerveja em casa...
Participantes de atividade (<i>Activity Participants</i>)	Observação de pássaros, caminhada, dança do ventre, skate, mergulho, aeróbica, acampamento, pesca, passeio de barco, passeios turísticos/viagens...
Jogadores de Esportes e Jogos	Xadrez, basquetebol, golfe, jogos de cartas, jogos de azar, futebol, softbol, dardos, Scrabble®, Monopoly®...
Entusiastas de artes liberais (<i>Liberal Arts Enthusiasts</i>)	Desenvolvimento de conhecimento de: línguas, políticas, história, culturas, cozinhas, poesia, música, genealogia...

Hartel (2003, p. 231).

O lazer, ao ser utilizado como meio de se compreender as práticas sociais de informação das pessoas de modo mais profundo e complexo, chama atenção para dia a dia das pessoas (*sociology of everyday life*), possuidores, muitas vezes, de

mais de um estilo de vida e que, nas interações sociais, entram em choque com outros. Complementa a Perspectiva do Lazer Levado a Sério a ideia de “mundo social” (UNRUH, 1980):

Unidade de organização social que se caracteriza como difusa e amorfa. Geralmente mais ampla do que grupos ou organizações, os mundos sociais não são definidos necessariamente por suas fronteiras formais, lista de membros, ou território espacial...o mundo social deve ser visto como uma constelação de atores, organizações, eventos e práticas que se aglutinaram em uma esfera percebida de interesse e envolvimento pelos participantes. Com efeito, o mundo social não possui uma estrutura autoritária centralizada e é delimitada pela comunicação efetiva, e não território ou grupos formais (UNRUH, 1979 apud STEBBINS, 1997, grifo nosso).

Unruh comprehende os papéis dos participantes em 4 tipos: estranhos (*strangers*); turistas (*tourists*); regulares (*regulars*); inseridos (*insiders*). Pelo viés da informação, Hartel (2003) descreve os bibliotecários, curiosamente, como estranhos, desempenhando um papel intermediário para as fontes, os participantes, que buscam a informação como regulares e *insiders*. A autora esclarece ainda que o papel de cada um ainda não é bem conhecido, pelo fato de que o aspecto informacional não ser o foco dos cientistas sociais, principais estudiosos que utilizam esta perspectiva teórica.

Stebbins (1997), prefere a noção de “estilo de vida” do que a de “mundo social” e “classe social”, de Karl Marx, e “status social”, de Max Weber. O precursor da The Serious Leisure Perspective afirma que os dois últimos expressam uma ideia de estratificação social. Já a preferência pela ideia de “estilo de vida” à de “mundo social” está na maior capacidade analítica do social. Deste modo, “estilo de vida” constitui-se

Um distinto conjunto de padrões de comportamento tangíveis que são organizados em torno de um conjunto de interesses coerentes ou condições sociais, ou ambos, que é explicado e justificado por um conjunto de valores, atitudes e orientações relacionados e que, sob certas condições, tornam-se a base para uma identidade social separada e comum aos seus participantes (STEBBINS, 1997).

Para Stebbins (1997), um estilo de vida é parte de uma cultura, mas não pode ser confundido com uma subcultura, já que este presume outros modos de estratificação e hierarquização do processo cultural.

A aplicação dos estudos sobre o lazer na CI tem ampliado ainda a visão dos cientistas da informação para um novo modo de encarar o processo e o uso de informação. Lee e Trace (2009) encararam o desafio de estudar o papel da informação numa comunidade de Colecionadores Hobbystas (Figura 3).

Figura 3 – Uma coleção de patinhos de borracha



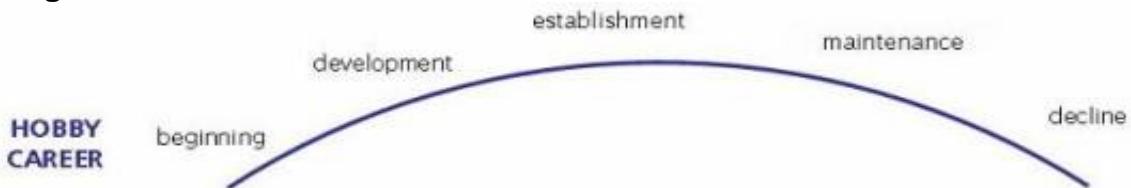
Fonte: Lee e Trace (2009, p. 624).

Já Hartel (2010) investiga a atividade de informação do hobby da culinária gourmet, descrita mediante um fator temporal, constituído por três dimensões – denominadas arcos, a saber.

- a) Carreira (*Hobby Career*) – o mais geral, compreendendo ciclos temporais mais longos, o qual evidencia as diversas fases da prática culinária ao longo da vida da pessoa, desde o início (momento em que o participante possui conhecimento mais básico da atividade) até o declínio (quando há o abandono da prática); especificamente sobre o fluxo dos artefatos de informação impressos, é neste

ciclo que se observa uma característica em comum com os culinartistas no que tange a constituição, ao longo do tempo, de acervos documentais (Figura 4):

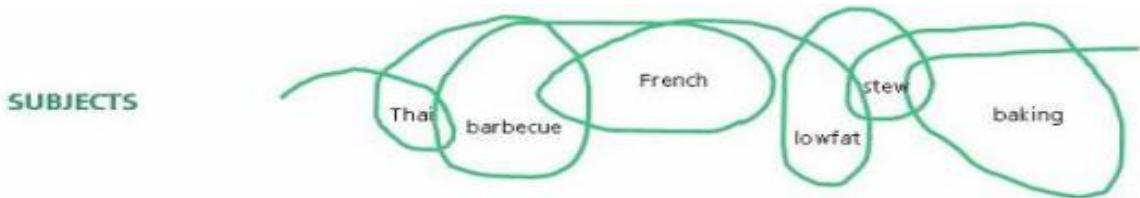
Figura 4 – Carreira



Fonte: Hartel (2010).

- b) Assuntos (*Subjects*) – arco marcado pelo interesse dos participantes por tópicos específicos (assuntos), por exemplo, a pesquisa, planejamento e prática de um tipo de comida específica; possui ciclo temporal mais curto (semanas ou meses) (Figura 5):

Figura 5 – Assuntos



Fonte: Hartel (2010).

- c) Episódios (*Episodes*) – arco que demonstra o resultado do processo de planejamento, caracterizado por ciclos temporais mais curtos, relacionados, por exemplo, ao tempo de preparação do prato (Figura 6):

Figura 6 – Episódios



2.3 Coisa maior da vida – emoções

A perspectiva emocional nos estudos de informação, fundamental, porém recente, jovem e em rápido desenvolvimento, orienta pesquisas mais humanas, afetivas e prazerosas (GONSALVES, 2015; LOPATOVSKA; ARAPAKIS, 2011), “[...] guiadas pelo interesse, desejo e mente aberta” (DORK; CARPENADALE; WIILLIAMSON, 2011, p. 1222). O que é e o que causa as emoções são questionamentos de interesse dos pesquisadores, em meio a falta de consenso em torno do seu conceito, formas de representá-las e como se manifestam (LOPATOVSKA; ARAPAKIS, 2011).

Em termos de emocionalidade, quando empregado o vocábulo “positivo”, este não ser confundido com o fato de existir ou não emoções negativas ou positivas na experiência das pessoas com a informação. De acordo com Gonsalves (2015), esta diferenciação não é possível, pois um dos papéis básicos das emoções, quais sejam (tristeza, alegria, etc.), é o de regular o organismo humano sempre em busca da sobrevivência e bem-estar, além de influenciar a cognição, percepção e tomada de decisão (DAMÁSIO, 1994; GONSALVES, 2015; LOPATOVSKA; ARAPAKIS. 2011).

Agir baseado em emoções, mediante os preceitos do racionalismo moderno, é comumente associado a possibilidades de erro. É considerado o oposto da razão. De modo a superar esta clássica dicotomia que remonta o pensamento de Descartes, emerge-se o campo transdisciplinar da emocionalidade, argumentando que

As emoções desempenham um papel central nas nossas vidas, especialmente por serem estruturantes no desenvolvimento pessoal de uma pessoa. Elas influenciam a personalidade, estão nos comportamentos, têm impactos na nossa saúde. Além disso, estão na fonte de aquisição de competências fundamentais para lidar com exigências sociais, que clamam por pessoas com disposição para trabalhar em grupos e que tenham capacidade de estabelecer relações interpessoais harmoniosas e saudáveis (GONSALVES, 2015, p. 13-14).

Por esta lente, a prática e desenvolvimento das competências em informação envolve “competências emocionais”, relacionadas à capacidade de lidar com as emoções para um processo decisório eficaz nas mais variadas atividades humanas (GONSALVES, 2015). A atenção para as competências emocionais é defendida por Gonsalves (2015) e outros teóricos do campo da emocionalidade, pelo fato da sociedade atual viver um profundo estado de “analfabetismo emocional”, expressado

pelo “[...] profundo desconhecimento que as pessoas têm sobre as emoções que as afetam”.

Stebbins (2009) esclarece que, ainda que o tédio possa ocorrer no tempo livre, este não consiste em lazer, já que está intrínseco, neste último, a experiência positiva do participante, o qual emprega habilidades e fontes em busca de satisfação pessoal ou nível de realização mais profundo. Por conseguinte, “para explicarmos de modo mais completo as complexas atividades do lazer, precisamos também explorar os contextos psicológicos sociais e socioculturais em que elas ocorrem” (STEBBINS, 2012, p. 39).

Emoções negativas e positivas também fazem parte do lazer. Todavia, especificamente no lazer, compreende-se, de um modo geral, que as emoções positivas predominam (ou é a base epistemológica para) o lazer, e as negativas, estão associadas às obrigações não relacionadas ao trabalho (non-work obligation) ou trabalhos desagradáveis (HEINSTRÖM, 2006; STEBBINS, 2012, 2014). Segundo Stebbins (2014), se antecipadas, as emoções negativas são conscientemente evitadas em um esforço para a manutenção a manutenção do lado positivo de uma dada experiência, fato que ocorre, sobretudo, no âmbito da *The Serious Leisure Perspective*.

Para Stebbins (2012, p. 39) “saber como a informação em certo tipo de lazer é disseminada como material de leitura ou como uma emoção tal como o medo ou respeito obtida de um dado material pode influenciar a escolha de um esporte particular são questões importantes”.

No caso dos estudos do lazer, a experiência é um conceito central, sobretudo quando associado ao conhecimento, ou conhecimento empírico (BORKMAN, 1976; STEBBINS, 2014). Trata-se de uma verdade aprendida da experiência pessoal com um fenômeno em vez de uma verdade adquirida por um discurso racional, observação, ou reflexão de informação fornecida por outros. Na base da ideia do conhecimento empírico encontra-se dois aspectos informacionais importantes:

a) o tipo de informação em que é baseado – a saber, sabedoria e know-how adquiridos da participação pessoal no fenômeno em vez de fatos e sentimentos isolados e desorganizados que as pessoas não vivenciaram;

b) a atitude do indivíduo (ou nível de certeza) para com a informação – já que a ideia do conhecimento empírico denota um alto grau de convicção mediante

verdade aprendida por meio de participação direta em uma dada situação, o que garante a validade, significação e autoridade sobre o conhecimento obtido (STEBBINS, 2014).

A sabedoria é factual. Já o know-how está relacionado ao que fazer e o que é apropriado em certas circunstâncias. Ambos fundamentam-se em fatos concretos que podem ser discutidos com companheiros de atividade, já que são construídos dentro de um determinado mundo social. Adquire-se know-how através dos sentidos, utilizados de modo constante na participação em determinada *core activity*. No caso das atividades físicas, a prática do levantamento de pesos, por exemplo, faz parte do aprendizado (STEBBINS, 2014). A sabedoria e know-how geram certeza, que por sua vez, deriva confidência, segurança, satisfação pessoal e orgulho no desenvolvimento da atividade de lazer, especialmente e de modo mais presente nas formas da The Serious Leisure Perspective (formas casuais podem ensejar a aquisição de conhecimento, por meio de jogos; já a sabedoria restringe-se às atividades que demandam consciência e intenção).

No emaranhado cenário informacional, distinguir o que possui valor depende mais da receptividade psicológica da pessoa do que da mídia que veicula a informação. O processo de informação inicia-se no nível sensorial, quando a informação é percebida e recebida, de forma consciente ou não. Nele, as emoções encadeiam o interesse e motivam a atenção das pessoas (HEINSTRÖM, 2006).

Na fase inicial do processamento, a atenção impulsiona a busca de informação, moldando a experiência humana (HEINSTRÖM, 2006; NAKAMURA; CZIKSZENTMIHALYI, 2002). O que faz e regula a atenção do indivíduo é uma questão central, ainda que não suficientemente apreciada pelos estudiosos (CZIKSZENTMIHALYI, 2002).

Interesses, prioridades e diferenças socioculturais e ambientais deixam a questão da atenção ainda mais complexa. Como fator de ativação da atenção, receptividade, registro e processamento da informação, as emoções podem atuar de modo:

- a) positivo: emoções positivas (alegria, divertimento, curiosidade, pensamento flexível, persistência, entusiasmo, excitamento, satisfação) ditam os mais altos estados de ativação;
- b) negativo: emoções negativas (estresse, tédio) determinam baixos estados de ativação (HEINSTRÖM, 2006).

3 METODOLOGIA

Para estudo de “prática de informação”¹⁰, e fenômenos de informação em contextos “maiores”, foram utilizadas abordagens metodológicas de cunho qualitativo, inspiradas em atuais e inovadores estudos dedicados a explorar a dimensão sociocognitiva/sociocultural da informação¹¹, os quais são fundamentados na noção de que a informação e o conhecimento são estabelecidos em um contexto sociocultural (COX, 2012; FULTON; HENEFER, 2010; YU, 2011). Trata-se de uma pesquisa que reflete um projeto coletivo global orientado para o estabelecimento na ciência da informação de um “modo alternativo de investigação centrado no contexto”, cuja missão “[...] é explorar as características informacionais de áreas prazerosas e profundas da vida humana” (KARI; HARTEL, 2007, p. 1142).

Para tanto, realizamos uma pesquisa participante, aquela baseada “numa metodologia de observação participante, na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com pessoas ou grupos da situação investigada”. (THIOLLENT, 2007, p. 17). Da observação participante, geraram-se narrativas (tais) inspiradas nas abordagens sociológicas e etnográficas de Van Maanen (1988), para descrever e investigar o campo de pesquisa. Ocorre que, em vez de descrever e teorizar a negociação e os enlaces das relações de poder de diferentes mundos sociais – papel dos cientistas sociais – interessou-nos descrever e teorizar as relações entre os fluxos de informação e os contextos sociais, especialmente os aspectos relacionados com as competências em informação.

Na visão de Hartel (2010), professora canadense da disciplina Etnografia da Informação, da Faculdade de Informação, Universidade de Toronto, esse é um modo mais dinâmico e contemporâneo de compreender o “comportamento de informação”, ou a “prática de informação” ou, ainda de modo mais específico, a “prática diária de informação” (SAVOLAINEN, 1995), na qual a vida social está refletida e o desempenho dessa prática está no que é dito (falado ou gesticulado) e realizado (COX, 2012; SCHATZKI, 2002; BUDD; LLOYD, 2014). Ao observar a informação na

¹⁰ Expressão relativamente nova e pouco explorada pelos cientistas da informação (COX, 2012; FULTON; HENEFER, 2010; YU, 2011), originária da perspectiva social da informação.

¹¹ Acompanhamos a evolução teórica em torno dos “ismos” da Ciência da Informação abordada por Talja, Tuominen e Savolainen (2005), que representam as proposições metateóricas mais proeminentes para os estudos de informação atuais, a saber, cognitivismo/construtivismo, sociocognitivismo/socioconstrutivismo/coletivismo e construcionismo.

textura social da vida das pessoas, o cientista da informação é capaz de identificar o “fio vermelho” da informação que permeia a vida das pessoas (BATES, 1999, p. 1048).

Para a elaboração de histórias e síntese dos dados coletados, utilizou-se o método de interpretação de sentidos (MINAYO, 2009), fundamentado na teoria da interpretação da cultura (CLIFFORD, 1989 apud MINAYO, 2009) e diálogos entre a hermenêutica e dialética, além dos conceitos de inferência da análise de conteúdo de Bardin (1979 apud MINAYO, 2009). Neste método, estão envolvidos:

- a) Leitura comprehensiva do material selecionado – nesta etapa, constrói-se uma estrutura básica para interpretação, sendo realizada constantemente uma categorização dos dados coletados;
- b) Exploração do material – a análise densa das falas, dos gestos, dos fatos observados segue a seguinte trajetória:
 - a) identificação e problematização das ideias explícitas e implícitas no texto; b) busca de sentidos mais amplos (socioculturais) atribuídos às ideias; c) diálogo entre as ideias problematizadas, informações provenientes de outros estudos acerca do assunto e o referencial teórico do estudo (MINAYO, 2009, p. 101).
- c) Elaboração de síntese interpretativa – ocorre a interpretação propriamente dita, na qual os dados coletados são decompostos em unidades; articulam-se os objetivos do estudo, a base teórica adotada e os dados empíricos.

Segundo Lee e Trace (2009),

No coração de uma estrutura interpretativa está a necessidade de entender como as pessoas constroem, interpretam, sustentam e fazem sentido do mundo social em que estão inseridas. Nesta estrutura, uma ênfase é colocada numa rica descrição contextual e um entendimento do contexto local em que ocorre a ação. Um paradigma interpretativo também legitima uma instância participatória da parte do pesquisador (LEE, TRACE, 2009, p. 624).

Mais que uma estratégia no conjunto das técnicas de investigação, a observação participante, parte essencial do trabalho de campo da pesquisa qualitativa, pode ser considerada “[...] um método que, em si mesmo, permite a compreensão da realidade (MINAYO, 2009, p. 70). Para Minayo (2009), observação participante é “[...] um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação

científica". Nela, o pesquisador "faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente". Já Denzin (1989 apud FLICK, 2009), afirma que a observação participante é uma "[...] estratégia de campo que combina, simultaneamente, a análise de documentos, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e observação diretas e a introspecção".

Na inteligência de Agrosino, (2009, p.33), a observação baseia-se no reconhecimento do pesquisador pelo grupo, pois este se insere na comunidade, atuando como "[...] legítimo estudioso o qual a comunidade estudada concorda com sua presença (como vizinho e um amigo e casualmente como um pesquisador)". Na observação não-participante, o pesquisador é reconhecido como um "de fora", apenas como pesquisador.

Quanto à dinâmica da observação participante envolve uma série de passos que vão em direção, à regularidade e precisão inerentes à direção de trabalho. O primeiro passo é a seleção do local, no qual o pesquisador busca responder a uma questão teórica. Os espaços públicos são o cenário ideal para a pesquisa e permitem que pesquisadores coletem dados de grandes grupos de pessoas e assim identifiquem padrões de comportamento de grupo. Para Rodrigues (2006), a observação deve ser planejada, e o nível desse planejamento deve estar de acordo com o tipo de pesquisa a ser realizada.

Faz-se necessário que o pesquisador tenha acesso à comunidade, e para tal, necessitará de preparações adicionais, tais como informantes-chave, que podem ser formais e informais (políticos e anciões respeitados), nos casos de comunidades mais intransigentes. Para Richardson (2012), para os contatos iniciais com o grupo a ser observado, é importante que seja apresentada uma justificação da pesquisa para que não haja dúvida sobre os objetivos do estudo e para que possa haver um elevado grau de aceitação do pesquisador pelo grupo.

Queiroz et al. (2007) elenca três etapas do processo de observação participante:

- a) aproximação do pesquisador com o grupo social do estudo;
- b) esforço do pesquisador em possuir uma visão de conjunto da comunidade pesquisada;
- c) sistematizar e organizar os dados;

Na mesma perspectiva, Flick (2009) inclui dois aspectos inerentes à observação participante:

- a) o pesquisador ter acesso e se tornar participante do campo e às pessoas;
- b) a realização de uma observação focalizada nas questões de pesquisa, corroborando com as 3 fases, são observadas por Spradley (1980 apud FLICK, 2009):

1. observação descritiva – no início, serve para fornecer ao pesquisador uma orientação para o campo em estudo. Fornece, e é utilizada para apreender, o máximo possível, a complexidade do campo e, (ao mesmo tempo) para desenvolver questões de pesquisa e linhas de visão mais concretas;
2. observação focalizada – restringe a perspectiva do pesquisador àqueles processos e problemas que forem os mais essenciais para a questão de pesquisa;
3. observação seletiva – ocorre na fase final da coleta de dados e concentração em encontrar mais indícios e exemplos para os tipos de práticas e processos descobertos na segunda etapa.

Obtido acesso ao local, o pesquisador poderá dar início imediato à observação, podendo haver necessidade de auxílio/orientação por tradutores ou por alguém habitante da comunidade. Iniciada a observação, necessário realizar a tomada de nota, de modo que o registro possa facilitar a recuperação da informação. Não existe um formato padrão, mas pode ser realizada por estruturação ou narrativa. Com o avanço da pesquisa, as observações tendem a formar modelos discerníveis, dos quais podem surgir novas questões a serem investigadas.

3.1 A escolha do campo de pesquisa

A escolha do campo de pesquisa decorre, naturalmente, do universo de práticas de informação “comuns” da cotidianidade do pesquisador. Dentre as atividades pessoais de lazer mais acessíveis, optou-se pelo estudo empírico do mundo social das pessoas que praticam musculação, na modalidade do fisiculturismo competitivo (isto é aqueles que já participaram de competições), da região metropolitana de Fortaleza, Ceará.

O mundo social, alvo de investigação de sociólogos tradicionais preocupados em descrever e teorizar a negociação e os enlaces das relações de poder de

diferentes mundos sociais, é objeto de trabalho do cientista da informação, que descreve e teoriza as relações entre os fluxos de informação e os contextos sociais.

3.2 Métodos de coleta de dados em espaços de informação

A combinação de métodos de coleta de dados, também conhecida como triangulação, tem sido o meio de pesquisa mais familiar aos pesquisadores em CI (Mixed Methods Research - MMR) (FIDEL, 2008). Segundo Mason (2006 apud BAGNOLI, 2009, p. 248), esta postura investigativa “[...] pode encorajar o pensamento ‘fora da caixa’, gerando novos meios de interrogar e compreender o social”. Já Kari e Hartel (2007, p. 1143) observam que “considerando o fato de que as coisas maiores não são o principal território de nosso campo de pesquisa, a pesquisa de informação deveria utilizar relevantes teorias, metodologias e achados em outras disciplinas”, de modo a proporcionar desenvolvimento tanto da Ciência da Informação como de áreas afins.

Em alguns casos, o contexto da pesquisa pode requerer o uso de “métodos exóticos” aos olhos das investigações tradicionais (KARI; HARTEL, 2007). Sobre o interesse pelos aspectos emocionais, acompanhamos a ideia de que não existe meios exatos de mensurá-las (LOPATOVSKA; ARAPAKIS, 2011). Dentre as possibilidades metodológicas, destacam-se:

- a) métodos neurofisiológicos – examina-se as mudanças fisiológicas nos episódios de emoção; vantagens: a exatidão e possibilidade de coleta de aspectos fisiológicos singulares garantida pelo uso de equipamentos especiais; desvantagens: inconveniente e propenso ao ruído de mudanças fisiológicas inesperadas;
- b) métodos de observador – analisa-se expressões faciais e análise dos discursos, gestos etc.; vantagens: não requerem equipamentos especiais; desvantagens: menos inconveniente e propenso ao ruído;
- c) métodos de auto-relatório (*self-report methods*) – nesta perspectiva, considera-se que a pessoa (pesquisado) pode avaliar e reportar suas experiências emocionais; vantagens: não requerem equipamentos especiais; desvantagens: inconsistências relacionadas à linguagem natural e dificuldade de análise estatística (LOPATOVSKA; ARAPAKIS, 2011).

Assim, no estudo sob relatório são utilizadas variadas abordagens metodológicas, combinadas e utilizados nos encontros individuais com os pesquisados. Neste estudo, destacamos:

- a) Tour Guiado – técnica já utilizada por teóricos da CI (HARTEL, 2003); consiste na coleta de dados em encontros guiados pelos pesquisados, descrevendo e explicando a realização de suas práticas em espaços de informação¹² – neste caso, pode ser, academia de ginástica públicas ou particulares, em residências; frequentemente está associado à criação de um roteiro inicial e entrevista semiestruturada (ver carta convite e termos de consentimento), onde estão incluídos questionamentos que motivem o pesquisado a descrever o fluxo de informação em suas práticas;
- b) diário de campo – em forma impressa e digital; uso de gravadores de som;
- c) pesquisa visual – especificamente fotografia.

3.2.1 Pesquisa visual

Presente na antropologia, no fim do século XIX, e na sociologia, a pesquisa visual apresenta-se na Ciência da Informação como meio para a investigação dos espaços imediatos de informação, garantindo no ponto de vista de Hartel e Thomson (2012), “[...] sofisticação metodológica e interdisciplinaridade”. Pode ser utilizada tanto como metodologia, ao orientar todo o processo de planejamento da pesquisa, ou, de modo específico, como meio de coleta de dados, em estudos classificados como multi-metodológicos.

Do ponto de vista epistemológico, a pesquisa visual comporta tanto o pensamento da teoria social moderna, por meio de uma visão realística (e objetiva) do espaço, bem como elementos simbólicos passíveis de análises de cunho interpretativista (HARTEL; THOMPSON, 2012; WARNER, 2002). Dentre as razões a favor do uso de imagens na pesquisa social, indica-se:

¹² Para Stebbins (2013), a palavra espaço nos estudos do lazer pode ser compreendida em três perspectivas: a institucional, a temporal e a geográfica. A institucional define o espaço do lazer dentro da organização social das comunidades e sociedade. A temporal atenta-se para o tempo em que ocorre a atividade – se diariamente, mensalmente ou anualmente. Já a geográfica está relacionada ao ambiente (localizações concretas) em que ocorre a atividade – seja artificial (virtual) ou natural; ou ainda metafórico e imaginativo (fruto da imaginação das pessoas e instituições de lazer).

- 1) Imagens podem ser utilizadas para capturar o inefável, difícil expressar em palavras;
- 2) Imagens chamam a nossa atenção para coisas de um modo novo;
- 3) Imagens são mais propensas a serem memoráveis;
- 4) Imagens podem ser utilizadas para comunicação de um modo mais holístico, incorporando múltiplas dimensões, evocando histórias e questões;
- 5) Imagens podem garantir entendimento e generalizações de modo mais empático;
- 6) Através de metáfora e símbolos, imagens artísticas podem transportar a teoria de modo elegante e eloquente;
- 7) Imagens encorajam o conhecimento incorporado [materializado];
- 8) Imagens podem ser mais acessíveis do que muitas das outras formas do discurso acadêmico;
- 9) Imagens podem facilitar a reflexão no planejamento da pesquisa;
- 10) Imagens podem provocar ação para a justiça social (HARTEL; THOMSON, 2012).

Apesar de produtiva, esta perspectiva metodológica ainda é pouco explorada, seja pelos estudos de informação seja por estudiosos das demais ciências sociais. A pesquisa visual, embora proeminente para descrever ou representar a cultura visual e imagética da contemporaneidade, possui histórico de invisibilidade e luta para firmar-se como alternativa metodológica para pesquisadores quantitativos e qualitativos, que ainda tendem a traduzir as suas observações empíricas em palavras e números (HARTEL; THOMPSON, 2012; HARPER, 1998; PROSSER; LOXLEY, 2008). A linguagem é “[...] a mídia privilegiada para criação e comunicação do conhecimento” (BAGNOLI, 2009, p. 547).

Em abordagens qualitativas, Bagnoli (2009) observa que as entrevistas são os meios mais comuns para coleta de dados, as quais estão centradas na dimensão linguística dos campos investigados. A autora esclarece, no entanto, que a linguagem é apenas uma das muitas dimensões que constituem as nossas experiências diárias, “[...] que incluem a visual e a sensorial, que possuem valor de investigação, mas que não são facilmente expressadas em palavras” (BAGNOLI, 2009, p. 547).

Nesta mesma perspectiva, Prosser e Loxley (2008), consideram a abordagem visual um meio mais profundo e mais efetivo de se analisar analiticamente o cotidiano dos mundos sociais, refletindo sobre todas as coisas

visuais ou visualizáveis, melhorando a nossa capacidade comunicativa e sensorial, e refletindo de modo mais completo sobre a diversidade das experiências humanas. Já Wagner (2002), fundamentado em Coles (1997) e Pink (2001), compartilha a ideia dos artefatos visuais – fotografias, pinturas, desenhos, vídeos – como meios de estender as investigações sociológicas para além do que está cientificamente estabelecido.

O método visual oferece diversas, alternativas e criativas possibilidades para além dos textos, mediante diferentes tecnologias, procedimentos e técnicas. No Entretanto, “nosso conselho é ignorar ou ao menos tratar com precaução qualquer pesquisador visual que sugira que possui modo ‘único’, ‘apropriado’, ou ‘melhor’” (PROSSER; LOXLEY, 2008). Há ainda que se atentar para o fato de que, como qualquer outro método, a pesquisa visual não consegue observar tudo. Em termos informacionais, Hartel e Thompson (2012) relatam a impossibilidade de observar, por exemplo, as estruturas de informação intangíveis nos formatos eletrônico e digital, nos espaços imediatos de informação. Assim, é sempre oportuna a combinação abordagens metodológicas às técnicas visuais, conduta a ser seguida por esta pesquisa.

3.4 Aspectos éticos

Imagens nos permite fazer afirmações que não poderiam ser feitas por palavras, e o mundo que nós vemos está saturado com significado sociológico [...] as imagens expandem a nossa consciência e as possibilidades para a nossa sociologia. Estranhamente, permanecemos revolucionários em uma enorme disciplina conservadora. (HARPER, 1998).

A pesquisa etnográfica, e em especial, a visual, tem se preocupado com o seu aspecto ético e político há décadas (FONSECA, 2007). Assim como na pesquisa expressada por números e palavras, a visual deve estar apoiada em procedimentos éticos de pesquisa, de maneira que estes não causem nem ofendam a imagem dos participantes.

Este tipo de pesquisa, todavia, desafia pesquisadores e instituições reguladoras em como conduzir investigações em área carente de instrumentos balizadores de boas práticas de pesquisa, sobretudo quando pensada sob os moldes do cientificismo moderno das ciências naturais. Prosser e Loxley (2008)

asseveram que há pouco consenso entre os comitês de ética e pesquisadores visuais em torno de guias e práticas de pesquisa. Os autores relatam que, no Reino Unido e América do Norte, muitas pesquisas são impedidas de serem realizadas mais como medidas de proteção de departamentos e instituições, ou ainda por decisões baseadas em ortodoxias epistemológicas, do que por variantes relacionadas ao bem-estar dos pesquisados. Também é recorrente:

- rejeição de propostas que focam em populações vulneráveis;
- dar especial escrutínio [exame minucioso] aos projetos ‘sensitivos’ (por exemplo, visuais).
- Invocar modelos de ética gerais da área médica em vez de um modelo pluralista que faz distinção entre diferentes tipos de pesquisa;
- Forçar projetos orientados visualmente para mudarem de foco, isto é, para ser menos ou não-visual;
- Ser demasiadamente legalista, burocráticos, e ser mais favoráveis para pesquisas de baixo ou nenhum risco.
- Ser demasiadamente protetores das instituições proponentes ou demasiadamente preocupados com a possibilidade dos participantes processar a instituição do pesquisador. (PROSSER; LOXLEY, 2008).

Este cenário gera inquietude, vulnerabilidade e desafios para os pesquisadores visuais (PROSSER; LOXLEY, 2008; PROSSER; CLARK; WILES, 2008). Consequentemente, a realização de pesquisas visuais, quase sempre, possui característica emancipatória, resultante de visão inovadora de pesquisadores e comitês de éticas institucionais, que conseguem superar a visão de ética tradicional.

Dentre os assuntos contemporâneos em debate estão o termo de consentimento, anonimato e confidencialidade, e estratégias de disseminação de dados, que precisam ser repensados e adaptados para a realidade visual. O anonimato e confidencialidade, por exemplo, pilares centrais do movimento ético tradicional são, em alguns casos, impossibilitados de serem aplicados em estudos que utilizam imagens e vídeos (PROSSER; LOXLEY, 2008; PROSSER; CLARK; WILES, 2008).

Fonseca (2007) esclarece que, até pouco tempo atrás, eram apenas um mero detalhe técnico: “Nas monografias de Malinowsky, nos deliciamos justamente com a hiper-realidade de personagens devidamente fotografados, nomeados e descritos (o chefe To’uluwa, o vidente Tomways Lakwabulo etc.)”. Meio século mais tarde, surgem os manuais com recomendações de pesquisa ora defendendo o

anonimato sumariamente, geralmente balisados pelo “termo de consentimento informado”. (FONSECA, 2007).

A singularidade da pesquisa visual, todavia, gerou repulsa de instrumentos e avaliações externas à área dos cientistas sociais, de modo que a Associação Brasileira de Antropologia não reconhece os comitês de éticas vinculados à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), já que considera que esta é uma questão estruturante da própria disciplina (FONSECA, 2007). De fato, pudemos comprovar, mediante submissão do projeto de pesquisa do estudo sob relatório ao Comitê de Ética da UFPB, a dificuldade de aprovação de perspectivas inovadoras, sobretudo quando relacionadas à pesquisa de aspectos positivos – e não questões negativas, baseadas em problemas práticos das rotinas organizacionais, passíveis de soluções imediatas – e ao anonimato dos pesquisados – quando pelo uso de fotografias, em descrições das histórias de vida dos participantes do estudo.

No seguinte parecer emitido, destaca-se:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

- a) Esclarecer o benefício, pois não aparenta ser algo relevante para a sociedade.
- b) A identidade do sujeito NÃO pode ser divulgada, mesmo que seja da vontade do mesmo, portanto, é importante tirar essa opção do TCLE (PARECER CONSUSTANCIADO, 2016).

As questões éticas da pesquisa visual e etnografia não são tão simples de resolver. O uso de nomes fictícios parece ser a solução, não garantem o anonimato dos participantes e, portanto, não é a ideal, principalmente quando se lida com pessoas da cotidianidade – interlocutores de “carne e osso” (FONSECA, 2007). “[...] mascarar nomes de pessoas ou de determinada comunidade pode trazer a mesma impressão que trazem os rostos borrados ou as tarjas pretas cobrindo os olhos que vemos em filmes e fotos de jovens infratores. Parece designar justamente as pessoas que têm algo para esconder”. (FONSECA, 2007). E mais: “Como ele [o pesquisador] ia ‘devolver’ a pesquisa para a comunidade com nomes trocados? Por que o pesquisador queria se distanciar dos informantes desse jeito? Quais coisas ‘repreensíveis’ estava contando sobre eles que sentia-se dessa forma incumbido a esconder suas identidades? [...] Como sabemos que essa análise não é tudo invenção do autor? Colocar o verdadeiro nome produz um acréscimo à verossimilhança dos nossos dados etnográficos” (FONSECA, 2007).

Como no uso de textos, a resolução deste e de outros problemas da ética visual perpassa por uma complexa equação legal+cultural, com base nos quais “o pesquisador anda numa corda bamba, procurando garantir a riqueza de detalhes que mantém fidelidade ao texto etnográfico, ao mesmo tempo que exerce uma vigiância constante aos limites éticos de sua ousadia” (FONSECA, 2007). A assinatura dos termos de consentimento, instrumento que informa os objetivos da pesquisa, duração, uso potencial das imagens produzidas, o caráter voluntário e sem implicações financeiras do estudo, os avisos legais, informações de contato do pesquisador e os possíveis riscos à segurança e bem-estar do participante, é elemento essencial, ainda que não resolva os problemas éticos (FONSECA, 2007; PROSSER; LOXLEY, 2008; PROSSER; CLARK; WILES, 2008).

Neste conjunto de particularidades da pesquisa etnográfica, relativa a variedade das culturas, o próprio tempo de consentimento não se aplica, dado a impossibilidade de definir ou prever com precisão todos os seus interesses (presentes e futuros) de pesquisa, como recomenda a Comissão de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde (FONSECA, 2007). Do outro lado, intenta-se que sejam realizadas descrições, sem criar situações constrangedoras.

De certo, há bons argumentos para ambos os lados, sendo que a decisão pelo anonimato cabe, em última instância, ao autor da pesquisa (FONSECA, 2007). Como alternativa, expressa-se a adoção de uma abordagem flexível e negociada para o termo de consentimento, anonimização e confidencialidade, de acordo com os contextos e situações em que são coletados os dados, nos quais múltiplos fatores determinam os limites das práticas éticas e antiéticas, moral e imoral, bem próximos dos desejos e crenças dos participantes. Estudiosos indicam ser mais apropriado não excluir esses dilemas, mas inseri-los em um debate por uma ética visual situada (ou contextualizada) que aborde a privacidade dos dados como parte de um processo de negociação, reflexão e experimentação (PROSSER; CLARK; WILES, 2008).

Trata-se da busca de um equilíbrio político em que estão envolvidos os interesses de quem descreve e quem é descrito, sobre o qual Fonseca (2007) argumenta que o papel da etnografia não seria pleitear a causa nativa dentro das estruturas vigentes de poder; no entanto, seria a de provocar uma reconfiguração das próprias narrativas hegemônicas que tanto contribuem para a perpetuação dessas estruturas.

No caso do estudo sob relatório, destacamos que o viés político da causa local se confunde com o do pesquisador, na medida em que estamos lidando com aspectos de contextos maiores da vida. Ambos estão interessados em romper com forte tradição de registro das práticas do fisiculturismo de maneira trivial e, sobretudo, quando raramente lembrado, à luz de aspectos negativos.

Recai sobre as nossas mãos a decisão da questão do anonimato, que poderia ser facilmente sanada por pseudônimos ou outro artifício textual. Ao se lidar com experiências afetivas e positivas, todavia, torna extremamente relevante para o nosso estudo as expressões faciais e demais respostas corporais – produto de um aprendizado incorporado (pelos múltiplos sentidos) e situado pelos elementos contextuais.

Assim, consideramos que o nosso fazer ético como pesquisa visual perpassa pelo estabelecimento de uma questão visual e negociada com os participantes. De um lado, da pesquisa, estabeleceu-se o comprometimento da supressão dos seus nomes verdadeiros, desnecessários para o alcance dos objetivos da pesquisa (ainda que todos os pesquisados tenham mostrado interesse em registrar seus nomes nas histórias de vidas); do outro, o uso de termos de consentimento específico que indicavam a permissão dos pesquisados para exporem seus corpos em prática – dimensão essencial para o estudo de competências em informação em experiência positiva de informação, na prática social de informação do lazer, embora incompreendida pelos avaliadores da área da saúde do Comitê de Ética da UFPB.

Adotamos postura de pesquisa emancipatória, com apoio na visão ética antropológica. Sobre o uso da fotografia, apoiamo-nos no fato de que, ao utilizar “[...] a imagem de um indivíduo é um dado pessoal [...]” (Ato de Proteção de Dados do Reino Unido, 1998 apud PROSSER; LOXLEY, 2008), precisavamos da obtenção de consentimento. Este procedimento envolveu duas instâncias: a do participante e a da instituição particular de prática de exercícios físicos – academia – direcionado ao responsável local. Solicitamos ainda permissões para o uso de recursos de áudio e dos dados coletados para divulgação no formato da tese e de outros meios de publicação. Preferimos o não uso das imagens, quando não autorizadas pelo participante, do que o recurso de descaracterização de imagens com uso de recursos programas informatizados foi um recurso descartado, pois, além de ser insuficientes para garantir a não identificação dos pesquisados (PROSSER; CLARK;

WILES, 2008), não contribuiriam para o enriquecimento dos dados proposto pelo estudo sob relatório.

Nesta perspectiva, esperamos, em consonância com o movimento teórico corrente da pesquisa baseada em imagem, agir eticamente, moralmente e reflexivamente, desenvolvendo mais um exemplo de pesquisa orientada por uma ética situada e aberta para assuntos problemáticos, mais interativa, mais proativos, e menos defensivo.

4 POPULAÇÃO DO ESTUDO

A prática da musculação e, especificamente, do fisiculturismo (ou culturismo ou *bodybuilding*) está cada vez mais presente na vida das pessoas, especialmente jovens do sexo masculino do mundo ocidental (HALE; SMITH, 2012; MOSLEY, 2009). Associada aos outros afazeres da cotidianidade, esta atividade, desenvolvida predominantemente no tempo de lazer (HALE; SMITH, 2012) demonstra representatividade social, seja por aqueles que buscam por melhor qualidade de vida, seja por motivos estéticos ou competitivos.

O fisiculturismo insere-se no grupo de práticas que desenvolvem treinamentos com pesos¹³ e dieta restritiva, porém que possui peculiaridades em sua core activity, sobretudo pelo viés competitivo. De modo geral, considera-se inserido no mundo do culturismo aquele que realiza exercícios físicos com a finalidade de desenvolver os músculos e reduzir a gordura corporal: “O corpo perfeito exibe menos gordura possível (SIEWE et al., 2014). Cyrino et al. (2008, p. 460) pontuam que o culturismo “é um esporte que tem como principal característica a aparência física (forma estética), caracterizada pelo perfeito equilíbrio entre volume, proporcionalidade, simetria e definição muscular (ampla visualização dos diferentes grupamentos musculares)”. Corroborando, Mosley (2009) afirma que o culturismo é um esporte fundamentado na busca de um físico muscular através de um programa específico de levantamento de pesos e nutrição.

De um modo geral, esses programas variam dois ciclos distintos, a saber, o “fora da temporada” (*off-season*) e o “pré-competitivo” (*on-season*) (CYRINO et al. 2008; SIEWE et al., 2014). O primeiro consiste na fase hipertrófica, que inclui a ingestão massiva de nutrientes e suplemento, e dietas hipercalóricas, associadas aos exercícios físicos para ganhar e melhorar a massa muscular. Já o segundo antecede as competições (últimos dois ou três meses), no qual os culturistas buscam manter a massa muscular ao mesmo tempo em que realizam programações de exercícios e dieta para melhorar a definição e simetria.

No esporte do culturismo competitivo, os atletas se apresentam para juízes, responsáveis por atribuir notas com base no tamanho, simetria e definição muscular (MOSLEY, 2009). Os paradigmas que definem os critérios de avaliação variaram ao

¹³ Outros esportes do gênero: levantamento de pesos, powerlifting, strongman competition e Olympic weightlifting.

longo dos tempos. Cyrino et al. (2008) esclarece que “[...] o principal ponto de análise nas competições de culturismo da década de 1960 até o início da década de 1980 residia primordialmente sobre o tamanho muscular, os atletas competindo com grandes volumes musculares, entretanto, com pouca definição muscular”. O paradigma corrente, no entanto, centra-se mais na definição muscular, fato que interferiu significativamente nas estratégias de preparação dos atletas:

Anteriormente,

A maioria dos atletas acreditava que o sucesso nessa modalidade estava atrelado ao excesso de treinamento e ao uso de dietas hipercalóricas, principalmente à base de alimentos de alto teor proteico. Todavia, pouco se conhecia sobre os reais efeitos da adoção dessas estratégias e os culturistas baseavam sua preparação para as competições nos relatos de outros atletas mais experientes e bem sucedidos nessa modalidade (CYRINO et al., 2008, p. 464).

Atualmente,

[...] os atletas passaram a competir mais bem definidos, contudo, com redução acentuada do volume muscular, uma vez que muitos deles passaram a adotar restrições nutricionais extremamente severas, sobretudo, durante as últimas duas ou três semanas que antecediam as competições [...] o acompanhamento de diferentes aspectos da preparação do atleta passou a ser o grande diferencial entre o sucesso e o fracasso nessa modalidade (CYRINO et al., 2008, p. 464).

A contemporaneidade transformou o corpo em um objeto de crescente interesse (BAGHURST; LIRGG, 2009; MARZANO-PARISOLI, 2001), que passa a ser explorado e analisado por variados aspectos históricos, econômicos e socioculturais. Do ponto de vista sociológico, o corpo é objeto da prática do culturismo, que, por sua vez, gera o mundo social dos culturistas, o qual tem se tornado objeto de estudo das ciências sociais e demais áreas do conhecimento.

Nas ciências da saúde, há esforço pelo desenvolvimento de técnicas e estratégias para melhoramento do desempenho e evolução dos culturistas. Já na visão sociológica, Bridges (2009) destaca que o fisiculturismo é relevante por: a) possuir as mesmas características das ocupações tradicionais, com novas configurações para a análise das questões de gênero e da hegemonia masculina; b) oferecer meio de se observar o capital cultural centrado no corpo – poderoso

símbolo das relações sociais; c) ser campo de análise de como as agendas políticas e de gênero influenciam as práticas sociais, corpos e identidades. Baghurst e Lirgg (2009, p. 221) argumentam que “a investigação do físico masculino é importante pois se têm se tornado um meio de diferenciação de gênero e podem definir como os papéis de gênero e identidade de gênero são retratados”.

No entanto, a pesquisa corrente sobre o culturismo concentra seu maior esforço nos aspectos problemáticos e controversos decorrentes da busca um corpo muscular extremo (PROBERT; LEBERMAN; FARMER, 2007; SUFFOLK, 2008): “Avaliações externas dos bodybuilders tem largamente retratado os participantes em uma luz negativa” (PROBERT; LEBERMAN; FARMER, 2007).

Dentre eles, Della Guardia, Cavallaro e Cena (2015) atentam para os excessos na ingestão de nutrientes (macro e micro) utilizados com a finalidade de manter a força, melhorar o desempenho e a habilidade de treinar podem causar o mau funcionamento dos órgãos e metabolismo dos praticantes. É fato que os atletas de resistência precisam de dieta diferenciada das pessoas comuns. No entanto, há risco do uso de suplementos nutricionais até mesmo por atletas de elite:

Se uma suplementação programada de alguns e específicos compostos macronutrientes poderiam melhorar a adaptação para o treinamento, não há razão precisa, até mesmo entre atletas, que justifique a ingestão massiva de alguns nutrientes, especialmente vitaminas e minerais, se o regime dietético os oferece por uma suficiente variedade de alimentos (DELLA GUARDIA; CAVALLARO; CENA, 2015).

O potencial risco aumenta em atletas amadores, frequentemente não orientados e desacompanhados de assistência médica e nutricional, cujas dietas prescritas pelo próprio indivíduo, isto é, dietas DIY (*do it yourself*). Para Marzano-Parisoli (2001) este público é vítima de uma construção contemporânea de uma imagem corporal ideal, responsável por uma série de desordens físicas e psíquicas que assola, prevalentemente, os culturistas:

As consequências disto é frequentemente o triunfo de um corpo sem nome que tenta esconder seus vazios internos, incapaz de aceitar sua natureza real e concreta, e que está provavelmente em algum caso de corpo doente, incapaz de perceber seus desejos, impulsos e necessidades naturais.

Anorexia, bigorexia, compulsão por exercícios, desordens alimentares, ansiedade relacionada à imagem corporal, dismorfia muscular constituem-se em patologias associadas à prática do culturismo, especialmente na forma competitiva (BAGHURST; LIRGG, 2009; MOSLEY, 2009a, 2009b). Comportamentos compulsivos incluem horas na academia, exceder em exercícios e gastos com suplementos e abusos de substâncias anabólicas.

O crescimento desta prática na contemporaneidade, na visão de Mosley (2009), pode estar associado aos problemas de imagem corporal entre os homens. Corroborando, Boyle (2010) busca as origens motivacionais e da popularização das práticas culturistas na ascensão de Arnold Schwarzenegger, personagem que se torna um ícone da masculinidade muscular, ainda que proveniente de um esporte “excêntrico” (oddball), evitado por suas imagens homoeróticas. O autor explica que nenhum outro conseguiu associar as suas características corporais à noção cultural de perfeição física masculina, sobretudo a norte-americana.

Corroborando, Baghust e Lirgg (2009, p. 222) afirmam que as nossas concepções culturais de beleza, saúde e fitness “são claramente promovidos dentro de uma cultura americana, que enfatiza um homem magro e musculoso pra ser o ideal”. Quando não há um balanceamento das expectativas pessoais e socioculturais, aumenta-se a possibilidade da pessoa de desenvolver uma visão distorcida da imagem do próprio corpo.

Mosley (2009), assim como Baghust e Lirgg (2009) e outros autores, denunciam os meios de comunicação de massa, que atuam por meio de ações de marketing focam meios para se atingir o corpo perfeito, cujas estratégias promocionais quase sempre sem fundamento científico e que atingem homens inseguros sobre o próprio corpo, tornando-os mais propensos – principalmente e de modo mais prevalente no público dos bodybuilders – para distúrbios psicocomportamentais sobre o próprio corpo, comumente conhecido como dismorfia muscular (*muscular dysmorphia*). Mosley (2009) compara este distúrbio ao da anorexia, tanto pelas semelhanças na realização de ações compulsivas para o alcance do corpo desejado, quanto pelo fato paradoxal de a primeira estar historicamente associada ao público feminino, e a segunda, atingir predominantemente o público masculino:

[...] a indústria do fitness masculino está em efervescência. Na busca por um bíceps toneado e abdominais ‘six-pack’, mais homens do que nunca estão juntos em academias, lendo revistas fitness e tendo experiência com suplementos para melhoramento de desempenho” (MOSLEY, 2009, p. 192).

Na “bigorexia”, os homens refletem uma visão corporal do ocidente, caracterizada por físicos musculosos:

homens são alvejados por campanhas de marqueting que buscam suas inseguranças da imagem corporal, do mesmo modo em que as mulheres foram durante anos. E assim como as mulheres semi-nuas foram usadas para vender produtos, o tronco masculino despido é agora uma ferramenta frequente de venda” (MOSLEY, 2009, p. 196).

As pessoas que sofrem deste distúrbio

São aqueles indivíduos que tornam-se obsecados com própria e distorcida imagem corporal de não estar suficientemente musculoso, que estão pequenos, e comportamentos excessivos em relação aos exercícios com pesos e alimentares que acompanham esses pensamentos distorcidos (HALE; SMITH, 2012).

[...] tornam-se tão preocupadas com o desenvolvimento muscular que deixarão de ir a eventos sociais, perderão seus empregos ou até mesmo continuarão treinando apesar de estarem machucados, em vez de interromperem o seu programa de treinamento. Incapazes de atingir uma imagem irreal corporal, os bodybuilders aflitos gastaram grande quantidade de dinheiro em suplementos e podem terminar pelo uso dos esteroides anabolizantes (MOSLEY, 2009, p. 193).

Outro fator motivador para a busca do desenvolvimento muscular centra-se no desejo para reafirmar a masculinidade e/ou diferenciação entre os sexos. Baghurst e Lirgg (2009) explica que, na medida em que o corpo musculoso representa o poder masculino (força), em contraposição ao feminino (fraco), aumenta-se a insegurança e a ansiedade masculina por diferenças, sobretudo com intenções de dominação, das mulheres.

Um dos meios para alcançar esse objetivo é o uso de substâncias não naturais legais e ilegais para aumentar o volume, a força e a definição muscular. Banke et al. (2012) discorre sobre o uso de injeção de óleo intramuscular, um dos recursos mais rejeitados pelos especialistas. Esta ideia, que data os anos de mil novecentos e oitentas, baseia-se na aplicação local (*site enhancement*) de óleos,

encapsulados e de ação lenta, com o objetivo de aumentar o tamanho ou moldar um músculo. O efeito almejado pelos culturistas com as injeções de óleo intramusculares é facilitar o alongamento da fáscia muscular, que é um tecido conjuntivo constituído por fibras de colágeno, que envolve cada um dos músculos do corpo. A espessura da fáscia varia conforme o tipo de músculo e pessoa, e sua resistência pode atingir até 8 vezes a força do músculo que ela envolve (BANKE et al., 2012). Os efeitos indesejados, pelo uso em curto ou longo prazo, são: cistos de óleo, abscessos, mutilação muscular irreversível e outras doenças malignas (BANKE et al., 2012).

Outro modo de melhoramento muscular é o uso de esteróides anabólicos: “o uso prolongado está associado ao aumento do colesterol, crescimento da próstata, calvície, acne, ginecomastia e atrofia testicular. Sair de um ciclo de esteroides pode levar a depressão e tem isso associado com suicídio” (MOSLEY, 2009, p. 193).

Os danos causados por exercícios feitos de modo demasiado são ressaltados por Siewe et al. (2014). Podem ocorrem diversas síndromes pelo uso em excesso (*overuse syndromes*), tais como distensões, tensões, rompimento de tendões e síndrome compartimental (causada pela insuficiente expansão da fáscia muscular, dolorosa pelo inchaço ou até sangramento dentro do compartimento que contém o músculo). (SIEWE et al. 2014).

Os estudos empíricos sobre o culturismo competitivo, ainda desenvolvidos em pouca quantidade, tem contribuído para reforçar uma visão negativa deste esporte pela sociedade em geral. Suffolk (2014) argumenta que, apesar do bodybuilding possuir as mesmas características psicomotoriais de outros esportes competitivos, os atletas culturistas percebidos socialmente pelo lado negativo da ideologia esportiva de “vencer a qualquer custo”. O autor explica este fenômeno por meio das noções de estereótipo e preconceito, já exemplificado nos estudos anteriormente estudados, mediante destaque para os distúrbios psicomotoriais.

[os bodybuilders] são indivíduos que possuem as características sociais menos desejadas (Roussel e Griffet, 2000; Wiergs, 1998. Além disso, de acordo com Klein (1993), bodybuilders são narcisistas, homofóbicos e que desenvolvem os músculos para mascarar sentimentos internos de inadequação e baixa auto-estima. No seu ponto de vista, as funções do bodybuilding são como uma forma de terapia devido a sua sensação de auto-controle: ‘controle é

sinônimo de mestria sobre o próprio corpo....um senso de que a vida (o corpo) pode ser controlado' (Klein, 1994: 87). (PROBERT; LABERMAN; PALMER, 2007, p. 6)

Bodybuilding competitivo é frequentemente considerado na melhor das hipóteses um esporte marginal (Holm, 2000), ou um esporte "excêntrico" (Boyle, 2010). Na pior, um público que exibe um narcisismo institucionalizado (1993), rejeitado por sua imagem homoerótica (Boyle, 2010). De acordo com Klein (1993), a construção social e psicológica de um bodybuilder é uma fusão de narcisismo, homofobia, hipermasculinidade e facismo (SUFFOLK, 2013, p. 81).

Probert, Laberman e Palmer (2007) percebe a fixação dos pesquisadores pela homogeneização da identidade dos culturistas de acordo com o gênero (masculinidade), em contrapartida para a constatação da noção de um "eu" (self), isto é, quem o indivíduo é, associado a um processo contínuo (não estático) de entendimento do indivíduo com múltiplas possibilidades (filiações profissionais, família, relações sociais, associações político e religiosas, orientação sexual, raça, classe social, experiências pessoais, etc.) apresentadas pelo ambiente sociocultural. Apesar de estar inserido numa sociedade complexa, o culturismo é limitadamente retratado de modo "[...] uni-dimensional, estático, e compreendendo práticas direcionadas por motivações e valores comumente compartilhados. Isto é claramente problemático" (PROBERT; LABERMAN; PALMER, 2007, p. 7).

Como perspectivas futuras para pesquisas sobre o culturismo, almeja-se um olhar mais positivo sobre "um ambiente competitivo único onde o sucesso competitivo depende de uma combinação de tamanho e definição muscular" e sobre as reais e primordiais motivações dos culturistas, que é "estar maior e apresentar mais musculosidade que os demais competidores", assunto bastante negligenciado pela pesquisa sobre o culturismo (SUFFOLK, 2013, p. 81). Melhoria do senso de masculinidade, da auto-confiança e do senso de poder físico e mental, aparência saudável, bem-estar, melhoria da percepção corporal, saúde sexual, são exemplos da experiência positiva do culturista.

4.1 Adentrando ao mundo do fisiculturismo

A nossa experiência com a prática do fisiculturismo se inicia no final do ano de 2013. Neste período, as atividades obrigatórias do doutorado ocupavam a maior

parte dos nossos afazeres de todos os dias. No tempo livre, iniciamos a prática de atividades físicas em academia de ginástica, localizada no subúrbio da cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil, e, por conseguinte, estabelecemos contato com o mundo do fisiculturismo competitivo.

A ideia da prática de exercícios físicos regulares estava em diminuir os perigos do sedentarismo, assunto recorrente nos meios de comunicação de massa. Outra intenção era deseolver atividade de lazer, treinamento e relaxamento, de modo que os assuntos de trabalho fossem deixados fora das salas de musculação.

Tentavamos nos desvincilar do que nos inquietava academicamente – o desafio de repensar a prática e desenvolvimento de competências em informação, tópico de pesquisa fortemente alicerçado na proposição de padrões para promoção de competências em informação, por um viés menos racionalista e mais flexível, capaz de explicar a dimensão afetiva da informação. Tratava-se de uma tarefa um tanto paradoxal ante a valorização massiva da instrumentalização (ou operacionalização) das ações por competências em informação, reconhecidamente uma ação de responsabilidade da Ciência da Informação.

Eventualmente, as nossas aspirações por um “modelo” mais integrativo encontrariam fundamento em movimento teórico inovador, baseado na compreensão da informação como fenômeno que não se restringe ao âmbito das atividades formais, que promove a solução de problemas, já que esta visão tradicional corresponde apenas uma faceta da vida humana. Após a leitura do texto “*Towards Positive Information Science*” (HARTEL et al., 2009), descobrimos o movimento por uma *Ciência da Informação positiva*, mediante o qual conseguimos traçar os caminhos para responder os questionamentos desta tese.

A investigação de outras naturezas de informação também implicava na exploração de outras realidades informacionais – para além das acadêmicas e profissionais (contexto explorado na nossa pesquisa de mestrado, especificamente com docentes do Ensino Superior). Os estudos demonstravam o lazer como um terreno fértil, “feliz por natureza” (STEBBINS, 2006), que passara a ser estudado de modo mais profundo a partir da The Serious Leisure Perspective, junção proposta pela primeira vez pela professora Jenna Hartel, da Universidade de Toronto, Canadá. Ela é editora do site dedicado a SLP, além de empreender estudo sobre assuntos relacionados, tais como pesquisa visual baseada em arte-informada, da qual resulta o Projeto Internacional iSquare, que envolve 12 países, incluindo o

Brasil – somos os primeiros (e, por enquanto, únicos) representantes do Brasil e America do Sul (SERAFIM et al., 2016).

Segundo Hartel, esta teoria meio (theory of middle range), nem tão ampla, nem tão específica, é essencial para o estudo da informação no lazer, de modo mais sistematizado e comparável, distanciando-se das raras investigações baseadas em noção de informação nebulosa – um contexto “especial” – em que ocorre atividade que exige esforços mínimos, fácil de ser realizada, trivial e não séria, já que não é relacionada ao trabalho.

Na perspectiva do Lazer levado a Serio, o lazer é exposto em variados níveis de complexidade, do casual ao sério. Neste último, as atividade demandam alto nível de esforço, comprometimento e busca de conhecimento para o alcance dos aspectos mais amplos da vida – prazerosos e profundos.

Esta abordagem elevou a relevância as nossas práticas de lazer, de modo que elas passaram a ser interesse da pesquisa sobre competências em informação. A academia de ginástica passou a ser vista pelo viés informacional, ambiente em que pessoas realizam práticas impulsionadas e facilitadas por variados elementos informacionais. No âmbito motivacional, alguns buscam a manutenção da saúde física e mental; outros, o intento do corpo perfeito à luz dos modelos corporais contemporâneos.

Sobre o perfil dos praticantes dos exercícios físicos, alguns são iniciantes, outros já possuem expertise, confiança e independência no desempenho das rotinas de treinamento. Especialmente, chamava-nos a atenção aqueles que desenvolviam suas práticas com tanta dedicação e esmero que participavam de campeonatos de fisiculturismo. Possuiam corpos mais avantajados, pelo desenvolvimento extremo dos músculos, levantavam as maiores quantidades de peso e realizavam exercícios incomuns aos praticados pelos demais frequentadores. Além disso, demonstravam ser mais dedicados, fato que transparecia em exercícios realizados até a exaustão, ou ainda por parecerem ter mais conhecimento e controle as rotinas de exercícios. Diferentemente da grande maioria, eles não dependiam da supervisão intensiva dos instrutores da academia.

Estabelecemos contato e amizade com alguns deles – a maioria jovens do sexo masculino, que sonhavam em melhorar de vida pela prática deste esporte. No âmbito educacional, era comum ouvir o intento deste público pela formação no curso de Educação Física – percebido, na realidade vivenciada, como o mais relacionado

ao fisiculturismo. Eles reconheciam, no entanto, que sobreviver da prática deste esporte, era uma realidade distante, até mesmo para aqueles mais experientes.

Se não conseguiam retorno financeiro, questionámo-nos sobre o que os motivavam a continuar nesta prática? Talvez, para alguns deles, pelo orgulho de terem seus corpos desejados e invejados pelos demais; de serem admirados por ganharem troféus e medalhas, devidamente expostas no salão principal da academia; ou ainda por serem referência para os demais, verdadeiras fontes de informação, frequentemente “utilizadas” pelos mais inexperientes. Aliás, foi em situação semelhante que tivemos os primeiros contados com pessoas deste público. Certa vez, transgredimos o *script* característico dos iniciantes, que é solicitar auxílio dos intrutores da academia, e solicitamos orientação a um fisiculturista.

Dentre as experiências vivenciadas ainda na fase de construção do objeto desta tese, podemos elencar:

- a) treinamentos;
- b) dieta controlada;
- c) Campeonatos:

- período pré-campeonato: dieta rigorosa e restritiva; nos dias que antecedem os campeonatos, elimina-se a ingestão de líquidos em quase a totalidade; a escolha das categorias; o aprendizado dos passos e poses para a apresentação;
- a apresentação: ápice das emoções negativas e positivas; alcance dos limites físico e mental; diferentes reações mediante resultados positivos e negativos; a premiação.

Como campo de pesquisa, passamos a conceber esta prática como campo de pesquisa, com base nos seguintes questionamentos: O que é esta prática? Quais as motivações? São hobbystas ou amadores? Como aprendem, informam-se e partilham informação? Quais as naturezas de informação envolvidas e como elas contribuem para o entendimento dos aspectos emocionais e afetivos, frequentemente não retratados nos modelos correntes de competências em informação? A seguir, buscamos as respostas para estas questões a partir das histórias de vida de 10 fisiculturistas competitivos.

5 HISTÓRIAS DO FISICULTURISMO

5.1 O escultor do próprio corpo

J.S., sexo masculino, é estudante do segundo ano do Ensino Médio. Tem 21 anos e pratica musculação desde os 17. Há dois anos, decidiu pela participação em campeonatos de fisiculturismo.

Antes de decidir pela prática dos exercícios físicos, o corpo não o agradava. Não gostava da aparência física magra refletida no espelho, fato que o motivou a ingressar na musculação.

A luta pela conquista de um corpo muscularmente desenvolvido é semelhante a de muitos outros jovens. Dentre eles, Zyzz – fisiculturista falecido (ainda muito jovem), um dos ídolos de J.S. A história de Zyzz, registrada e consumida amplamente por uma geração de usuários do Youtube e demais redes sociais, relata os percalços de um rapaz magro, fiazinho, que, ao se interessar por alguma garota, nunca é correspondido.

No entendimento de J.S., a principal causa da recusa das garotas era: – “eu era magro, feio...não pegava nem vento” – comenta. Outra barreira constatada por ele para os relacionamentos amorosos era a pouca idade.

Com o passar dos anos, e com a prática da musculação, também motivada por outro grande ídolo do esporte – Arnold Schwarzenegger, que, além de fisiculturista, é também ator, empresário e político austro-americano, tendo servido como 38º Governador do Estado da Califórnia – a sorte com as mulheres mudou. Atualmente, possui corpo com massa muscular desenvolvida, que produz interesse geral das pessoas pelo seu estilo de vida. As pessoas comentam que ele está diferente e, o mais importante, as garotas começaram a “chegar mais perto”.

Além de treinos, dieta e suplementação, J.S. considera o fisiculturismo um estilo de vida sem limites. A prática do exercício físico representa uma batalha a ser vencida. Para enfrentar os palcos, é essencial gostar e estar motivado para demonstrar o corpo, descrito como uma escultura esculpida por ele próprio, de modo a mostrar para as pessoas quem realmente ele é. No fisiculturismo, é onde ele supera todos os limites não ultrapassados em outras arenas da vida.

Já participou de três campeonatos, na categoria *Men's Physique*. A preparação é planejada por ele mesmo, sem a supervisão de um treinador (*coach*),

em que as estratégias de formação do corpo variam conforme a existência de campeonatos em curso.

Em fase fora de campeonato, o treino é realizado de segunda a sábado, na academia e, eventualmente, em casa (nos finais de semana). A ideia a ser seguida é variar diariamente os exercícios, trabalhando os distintos grupos musculares. Apesar de não haver horário fixo, há o comprometimento com a frequência dos treinamentos, bem como em completar o programado para cada dia. A cada três meses, outra rotina de treinamento é planejada.

Figura 7 – Movimento *Pullover*



Fonte: Dados da Pesquisa

Nota: Exercício para membros inferiores. J. S. segura com as duas mãos um halter com os braços entendidos na direção do peitoral, com cotovelos devem semiflexionados. Detalhe para fones de ouvido do tipo ganho, acomodado na orelha do atleta.

Figura 8 – Movimento Pullover



Nota: Outro ângulo do movimento pullover.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Figura 9 – Exercício Supino com Halteres



Fonte: Dados da Pesquisa.

Nota: O supino é exercício mais conhecido e realizado nas academias (aqui realizado com halteres) . Embora não existam músculos peitorais “superiores” e “inferiores”, o supino plano parece recrutar mais as fibras intermédias (parte esternocostal).

Gosta de treinar com música, fator que influencia no rendimento dos exercícios. Dentre as preferidas, está a música do Cifrão, Bonde da Stronda “Sem dor, sem ganhos”.

O rendimento positivo do treino está associado ao desgaste do músculo. Para tanto, precisa estar motivado e ter tempo suficiente para a realização dos exercícios, sem estar preocupado com as obrigações externas à academia.

O uso de esteroides anabolizantes como estratégia de formação dos músculos é frequentemente associado ao fisiculturismo. No entender de J.S., o uso deste recurso está fadado aos atletas do esporte, principalmente naquelas categorias que exigem um maior desenvolvimento muscular. Há atletas, porém, que temem em afirmar que utilizam essas substâncias anabólicas e “sujar” a sua imagem, já que o emprego dessas drogas é proibido pela legislação vigente. J.S., contudo, defende o uso de modo consciente, inclusive sobre os possíveis efeitos colaterais, caso não seja devidamente acompanhado por um médico.

Em pré-campeonato, o treinamento é centrado na perda de peso e definição muscular. É o momento de avaliar todo o esforço para aumento da massa muscular, dedicado na fase anterior, mediante aplicação de estratégias para esculpir o corpo para a competição. O objetivo é propiciar a divisão e “colocar” a tonalidade dos músculos.

Nesta fase, a estratégia é a motivação. Também faz parte a ingestão, de modo planejado, de suplementos do tipo Whey e BCAA. São realizados vários ciclos de suplementos, aliados ao treino e dieta, em momentos distintos, até os campeonatos. Quando se aproxima essa competição, também são exercitadas as posições exigidas no palco. Erros nas poses são muito comuns, prejudicando a exposição do músculo para os jurados.

No dia do campeonato, tudo é muito corrido. Dentre os esforços mais marcantes, realiza-se a redução da ingestão de água, necessária para tornar mais expressiva a apresentação dos músculos dos fisiculturistas. J.S. passa até um dia e meio sem tomar água. Consequentemente, o corpo fica debilitado, quase sem força, dificultando a realização dos exercícios. No treinamento, o atleta diminui a carga que, até há poucos dias atrás, conseguia levantar.

O momento do palco é mais do que uma vitória. J.S. fica tenso, mas aos poucos vai se soltando. Tensão e alegria afloram e precisam ser contidas de modo balanceado. Além disso, há a necessidade de superar necessidades biológicas

básicas de sede e fome. Ele deve controlar a vontade de comer tudo o que vê até o final do campeonato.

Figura 10 – Campeonato



Fonte: Dados da Pesquisa.

Nota: Apresentação de juízes em campeonato.

Figura 11 – Campeonato



Fonte: Dados da Pesquisa.

Nota: Apresentação de juízes em campeonato.

Figura 12 – Apresentação em palco



Fonte: Dados da Pesquisa.

Nota: Exibição coletiva da modalidade Men's Physique. J. S. é o atleta na parte direita da fotografia.

Figura 13 – Campeonato 5



Fonte: Dados da Pesquisa.

Nota: Exibição coletiva da modalidade Men's Physique.

Em contraposição ao ápice da fraqueza física, pela redução severa de carboidratos e líquidos, ele precisa sorrir: trata de imaginar algo feliz, já que a desmotivação não contribuirá para o sucesso. Para alcançá-lo, necessita ter confiança em si mesmo e acreditar que vai ganhar, mesmo que aconteça o contrário. Para ele, o sucesso é alcançar o primeiro lugar. Resultados diferentes do ponto mais alto do pódio são revertidos em fonte de motivação para uma nova luta.

A atividade do fisiculturismo requer aquisição de conhecimentos para manter e desenvolver os músculos, orientada pelas regras estabelecidas pelos campeonatos. Para aprender e manter-se informado, J.S. utiliza a internet. No *Youtube*, assiste a vídeos de campeonatos, selecionados com base em quem os produziu. Vídeos do Sadic, um atleta contemporâneo do fisiculturismo, é um dos preferidos. Os amigos também são fontes de informação, motivando e auxiliando o treino.

Figura 14 – Parceria em treinos



Fonte: Dados da Pesquisa.

Nota: J.S. auxilia parceiro de treino na realização do exercício supino inclinado com barra. Esta variação do supino plano coloca uma maior ênfase na parte clavicular (superior) do grande peitoral. O supino inclinado com um ângulo de +45 graus, proporciona uma estimulação 69% mais elevada na “parte superior do peitoral”

Ele gosta de se informar bem mais sobre os treinos e dieta. Para ter certeza da credibilidade e veracidade das informações que encontra na internet, J.S. busca praticar os novos conhecimentos. Se assistir a um vídeo sobre tórax e bíceps, ele realiza o exercício e observa se deu ou não resultado. Caso seja positivo, incorpora-os em uma nova série de treinamento.

Esses treinamentos esquematizados por J.S. estão registrados apenas na sua memória. Treinos antigos são associados a novas combinações de exercícios – tudo está gravado na mente. Para ele, não há necessidade de anotá-los em: – “folhinha [...] essas besteiras”, comenta.

Este e outros tipos de informações são compartilhados entre os fisiculturistas e demais pessoas que acompanham esta prática (amigos, colegas de escola e de academia etc.): das relacionadas à preparação até sobre os resultados, nas redes sociais.

A troca de informações é mais uma oportunidade de aprendizado. Informações sobre treinos são compartilhadas, geralmente, na prática, já que, no entender de J.S., o aconselhamento por meio de conversa não garante que o outro vá fazer de modo correto. No *Facebook*, J.S. curte mostrar, por meio de fotografias, a evolução do seu desenvolvimento muscular. Esta é também uma oportunidade para motivar outras pessoas e, ao mesmo tempo, esclarecer que a prática do fisiculturismo não é uma “besteira”, algo trivial, mas importante, inclusive por uma questão de saúde.

O fato de gastar tempo e dinheiro em demasiado com dieta e suplementação, e não ser retribuído com posições no pódio, ou até mesmo retorno financeiro, às vezes, o desestimula. O que o faz continuar é a experiência, a força de vontade e a crença de que nada é impossível. A esperança de subir ao palco, ganhar campeonatos – não importa se é em primeiro ou segundo lugar – dá forças para continuar. Quando ganhar, não vai conseguir parar, pois é com isto sempre sonhou.

5.2 Paixão e amor adquiridos no fisiculturismo

Ainda que a atividade física tenha ocorrido desde os seus 15 anos, R.M.J.O., sexo feminino, agora com 35 anos, graduada em Educação Física, instrutora de academia e professora de Dança Aeróbica, só começou o fisiculturismo competitivo

há um ano. O trabalho e o fisiculturismo somam 70% das suas atividades diárias. Ambos são práticas inter-relacionadas: pratica e ensina o fisiculturismo (acompanha atletas, elabora fichas de treinamento, planeja dietas etc.).

Conceitua tecnicamente o fisiculturismo como a atividade cuja função, além dos exercícios com pesos, é trabalhar a resistência, a força, proporcionando músculos mais definidos e massa magra mais volumosa. A participação de campeonatos, no primeiro momento, foi motivada apenas pela curiosidade e possibilidade de ter experiência nesta modalidade da musculação, mediante convite feito pelo dono da academia onde trabalha. Não havia amor ou paixão.

O esporte é pouco divulgado. Na academia, o atleta é sempre cobiçado. Novos atletas tencionam ficar como é ele, ainda que não tenham ideia de como se alimenta, treina e investe financeiramente.

A maioria dos atletas faz o fisiculturismo como um *hobby*, pois eles possuem empregos em outras áreas. São raros os que vivem do esporte. A Eva Andressa, depois de ter adquirido fama nas redes sociais, vive da carreira, por meio de patrocinadores.

R.M.J.O. observa muitas vantagens em ser fisiculturista. Há o benefício estético e o de melhor qualidade de vida, pela baixa taxa de gordura e elevado volume de massa magra decorrentes dos exercícios físicos e alimentação balanceada. É reduzida a ocorrência de patologias relacionadas ao colesterol, diabetes e triglicerídeos. A estética melhora a autoestima. Muitos a cobiçam e elogiam.

Apesar das dificuldades, nunca pensou em desistir. “Competir novamente dependerá do meu estado de saúde e bem-estar”, comenta. Portanto, não interessa para essa atleta a busca via métodos não naturais, em referência ao uso de substâncias anabólicas, para ficar bem. Não concorda em exibir uma imagem externa saudável, mas não condizente com o estado interno do corpo.

O *overtraining* (fazer mais exercícios do que o corpo é capaz de recuperar) e o uso de esteroide parecem estar predestinados para quem quer seguir carreira neste esporte. Para quem vai esporadicamente, no entanto, ou participa de categorias mais baixas, existem outros meios para desenvolver a massa muscular. Para os homens, a exigência é maior. R.M.J.O. acredita que muitos usam esteroides anabolizantes, sem acompanhamento e sem saber os danos e riscos desta prática. O atleta que investe em acompanhamento médico é visto por ela como aquele que

mais ama o fisiculturismo, pois é aquele que mais investe: nesta área, nada é barato.

Participar do primeiro campeonato foi uma escolha motivada pela curiosidade de ter uma experiência em campeonatos institucionais (FCCMF – Federação Cearense de Culturismo Musculação e Fitness – e CONAFF – Congresso Internacional de Atividade Física, Fisioterapia e Nutrição), que possuem mais visibilidade, em comparação aos realizados localmente na academia. A carreira dos atletas inicia em campeonatos estreantes e, caso obtenha classificação, está garantida a participação em competições mais abrangentes, no plano estadual (cearense), regional (Norte-Nordeste) e nacional (*Arnold Classic Brasil*, por exemplo). No campeonato de que participou, foi representando a academia. No próximo, irá com o próprio nome, já que são dela os gastos com a dieta, treinamento e vestimentas. Ela é a própria treinadora.

Sua participação encorajou outras mulheres da academia, que decidiram se inscrever. A estratégia acordada entre atletas e técnicos foi associar a característica corporal de cada uma das participantes às categorias do campeonato. R.M.J.O., por possuir braços e partes superiores do corpo bem desenvolvidos, foi escalada para a categoria “garota *body fitness*”. As demais, concorreram para “*miss bikini*” e “*wellness*”. Nas palavras de R.M.J.O., foram “às cegas”, sem ter muito conhecimento sobre o que estava por vir. Era uma experiência diferente do que já tinha praticado: futsal, jiu-jitsu, capoeira, professora de dança folclórica, pilates e musculação.

A percepção inicial de que a tarefa de se apresentar no palco seria relativamente simples não se confirmou, na medida em que experimentou o complexo e árduo trabalho do fisiculturista. Primeiro, por ter que conciliar horários de treino, redução alimentar e trabalho. Este esforço é motivado essencialmente pelo fato de gostar do que se faz. É um esporte feito com muito amor. Gasta-se muito, apesar de não haver recompensa financeira. Isto é também reconhecido e valorizado pela R.M.J.O. como um ato de amor do atleta. Gasta-se muito: com alimentação, suplementação e treino. Além disso, há custos com cabelo, unhas, *bikini* e sandália.

O fisiculturismo não é devidamente reconhecido pela sociedade, como ocorre com o jiu-jitsu e o futebol. Na mídia, é difícil ver notícias sobre eventos da área; nem mesmo acerca dos principais, como o *Arnold Classic Brasil*, ainda que

tenham, recentemente, iniciado em canal de televisão cearense – na TV Diário – a divulgação dos vencedores dos campeonatos locais.

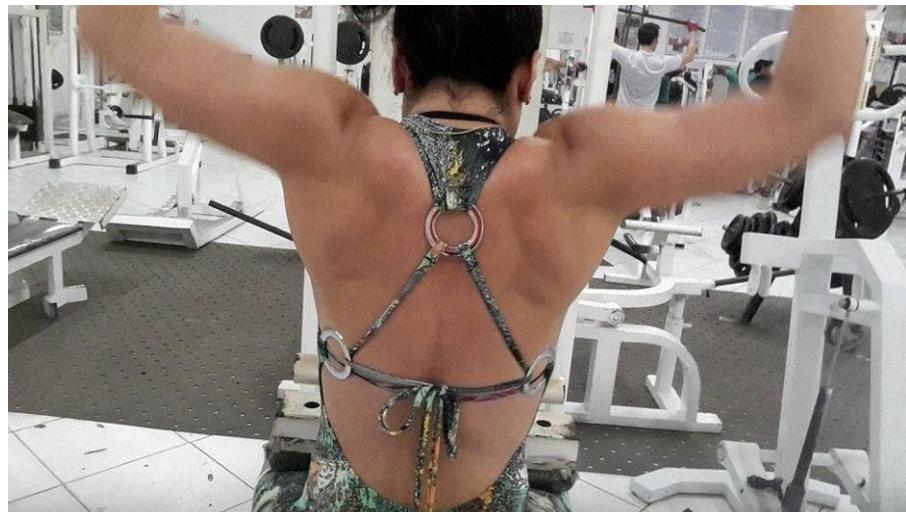
Em dias regulares do período fora das competições, a estratégia de desenvolvimento de corpo tem como base o treinamento diário combinado de um músculo superior e um inferior, complementada com a parte aeróbica. Esta, por sua vez, é realizada em suas aulas de dança, as quais tem a duração de uma hora, às segundas, quartas e sextas-feiras. A musculação, efetivada diariamente, tem a duração de cerca de 30 a 40 minutos.

Dar o máximo de si é a intenção em cada sessão de treinamento. Não lhe agrada música no momento do treino, especialmente em volume alto. Talvez por não compartilhar dos mesmos gostos do que se toca no ambiente da academia: prefere música erudita ou MPB.

Em adição às tarefas próprias da musculação, prática esportes de lutas (pelo que possui imenso prazer) e treinamento funcional. Na musculação, especificamente, agrada-lhe o agachamento, já que é uma variação que trabalha muitos músculos ao mesmo tempo. Não muito diferente é seu gosto e prazer realizar exercícios para a parte superior, a qual é exigida na modalidade *body fitness*. Nesta categoria, a atleta tem que ter ombros arredondados, costas largas e tríceps à mostra.

Na academia, agrada-lhe quando não há muitas pessoas treinando, pois ela não terá que esperar muito por um aparelho. Não gosta, todavia, quando alguém se aproxima para conversar ou fazer perguntas, situação que ocorre com certa frequência por ela ser funcionária – instrutora – da academia onde treina.

Figura 15 – Exercício Puxada Alta



Fonte: Dados da Pesquisa.

Nota: Exercício para os músculos das costas. A puxada na polia alta do aparelho copia as habituais elevações na barra fixa, engajando no trabalho os mesmos grupos músculos: o grande dorsal, os trapézios, os deltoides e os músculos dos braços (principalmente bíceps).

O treino é satisfatório quando, no dia posterior, ela não está cansada, apesar da sensação dolorida dos músculos trabalhados intensamente na data anterior, fato que atribui a alimentação e descanso adequados para a reconstrução das fibras musculares.

Em período pré-campeonato, variam a intensidade e a frequência de treinamentos, com pesos e os aeróbicos, bem como a dieta e suplementação, além dos períodos de descanso. Com a ingestão reduzida de líquidos, sal e carboidratos, R.M.J.O. não se sente em condições de realizar todos esses treinos ao mesmo tempo. Com efeito, a variação entre os tipos distintos de exercícios ocorre a cada 12 horas. Por exemplo, se ela fizer cardio às sete da manhã, fará musculação às sete da noite. Muda-se, também, o horário para acordar e se alimentar.

A fase do pré-campeonato é muito estressante e desgastante para a atleta. Segue-se à risca uma dieta rigorosa, com baixa ingestão de carboidratos, aliada à realização de treinos intensos. É relevante lembrar o fato de que os carboidratos são justamente a fonte de energia do nosso corpo. Além disso, R.M.J.O. tem que trabalhar, sobrando pouco tempo para os ensaios da apresentação.

A garota *body fitness* – a garota academia – é aquela que não tem muita massa muscular, mas tem que ter músculos tonificados, elegância, feminilidade,

simpatia, bom desempenho no desfile e rosto “bonito”. Além disso, tem que mostrar muita saúde e qualidade estética.

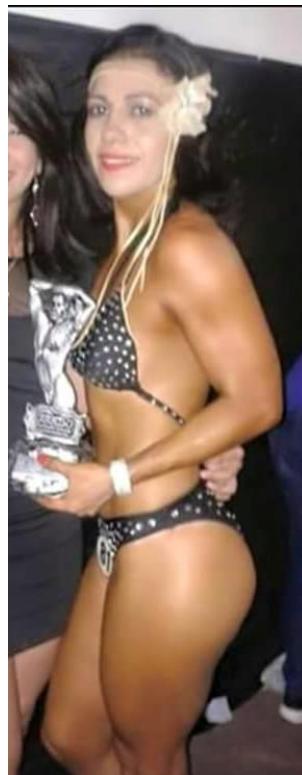
São requeridos da atleta, além dos músculos bem tonificados, o conhecimento e o desempenho correto das poses solicitadas pelo apresentador do evento. Quando demonstra o músculo de modo apropriado, ela já ganha ponto. O biquíni e o sapato (sempre fechado e não pode ser de salto algo) são de acordo com as normas. O rosto, o cabelo e os detalhes – como uma pulseira, a maquiagem e o “glamour” – também contam.

Antes do palco, muito estresse, fome e sede. Essas sensações ensejam tremedeira e insegurança (ela pensa: talvez tenha uma candidata melhor que ela). R.M.J.O., assim como outros fisiculturistas, tomam um pouco de vinho e comem chocolate. No palco, tudo é muito rápido. Se ganhou ou perdeu, se ela logrou o segundo lugar, nada importa, a não ser a consciência do dever cumprido e de ter superado um gasto financeiro, físico e mental enorme. É uma experiência que só conhece a fundo quem sobe no palco.

Quando desce do palco, já é permitido comer e beber água. A normalidade corporal, entretanto, só será recobrada em cerca de uma semana, período em que R.M.J.O. ainda se sentirá lenta.

Ir pela primeira vez, supondo apenas ganhar experiência, e alcançar o segundo lugar no pódio, deixou R.M.J.O. abismada. Pessoas mais experientes, e que não eram estreantes, não alcançaram nenhuma colocação.

Figura 16 – Premiação em campeonato



Fonte: Dados da Pesquisa.

Nota: destaque para o troféu de segundo lugar.

Figura 17 – Premiação em campeonato 2



Fonte: Dados da Pesquisa.

Nota: Além do troféu, é comum os atletas vencedores ganharem suplementos alimentares.

Para aprender e estar informada sobre o fisiculturismo, R.M.J.O. utiliza variadas fontes de informação, tanto formais, pela formação com o Ensino Superior em Educação Física, quanto informais. São eles: livros, DVDs, cursos, tira-dúvidas com os amigos e professores, especialmente com aqueles que são atletas.

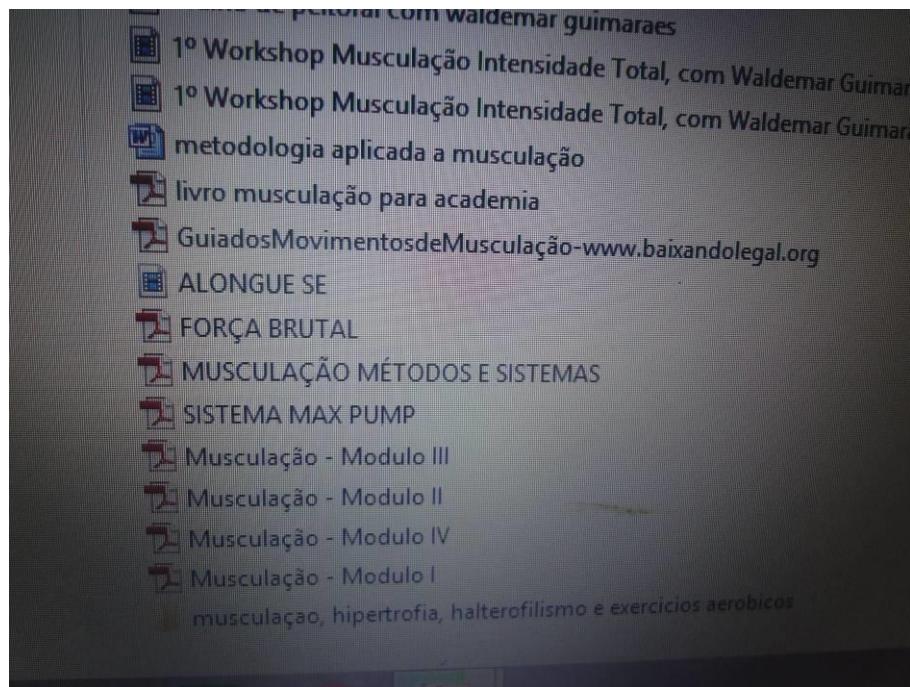
Especificamente na área do fisiculturismo, ela possui dois certificados de cursos de extensão, direcionados a atletas, *coaches* e em que houve a participação de representantes institucionais do culturismo no Ceará. Os cursos são úteis, pois atuam como fonte de informação para que ela possa montar as fichas dos alunos. São muitos exercícios, e os cursos ajudam a se atualizar sobre eles.

Também é recorrente a busca de informações na internet, agradando-lhe assistir a depoimentos de atletas, profissionais, nutricionistas e *coaches* no *Youtube*. A cada vídeo assistido, ela procura tirar dúvidas e comprovar a veracidade da informação com dois profissionais, que ela julga terem mais conhecimento sobre aquele assunto. Ela entende que nem tudo que está postado é correto, e que existe, neste ambiente, pessoas mais amadoras do que ela.

Atualmente, a ela interessa informação relacionada à dieta, modos de diversificar a alimentação, e como trocar um alimento pelo outro (menos calórico e gorduroso), pois comprehende que 80% do atleta é alimentação. Nas palavras de R.M.J.O., pode-se treinar muito: “morrer de treinar”, mas são a alimentação e o descanso que fazem o atleta – mais do que o exercício.

Os livros, apostilas e DVDs em formatos tradicionais são armazenados em um guarda-roupa, em quantidade suficiente para preenchê-lo por inteiro. Essas fontes são compartilhadas com amigos e alunos por meio de empréstimos, devidamente registrados, permitindo o controle dos materiais cedidos. O armazenamento, também realizado em formato digital, é importante quando, às vezes, ela precisa de algo aprendido no passado, um exercício ou técnica, e necessita recuperar essas informações para aplicação em momento posterior.

Figura 18 – Organização de informação em dispositivo pen-drive



Fonte: Dados da Pesquisa.

Nota: Acervo em formato eletrônico de informação sobre o fisiculturismo (vídeos e textos).

O ato de compartilhar com outras pessoas também pode ter outro propósito. Às vezes, as pessoas, em vez de estarem procurando informação, buscam, na verdade, testá-la sobre os seus conhecimentos a respeito de determinado assunto. Ao compartilhar, ela acredita que quem recebe a informação deve ser humilde, para que possa analisar a tese do outro e, por fim, decidir se vai usá-la ou não.

A ideia é evitar debater com o outro sobre qual é a melhor opção a ser utilizada. Metaforicamente, ela expressa que é a capacidade de deixar a sua ideia na gaveta e se apropriar do conhecimento do outro, na medida em que este último for o melhor. De qualquer modo, os seus conhecimentos são disseminados e o seu uso é facultativo à vontade de qualquer pessoa.

A disseminação nas redes sociais, especificamente *Facebook*, também é importante. É por via desses canais que ela consegue divulgar informações para outras pessoas, bem como ter oportunidades de novos trabalhos, conforme ocorreu nas vezes em que obteve propostas de trabalho para a Malwee e Vulcabrás, que são empresas locais no ramo de confecções. Igualmente, o campeonato também é plataforma de comunicação e oportunidade de trabalhos remunerados para ela e muitos atletas.

A disseminação das informações, entretanto, pode ser perigosa. Há atletas que divulgam, para milhares de seguidores, instantaneamente, suas rotinas diárias de treinamento e alimentação. Para quem busca imitá-los, esse tipo de informação é uma inspiração não construtiva, já que cada um de nós possui corpos diferentes e, consequentemente, admitimos processos de constituição de corpos de modo singular. O que funciona para uma pessoa não funciona para outrem. Somos diferentes ao comer, descansar e treinar. No mais, a serventia deste tipo de informação está, de certo, no efeito motivacional de alguma frase e do acompanhamento da dedicação e esforços dos atletas.

5.3 Um esporte para “loucos”

F.F. tem 20 anos, trabalha na Companhia de Água e Esgoto do Estado do Ceará, e pratica o *hobby* do fisiculturismo competitivo. Com o fim do Ensino Médio, empenha-se para obter vaga em curso superior em Gestão Ambiental. Sobre formar-se nas ciências balisares do fisiculturismo – como Educação Física, campo preferido pelos fisiculturistas – acentua que esta seria a sua segunda opção, em virtude da saturação do mercado nesta área. Além disso, assevera que o fisiculturismo não oferece, no Brasil, uma condição de vida para os atletas, isto é, não se consegue sobreviver somente do fisiculturismo.

A recompensa financeira decorrente da prática do fisiculturismo é, sem dúvida, um reconhecimento desejado, pois garantiria a manutenção da vida dos atletas deste esporte. São pessoas que buscam assegurar o sustento próprio e, no caso de F.F., dos seus familiares, pois é dele a responsabilidade de cuidar da mãe. Pelo viés financeiro, o fisiculturismo competitivo é descrito por F.F. como árdua preparação para ganhar “um boneco”, em referência ao troféu, e um pote de suplemento.

Por outro lado, o que o motiva é o amor e o gosto por competir. O fisiculturismo é visto como transposto a uma atividade de levantamento de pesos, já que desenvolve a estética, o corpo e a mente – esta última fator decisivo para suportar uma dieta restrita e demais desafios associados a esta prática. Se fosse somente o trabalho de força, tudo seria mais tranquilo.

Ao competir pela primeira vez, afeiou-se por aquele momento “único”, em que observa, do palco, a “galera” (isto é, o público), incluindo os amigos, gritando o

seu nome e palavras de incentivo. Isto o motiva e nutre o seu amor pelo esporte, mais do que se tivesse o retorno financeiro. Nas palavras de Fabio, “este momento é o meu verdadeiro pagamento”.

Figura 19 – Pós-campeonato



Fonte: Dados da Pesquisa.

Antes de adentrar o mundo das competições, F.F. já praticava atividades físicas, motivado pelo fato de estar acima do peso.

Figura 20 – Antes e depois do fisiculturismo



Fonte: Dados da Pesquisa.

O objetivo era baixar o peso e melhorar a estética corporal. Com os campeonatos, o objetivo de todos os dias é ficar grande e competir. Dentre os seus ídolos no esporte, espelha-se no lendário Arnold Schwarzenegger, com quem partilha até mesmo a escolha da categoria que pratica – *bodybuilding*. Em apenas dois campeonatos, alcançou dois segundos lugares e um terceiro lugar (ele competiu mais de uma vez no mesmo campeonato, em variadas faixas de peso). No próximo, espera ser classificado no tão sonhado primeiro lugar.

Os resultados positivos nos palcos são atribuídos a resistência, perseverança e dedicação à atividade. Nas palavras de F.F., é “ter sangue no olho”, caso contrário, não se consegue alcançar os objetivos almejados.

A possibilidade do desafiar-se diariamente, aprender e conhecer pessoas “legais” é vista como uma vantagem do fisiculturismo. A falta de recursos financeiros é uma dessas barreiras a ser vencida. Nos últimos três meses, a quantia de R\$ 2.000,00 (dois mil reais) foi pouca para bancar a dieta da próxima competição. Neste período, por exemplo, o consumo de ovos chega a 15 a 20 unidades por dia.

Outro obstáculo a ser dirimido é a falta de valorização do esporte por parte da sociedade, identificada no preconceito das pessoas pelo uso dos esteroides anabolizantes. Muitos associam o atleta do fisiculturismo à pessoa “drogada” e iletrada, e que esporte não contribui para a cultura do País. De fato, desconhecem que os fisiculturistas, advindos das mais variadas profissões e formações, são pessoas capacitadas e dedicadas para seguir um conjunto de regras rígidas, dentre as quais a de ter que abdicar, muitas vezes, de sair para se divertir, por ter horário definido para dormir, comer e treinar. A fim de reduzir a ênfase no lado negativo, F.F. defende a disseminação da ideia de que a parte mais “fácil” é aplicar uma agulha no corpo. Na cozinha e no treino, todavia, essa facilidade não existe. Se fosse somente aplicar, qualquer um ficaria “grande”.

No geral, a vida do fisiculturista competitivo é dividida em dois períodos, orientados por fases distintas de preparação para campeonatos: *off-season* e *pre-contest*. O significado dessas terminologias em língua inglesa já está bastante popularizado entre os fisiculturistas brasileiros, consistindo, respectivamente, nos períodos de fora e de pré-competição. O vocabulário em inglês reflete também a influência da cultura fisiculturista estadunidense no Brasil, e, especificamente, no Estado do Ceará.

Geralmente, o espaço de tempo entre as fases de preparação é de três meses. No *off-season*, F.F. dedica-se ao ganho de peso e formação máxima de músculos. Neste período, é possível que haja um pouco de ganho de gordura, pela dieta pouco regrada. Os treinamentos são mais reduzidos do que na quadra do *pre-contest*, envolvendo três ou quatro séries, em tempo máximo de uma hora. Além da academia, F.F. faz caminhada nos dias em que vai para o trabalho. Ele trabalha dia sim outro não.

Figura 21 – Rotina de treinamento para bíceps



Fonte: Dados da Pesquisa.

Não há preferência por trabalhar determinados grupos musculares, pois o que está em pauta é o desenvolvimento harmônico do corpo, por inteiro. As vestimentas são sempre regata, bermudas e tênis. Fones de ouvido só são usados no momento dos exercícios aeróbicos, com músicas diversas, mas que não sejam do tipo forró.

Outro elemento que influencia a motivação do atleta é a proximidade de parceiro de treino: “é um algo a mais”. Não pelo fato de ele gostar de ter alguém para conversar. Aliás, ele é conhecido como “boçal”, aquela pessoa de pouca

simpatia, que chega na academia e apenas treina, sem desenvolver conversações paralelas com os demais frequentadores.

No *pre-contest*, é o momento de tirar toda a gordura em excesso, eventualmente adquirida no *off-season*. O treinamento é mais “esticado”, isto é, dura mais tempo (até quatro horas/dia): é quando F.F. faz de quatro a cinco séries, e duas ou três sessões de exercícios aeróbicos, no decorrer do dia. Assim, ele passa, praticamente, o dia inteiro na academia.

Há ainda a aplicação de outras técnicas de formação do corpo. A dieta restrita o deixa fora de si – “pirado”. Se vir algo doce, este já pode ser um motivo para comê-lo e, consequentemente, desistir. Um dia antes do campeonato, F.F. não pensa mais na competição, mas sim no dia depois, quando ele vai poder comer tudo o que quiser: salgado, *pizza*...

Para resistir ao que ele descreve como “neurose” de comer (e beber, no caso da desidratação), ele se concentra no fato de que o fim está próximo, que ele chegou até aquele momento e que não pode desistir. É algo não muito fácil para ele, que gosta bastante de comer.

É também oportuno relembrar a apresentação e imaginar toda a “galera” clamando pelo seu nome. No palco, o sentimento é de alegria e, ao mesmo tempo, de apreensão para conseguir fazer tudo “direitinho” (as poses anteriormente treinadas etc.), e para não suar (isto pode fazer com que escorra a tinta aplicada no corpo do fisiculturista para bronzear e, assim, otimizar a visualização dos músculos).

Figura 22 – Poses em campeonato 1



Fonte: Dados da Pesquisa.

Figura 23 – Poses em campeonato 2



Fonte: Dados da Pesquisa.

Figura 24 – Troféus



Fonte: Dados da Pesquisa.

Para aprender e estar informado sobre esta complexa atividade, F.F. é incisivo, ao expressar que as suas principais fontes de informação sobre treinos e dietas são Waldemar Guimarães, Fernando Sardinha e Julio Balestrin, pessoa quem ele atribui possuir autoridade nos assuntos do fisiculturismo. Ele consome cursos (geralmente no formato vídeo aulas) ensinados por esses fisiculturistas, já bastante experientes no assunto.

A temática de maior interesse é a dieta, fator a que atribui 80% do resultado da atividade do fisiculturismo. Ele destaca ser a dieta o que muda o corpo.

Figura 25 – Alimentação



Fonte: Dados da Pesquisa.

Depois dos estudos e pesquisas sobre os temas de interesse – que também pode ser realizada no *Youtube* e em livros – ele testa o que foi assimilado no próprio corpo. Este, por sua vez, fornece um *feedback* e, caso seja positivo, ele continua aplicando o conhecimento novo.

Os livros, apostilas e vídeos estão, na maioria, armazenados no aparelho celular. É o meio mais fácil e conveniente: o aparelho celular está sempre com ele, em qualquer ambiente. Por outro lado, possui desvantagem com relação ao livro, pois precisa estar conectado. Há cursos *online* que o interessam, mas ele prefere o impresso para estudar. Além disso, os recursos do celular desviam o foco da leitura, sobretudo o *Whatsapp* e *Facebook*.

O compartilhamento de informações ocorre intensamente com três amigos. Se algum deles adquire nova informação, esta é repassada para os demais, de modo que eles possam incluir nos treinos. Conversam no bate-papo do *Facebook* e na academia.

As redes sociais são importante meio de troca de informação. Já a mídia de massa é percebida por F.F. como danosa à imagem do fisiculturismo. Nunca observou uma matéria no Jornal Nacional sobre algum campeão de fisiculturismo. Por outro lado, a existência do fisiculturismo é sempre associada a fatos negativos,

por exemplo, quando algum praticante morreu em decorrência do uso em demasiado de esteroides anabolizantes.

Já o *Facebook* é visto como um canal de informação mais positivo, utilizado frequentemente, tanto para divulgar a evolução corporal e resultados dos campeonatos quanto para conseguir patrocínio. Nesse meio, F.F. já conseguiu três patrocinadores, que o auxiliam na competição, em troca da divulgação de marcas de suplementação, vestimentas etc. O *Facebook* é o que dá condições para ele competir, além de fonte de motivação ao revelar a confissão de pessoas que exprimem a ideia de serem como ele.

Enfim, para aqueles que almejam participar do fisiculturismo, F.F. aconselha: pense duas vezes. Este esporte não é para qualquer um. Há aqueles que os consideram loucos, pelo fato de restringirem o que gostam de fazer, de ficarem sem beber água, ou passarem horas de treino na academia. Muitos neófitos desistem quando começam as dietas restritivas: sem carboidrato, a pessoa não sorri. O bom funcionamento do cérebro precisa de glicogênio, do contrário a pessoa “enlouquece”. Quando, todavia, se adquire o gosto pelo fisiculturismo, tudo se torna prazeroso. É uma batalha que ele promete nela continuar, sem prazo para acabar.

5.4 Sacrificante, mas gratificante

M.G.S.F. é uma atleta do fisiculturismo competitivo, de 25 anos. Pratica musculação desde os 18 anos e iniciou a participação em campeonatos no ano passado (2015). A atividade física é o seu modo de vida, tanto por ser um meio de trabalho, já que é instrutora de academia (atualmente, desempregada), quanto como um *hobby*. Faz com tanto comprometimento e amor que expressa realizá-la quase como atividade obrigatória, no sentido de ser essencial para o seu bem-estar: se não realizá-la, adoece.

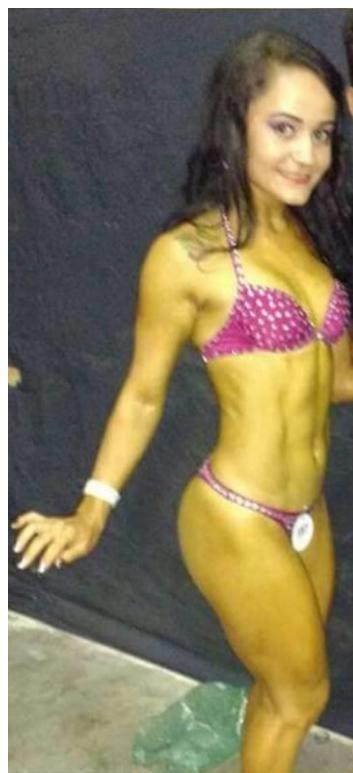
M.G.S.F. sonha em graduar-se em Educação Física, fortificando conhecimentos sobre o fisiculturismo, concebido por ela como um conjunto de práticas que envolvem exercícios físicos, suplementação e dieta, em adição aos objetivos do fisiculturista.

No início da prática de exercícios físicos, achava-se muito menina e magrinha. Com o passar dos anos, os treinos melhoraram a aparência corporal e,

logo, vieram convites para as competições. Assim, decidiu investir e competir, estreando na categoria *Bikini*.

O campeonato foi uma experiência inexplicável e super gratificante, apesar de não ter ficado entre as três melhores. O que ela mais valorizou foi o reconhecimento das pessoas. Lá, encontrou algumas que só conhecida pelo Facebook. Sentiu-se bem e motivada para crescer ainda mais na carreira do fisiculturismo. A motivação não existe apenas por ter um corpo bonito, mas como um meio de conseguir algo mais na vida.

Figura 26 – Alimentação



Fonte: Dados da Pesquisa.

Entende que o sucesso no campeonato está relacionado à boa suplementação e à dieta, além dos exercícios físicos. A preparação para o campeonato é sacrificante, mas gratificante. A dificuldade aumenta gradativamente, atingindo o ápice no momento em que o atleta passa fome e sede, pela dieta restritiva e redução da ingestão de água (dez a quinze dias antes, sendo que no dia da competição o consumo é mínimo).

Os obstáculos são difíceis de superar, mas é algo suportável, e, independentemente do resultado, este sempre será positivo. M.G.S.F. acentua que

nada no mundo paga o reconhecimento das pessoas, o que faz dessa atividade relevante não apenas para o corpo mas também para a mente, motivando os participantes.

Na saúde, os exercícios físicos e hábitos saudáveis de alimentação afastam os riscos relacionados a uma vida sedentária, como a obesidade, por exemplo. Este esporte possibilita a aquisição de mais conhecimento sobre uma boa alimentação, além de ensejar conhecer pessoas que vão motivar e repassar informações para o seu desenvolvimento físico e mental.

O número de fisiculturistas cresce consideravelmente, ainda que não tenha diminuído o preconceito sobre esta atividade, sobretudo no meio feminino. Nunca pensou em desistir, ainda que existam, na vida do atleta, fases de desânimo que o deixou cabisbaixo. No início, pessoas e os custos podem desmotivar os participantes. Desistir, no entanto, nunca passou pela sua cabeça.

Todos os dias, treina na academia. Ela é a sua técnica, planejando treinos e dieta. Não possui horário fixo, apesar de ter consciência de que o procedimento correto seria definir um turno para os seus treinamentos. Às vezes, não vai para academia às quartas-feiras, dedicando-as ao descanso, outro fator essencial para o desenvolvimento corporal do fisiculturista.

Figura 27 – Rotina de Treinamento na academia



Fonte: Dados da Pesquisa.

Permanece na academia por um período médio de 50 minutos. Os treinos ficam mais agradáveis quando utiliza fones de ouvido e escuta músicas de que gosta, comportamento semelhante ao de outras pessoas: tem gente que gosta de forró, funk, dentre outros ritmos. A questão da vestimenta também influencia bastante no rendimento do treino. Sempre há pessoas que aparecem e comentam que a roupa que M.G.S.F. está usando está “bacana”. É muito gratificante para ela.

M.G.S.F. tem dificuldade em aumentar o bumbum. Por isso, intensifica os exercícios neste grupo muscular (quadríceps, panturrilha, posterior e bumbum). Já a parte superior é pouco trabalhada, para evitar que ela fique muito máscula, resultado não desejado, ainda que tenham perfis de fisiculturistas femininas com forte desenvolvimento muscular, por exigência das distintas categorias dos campeonatos.

Na academia, não há espaço preferido para a realização dos treinos. O que importa é ter espaço e aparelhos disponíveis. Se estão ocupados, ela faz exercícios livres no colchonete. É interessante notar que os espaços de treinamentos na academia estão divididos por gênero – ala masculina e ala feminina. M.G.S.F. explica que é para oferecer maior conveniência e privacidade às mulheres, sobretudo as casadas ou que namoram, cujos parceiros não acham agradável ver suas parceiras sendo observadas por outros homens.

Para M.G.S.F., não há motivos negativos que a impeçam de fazer os exercícios. Todo dia é dia. Sobre estratégias de formação de corpo baseadas em esteroides, ela sabe que existe, ainda que a maior parte dos competidores prefira negar o uso. No meio feminino, acredita que os usuários são em número menor, impulsionadas, apesar dos riscos, pelo sonho de serem campeãs.

O uso dos anabolizantes requer atenção especial, pois é preciso pesquisar e estudar mais sobre os efeitos colaterais. Isto vale também para a suplementação, amplamente popularizada entre os praticantes de atividades físicas. Certa vez, M.G.S.F. tomou um termogênico e passou mal. Ela tomou o *Lipo 6 Black*, com a intenção de emagrecer, eliminar a gordura e aumentar a definição. A dose recomendada foi de dois comprimidos, em jejum. Mesmo tomando apenas 1, ao terceiro dia de uso contínuo, começou a sentir náusea, dores de cabeça e febre, sintomas que perduraram por 9 dias. Todos os dias ela ia pra UPA (Unidade de Pronto Atendimento), serviço de atendimento de saúde pública local, onde recebia medicação e realizava exames laboratoriais para a descoberta das causas do seu mal-star.

Recuperou-se. Aprendeu que os organismos das pessoas não reagem do mesmo modo, e que deve sempre procurar pessoas que têm mais conhecimento. Evita contato até com suplementos.

Para aprender e estar informada sobre o fisiculturismo, M.G.S.F. faz pesquisas na internet, assiste a vídeos e conversa com pessoas que possuem mais experientes. Ela se informa mais sobre a maneira correta de fazer os exercícios, pois não adianta ter uma boa alimentação, suplementação, ir para a academia e colocar um monte de peso na máquina, e executar o exercício erradamente.

Não se obtém resultado assim. Pelo contrário, aumenta a possibilidade de prejudicar a saúde e de lesionar-se. Por isso, M.G.S.F. busca obter informações detalhadas de como executar os exercícios de modo correto.

Posteriormente, afere a credibilidade das informações, aplicando-as na prática dos exercícios, realizando verificações periódicas das medidas corporais (de três em três meses). O resultado é demonstrado pelas medidas, que aumentam ou diminuem de acordo com definição e volume muscular, e conforme a estratégia de exercícios, dieta e descanso aplicada.

Essas informações são guardadas na memória. Ela prefere não escrever, mas aprender.

Ela compartilha informações por meio de conversas e pelas redes sociais. As pessoas pedem informação. A maioria delas M.G.S.F. nem conhece pessoalmente, por isso a relevância das redes sociais, especificamente *Facebook* e *Whatsapp*. Ela não costuma divulgar os resultados durante a preparação para as competições, guardando-os para sejam divulgados apenas no momento em que acha mais apropriado – no dia do evento.

5.5 Objetivo, Metas e Motivação

Um estilo de vida para poucas pessoas é um das concepções de R.X.G. sobre o fisiculturismo. Atualmente com 17 anos, ensino médio completo, pratica exercícios desde os 15. Ele expressa que nasceu para o fisiculturismo. Ama e é apaixonado pelo fisiculturismo, ao ponto de considerá-lo uma condição básica para a sua sobrevivência.

É consciente de que, assim como ele, as pessoas estão mais preocupadas com o corpo e a saúde, fato refletido no aumento do número de participantes nas

academias e no fisiculturismo. De outro lado, observa o preconceito em relação ao fisiculturismo por parte da sociedade, ao não permitir que as pessoas possam conhecer esta prática como realmente é: “maravilhosa e totalmente diferenciada”. A natureza singular deste esporte torna o atleta “diferenciado” diante dos olhos das pessoas, representando dedicação e seriedade, vividas 24 horas por dia.

O sonho de R.X.G. era competir, subir e apresentar-se nos palcos. Esta experiência é descrita por ele como mágica e repleta de amor e sensações indescritíveis. O sofrimento é parte do percurso que se faz até a apresentação, recompensado por ver e ouvir as pessoas chamando o seu nome. É algo que o motiva para o próximo campeonato.

A pouca idade, que o condiciona à primeira categoria dos campeonatos – a juvenil – parece não refletir o nível de conhecimento e comprometimento que R.X.G. possui sobre o fisiculturismo. Na intelecção deste atleta, o fisiculturismo consiste na execução de um trabalho árduo – dia após dia – no qual não são admitidos erros.

Ele lembra que a preparação, que pode durar de seis, oito ou doze semanas, é avaliada em menos de cinco minutos no palco. Se errar ao ingerir miligramas de água e sódio, ou no tempo do descanso, ou no nível do estresse, o resultado positivo pode estar ameaçado. Por outro lado, uma dieta bem equilibrada, suplementação e treinos, além da motivação pessoal, aumenta a probabilidade de se ter melhor apresentação – “diferenciada” – dos demais competidores: “É você mostrar para que veio. É um momento só seu!”. O tempo de preparação é descrito mediante a seguinte máxima do esporte: “um ano de trabalho para 1:30 minuto no palco”, que expressa o fato de trabalhar muito para pouco tempo no palco.

R.X.G. está sempre disposto a aprender mais. Consciente de não saber sobre tudo, ele aprende com os erros, os quais são numerosos e, por vezes, inevitáveis. Como se obter melhores resultados? No ponto de vista dele, é errar menos.

As vantagens de ser um fisiculturista são infinitas: é amar o que se faz, de ser diferenciado, e de ter saúde, por estar treinando e alimentando-se bem. É sentir-se bem consigo mesmo. É um esporte que, para onde o atleta vai, ele o representa. O jogador de futebol, quando está fora das suas atividades, ninguém reconhece qual esporte ele pratica. Do mesmo modo, o nadador e o jogador de tênis. Já o *bodybuilder* todos identificam imediatamente, já que o esporte o acompanha 24 horas por dia. Ele leva o esporte no corpo, ao andar e dormir. Ele não se

desvincilha do seu instrumento de trabalho, assim como o jogador de futebol faz ao tirar as chuteiras, ao término de uma partida.

Como desvantagens, cita o preconceito, sobre o qual os fisiculturistas estão comprometidos a erradicá-lo. R.X.G. lembra que, há pouco tempo, a população em geral tinha concepção de que o marombeiro era “burro”, ignorante, isto é, que não sabe das coisas. Hoje em dia, há um reconhecimento de que existem entre os fisiculturistas médicos, fisioterapeutas, educadores físicos, policiais, dentre outros.

Esta capacidade é comprovada pelo fato de ele ser apto a participar desta pesquisam, conseguir conversar e se expressar normalmente. Em suma, ele acentua, com orgulho, que é “diferenciado”, mas é ser humano como os outros, que possuem defeitos e qualidades. É divertido, ainda que no treino seja sério, pois não vai para a academia para brincar – isso é para fora dela.

De todos esses conhecimentos, R.X.G. destaca a noção de que o fisiculturismo o ensinou a ter um objetivo e traçar metas, e nunca desistir. A motivação não é utilizada apenas no sentido restrito de um bordão amplamente utilizado e popularizado pelos esportistas em geral, mas como elemento essencial da vida cotidiana, em que há pessoas desmotivadas com a vida, que sofrem de depressão – doença sobre a qual pouco se entende.

Na visão de R.X.G., é o psicológico da pessoa que está sofrendo e, consequentemente, reflete no corpo. Essas pessoas não possuem uma meta na vida. Caso se queira ser engenheiro ou médico, ou melhorar o corpo, ou fazer uma viagem, deve-se trabalhar e planejar isto. Se houver sonhos, o primeiro passo é concretizá-los no papel, escrevendo-os ao modo de metas, por exemplo, “gostaria de 3 quilos este mês”. Deve-se colocar no papel, de modo que aquilo se tornará, de certa maneira, mais tangível (concretizável). Paralelamente, nunca se deve desistir. Críticas existirão, devendo ser absorvidas apenas as de teor construtivo, isto é, as que não intentam deixar a pessoa para baixo e que proporcionam a reflexão positiva sobre determinado objetivo.

No início da sua breve carreira, fatores de desmotivação surgiram na família. A idade em fase de crescimento foi um fator de preocupação por parte do seu grupo familiar, ao acreditar que ele não poderia levantar tanto peso. Foi difícil, mas todos acostumaram, pois compreenderam o que ele fazia e, sobretudo, que ele amava aquela atividade. Aceitaram e passaram a ajudá-lo.

O fisiculturismo carece de espaço na mídia. Na televisão, é veiculada uma ampla gama de esportes, inclusive aqueles dos quais nunca se ouviu falar aqui no Brasil, menos o fisiculturismo. O mais comum é ver esse esporte divulgado quando os praticantes são originários em famílias famosas se mantém relacionamento amoroso com celebridades.

Em época fora dos campeonatos, R.X.G. treina apenas uma vez ao dia. Faz ABCD, às vezes, ABCDE. No momento, ele treina ABC, conforme orientação do treinador. Fora de competição, o foco é o ganho e a feitura de uma estrutura muscular melhor.

Figura 28 – Alimentação em período off-season



Fonte: Dados da pesquisa.

Nota: 10 ovos, 6 bananas, 100g de aveia

Já em *pre-contest* (pré-campeonato) – a fase atual em que ele se encontra – vai duas vezes ao dia para a academia. Faz até dois exercícios aeróbicos por dia, dependendo da dieta programada (isto é, quantidade de calorias) para aquele dia. Pela manhã, faz o aeróbico e à noite desenvolve a musculação. Se não vem para a academia, o cardio (aeróbico) pode ser feito na rua.

Se na academia não estiver tocando música que o agrade, e se não tiver com os fones de ouvido, ele fica chateado. Não, porém, ao ponto do treino não render, pois ele garante a eficácia do exercício, esquecendo-se de que o som é indesejado. Apesar disso, ele concorda com a noção de que a música influencia muito no seu treino, em até 70%. Há muitos “raps marombas”, que incentivam o

atleta. Essas músicas falam o que eles vivenciam. Assim, escutar aquela música que o representa, certamente, vai render “absurdamente muito mais”.

Sobre as vestimentas, ele, neste dia específico em fase de preparação, em treino aeróbico, utiliza blusão de moletom, que é uma estratégia para aumento e manutenção da temperatura corporal. Em período fora de competição, as roupas mais usuais são camiseta do tipo regata, *short* e tênis.

Sobre quais músculos ele gosta mais de treinar, assinala que tem preferência por um ou outro grupo muscular, mas que, por ser atleta, deve treinar o todo o corpo. Acha muito bom treinar bíceps, mas ele tem que amar treinar perna, ombro, peito. Do contrário, ele vai ficar assimétrico, um fator negativo para o atleta.

Os aspectos psicológicos também influenciam nos treinos. Se ele vem para a academia pensando em dívidas, problemas na família ou com a namorada, é possível que o treino não renda. Quando acorda cedo, vai para a academia, e inicia as repetições, mas parece que a sua mente não está ali, isto é, não está focada no treino. Provavelmente, a causa reside nos problemas e, por conseguinte, compromete-se imediatamente em esquecê-los. Para tanto, a academia funciona como meio de escape para o estresse do cotidiano, o qual pode causar não apenas pouco rendimento nos treinos, como também atritos com as pessoas e colegas.

R.X.G. acredita que a energia gerada pelas reações à dieta restrita, ou aos problemas familiares, pode ser direcionada para o treino. Ele “joga” tudo isso no treino, aumentando o número de repetições; e tudo melhora. Para ele, não adianta “descontar” nas pessoas ou utilizar os problemas para justificar a realização de um treino ineficiente, ou treinar como uma “moça”.

Dentre as estratégias de formação de corpo, aborda com naturalidade os assuntos polêmicos decorrentes do uso de anabolizantes, popularmente associados ao fisiculturismo. Pessoas fisicamente diferenciadas, por possuírem músculos avantajados, são corriqueiramente apontadas como usuárias de “bombas”. Na inteligência de R.X.G., esse preconceito, no entanto, representa o desconhecimento das pessoas sobre o histórico das práticas que resultaram naquele corpo. Assevera não ser hipócrita em negar o uso dessas substâncias no fisiculturismo, que são para ele nada mais do que hormônios. O problema do uso, no seu ponto de vista, é fazê-lo sem acompanhamento médico, potencializando os efeitos colaterais e ameaçando à vida do atleta.

O emprego de anabolizantes, todavia, não é fator único para se alcançar um físico extremo. Há treinos, alimentação e descanso. Além disso, se bastasse o uso dos anabolizantes, os usuários de insulina – diabéticos – se beneficiariam com o potencial anabólico (e anticatabólico), que os tornaria verdadeiros “monstros”.

Na medida em que o campeonato se aproxima, a tolerância aos erros diminui. A última semana é decisiva, pois reafirma, ou não, resultados positivos das semanas anteriores. As estratégias de finalização da preparação variam conforme a realidade de cada atleta. R.X.G., em suposição à realização do campeonato no sábado, afirma que “zera” (elimina) a ingestão de carboidrato durante o domingo, segunda e terça-feira, da semana antecedente, para esgotar todo o glycogenio que tem dentro do músculo. No treino, realiza de modo dobrado a quantidade de séries e repetições.

Continuando nesta simulação, ele explica que, apesar do sofrimento associado a um aumento da carga de exercícios *versus* diminuição dos carboidratos, o nível de água ainda está acima do desejável para a competição. Assim, na quarta-feira, diminui a ingestão de água, gradativamente. Esta desidratação é sempre antecedida de hiper-hidratação dos dias anteriores.

Paralelamente, é iniciada a reposição do carboidrato na alimentação. R.X.G. lembra que é o momento mais feliz da sua vida, já que este composto influencia diretamente no humor e o estresse do atleta. Erros nesta estratégia podem produzir perda de definição.

A intenção é chegar no dia do campeonato, neste caso, no sábado, “carbado”, isto é, com o corpo nutrido por carboidrato e, ao mesmo tempo, com baixa retenção de líquido, cujo resultado é a pele fina, colada ao músculo. Da sexta-feira para o sábado, ele reduz drasticamente a água: apenas hidrata os lábios com a água. No dia inteiro, apenas 100 ou 200 ml de água, no máximo.

Além disso, R.X.G. fica ansioso. “A ansiedade mata [...] Meu Deus do céu, tá chegando a hora, o trabalho foi árduo!” – reflete. No *backstage*, sente aquele cheiro de tinta, que é utilizada para bronzejar o corpo dos fisiculturistas, de modo a realçar a apresentação dos músculos. Ele afirma sentir uma sensação indescritível antes de colocar o fone de ouvido e se concentrar para a exibição. Ele deve aquecer-se, pois um bom aquecimento pode ganhar um campeonato. Assim como os demais, come chocolate e toma um pouco de vinho.

Figura 29 – Backstage em diferentes campeonatos



Fonte: Dados da Pesquisa.

Ao ser anunciado pelo apresentador, repassa na mente a coreografia, e vai. Ganhando ou perdendo, o que importa para ele é a consciência de que fez o seu trabalho. Depois que termina a competição, e que desce do palco, sente-se mais feliz. É o momento do efeito “rebote”, isto é, a retomada dos níveis normais de hidratação e ingestão de alimentos. A diferença entre o peso durante e após a competição pode variar em até 15 quilos, recuperados em dois dias: o peso variou de 75kg para 90kg na primeira competição.

Figura 30 – Apresentação em palco



Fonte: Dados da Pesquisa.

Após a competição, está feliz pelo fim das restrições, ainda que tenha de ficar atento para não exceder na alimentação e manter definição, por exemplo, para estar apresentável para a realização de fotos posteriores ao campeonato. É também motivo de contentamento e gratidão observar que o seu trabalho foi feito e que deu o máximo de si. Após o campeonato, é iniciado um novo período de *off-season*.

Para R.X.G., todos os que sobem no palco já são vencedores, apesar de que aquele que conseguir um melhor físico é que vai ganhar o troféu. Ele observa que, ainda que todos os esportes, trabalhos e estudos, congreguem “não legais”, existe uma união entre os fisiculturistas. Segundo ele, se ele subir no palco e o seu amigo estiver do lado, ele não estará competindo com o outro, mas sim consigo mesmo.

Deste modo, o fisiculturismo permite uma visão de recompensa alternativa à observada em outros esportes, como nos jogos de luta – do tipo UFC – nos quais sempre haverá um ganhador e um perdedor. “Somos uma família” – afirma. No *backstage*, todos ajudam uns aos outros, como, por exemplo, compartilhando equipamentos para o aquecimento dos músculos.

A maturação nos conhecimentos sobre o fisiculturismo, apesar da pouca idade, resulta da experiência e de pesquisa na internet. Apesar de considerar esta fonte a maior do mundo, é consciente de que nela há bastante informação enganosa. É preciso avaliar tudo com atenção, procurando verificar a precisão das informações selecionadas com quem tem mais experiência (geralmente adquirida pelo tempo dedicado à atividade), tanto no fisiculturismo, quanto nas demais áreas dedicadas a formação do corpo.

Não se cansa de ler revistas e livros. O fato de ser atleta não indica necessariamente que as suas leituras sejam apenas sobre dieta ou suplementação. Não! Ele busca livros “diferenciados”. Pesquisa e troca informações e, na prática, aprende com os erros, e tenta acertar na próxima vez.

R.X.G. observa que há muitos canais no *Youtube* que devem ser absorvidos de modo positivo; não os aceitando, imediatamente, todavia, de modo crítico, com suporte numa avaliação que resulta no aceite (ou não) da informação. Dentre os critérios utilizados, indica procurar conhecer a origem da informação – se é de um site confiável, e qual a autoria, isto é, se foi escrito por médico ou especialista.

Ele é ciente de que algo que funciona para ele não funcionará para o outro. O treino é individual. Assim, ele faz testes com o próprio corpo e, portanto, conhecer o próprio mecanismo biológico é fundamental para balizar essas avaliações.

A troca de informação é importante e constante, já que o aprendizado não ocorre unilateralmente. R.X.G. sabe aquilo que o outro desconhece, e vice-versa. Isto ocorre diariamente, no momento em que sente a necessidade de buscar novas ideias, proporcionando a aquisição de conhecimentos. Por outro lado, estar satisfeito com o atual estádio de conhecimento não contribui para a aprendizagem de mais saberes. Por isso, faz questão de afirmar para seus colegas de atividade que o importante é repassar o que se sabe, para quem necessita, proporcionando que ambos possam aprender cada vez mais. Ele orgulha-se em dizer que, quando desconhece alguma informação solicitada, admite que não sabe e se compromete em pesquisar, e repassá-la posteriormente. Deste modo, ele irá aprender junto com o outro.

Há ainda o compartilhamento de informações em conversas. Para tanto, acessa as redes sociais, meio pelo qual ele criou uma página dedicada a este fim, no *Facebook*. É onde ele repassa o que sabe e aprende sobre alimentação, exercícios, dentre outros tópicos, com as outras pessoas. É uma página que leva o seu nome, mas que é de todos.

Figura 31 – Página temática no Facebook



Fonte: Dados da Pesquisa.

Sobre o acompanhamento da evolução, não o agrada a fita métrica. Já a balança é necessária, porém, muitas vezes, imprecisa. Por exemplo, ao emagrecer um quilo, há que se considerar a variação de peso de gordura, massa magra ou ainda de líquidos. Ele explica que a quantidade de espaço que a gordura ocupa no seu corpo é muito maior do que a do músculo (e, portanto, possuem densidades diferentes), tornando o fato da perda de peso não necessariamente associado à qualidade muscular, exigida no fisiculturismo. Assim, “Do que adianta estar com 100kg e não parecer que está com 100kg?” – questiona.

Sobre o armazenamento, R.X.G. garante absorver as informações de modo rápido e, por isso, é raro ele guardar as informações impressas do fisiculturismo. A guarda dos materiais é quase sempre no formato eletrônico. Às vezes, “bate” um *print* do aparelho celular e, quando está com dúvida, consulta essas informações armazenadas. É um meio sempre recorrente, onde quer que ele esteja.

Fisicamente, há uma estante no quarto de R.X.G. com livros diversos, revistas e DVDs, porém de assuntos variados. Ele afirma não ser organizado, mas procura fazer jus a sua qualificação de técnico de administração, arrumando os materiais impressos nos finais de semana.

5.6 Conhecimento empírico limitado

R.L.F. é um estudante universitário de 20 anos. Há seis, dedica-se ao *hobby* de praticar exercícios físicos. Desta prática, escolheu cursar Educação Física, em prestigiada e concorrida universidade pública, e, há um ano, ingressou na modalidade do fisiculturismo competitivo.

Ainda que esta atividade seja relacionada à sua formação formal, planeja especializar-se em tópicos não relacionados ao fisiculturismo. Pratica porque gosta, concretizando um sonho de infância. A carreira de educador físico é inspirada na formação do tio – também educador físico.

Quando criança, não eram do seu agrado as aulas de Educação Física, pois sempre incluíam o futebol. Enquanto era obrigado a participar dos exercícios como requisito escolar, os amigos iam para a academia. Na medida em que desenvolviam massa muscular, R.L.F. se sentia motivado para o ingresso na musculação.

De modo restrito, pensava que esta atividade consistia apenas em “puxar” peso e ficar forte. Com a prática, descobriu que existe uma ciência: precisa-se

compreender Bioquímica, Química Orgânica, dentre outros tópicos que envolvem a formação do corpo. Isso exigia inevitavelmente o estudo apropriado para aprender, e, eventualmente, repassar o que gosta de fazer, pois percebe que há muitos desinformados sobre o fisiculturismo. Por exemplo, há aqueles que tomam BCAA e pensam que este composto é para definição, fato que não se confirma, pois é um conjunto de aminoácidos, cuja função é auxiliar na reconstituição muscular.

A intenção de ficar forte e bonito associou-se à oportunidade de conviver com atletas, motivando-o para a modalidade competitiva da musculação. Participou do campeonato promovido no CONAFF, na categoria 70 kg e na juvenil. Participou ainda de campeonatos menores nos três anos anteriores (2013, 2014 e 2015), geralmente não contabilizados pelos fisiculturistas por abrangerem apenas a academia.

Diferentemente da busca dos esportistas em geral por competir e ganhar do oponente, o que o motiva é a oportunidade de superação. Por exemplo, a capacidade de resistir à desidratação e a redução de carboidrato. Em estado de privação, ele sonha com a comida e decide não ingeri-la. Para muitos, o consumo de um simples biscoito é algo trivial, mas para ele constitui um desafio para resistir, e não desistir da preparação para os campeonatos.

O fisiculturismo é, na visão de R.L.F., um ritual, caracterizado por uma série de regras a serem seguidas, relacionadas ao horário e quantidade de consumo de alimentos, treinamento e descanso. Em período de competição, as regras tornam-se mais rígidas, limitando hábitos comuns de alimentação e treino. Sente fome em meio à necessidade de pesar os alimentos, avaliar a quantidade de massa magra, calorias e de proteína, carboidratos, lipídios, dentre outros compostos.

Assim, o entendimento de que esta atividade envolve apenas “só bater o ponto” na academia não condiz com a determinação, foco, esforço e intensidade dispensados pelo fisiculturista. Além disso, é essencial o apoio financeiro, já que os custos são altos, os quais extrapolam a capacidade financeira de uma pessoa desempregada, bolsista de iniciação científica na Universidade, e dependente da renda dos pais.

Diariamente, alimenta-se de proteínas caras: carne, ovos... Ovos, porém, não é alimento barato? Talvez para o consumo de uma pessoa comum. Para R.L.F., a quantidade diária pode variar de 20 a 25 ovos, em pré-competição. Somam-se a isso os suplementos alimentares, cujos preços também são altos. Há ainda gastos

associados: os custos com a inscrição, sunga, tinta de bronzeamento corporal, dentre outros.

O gasto com suplementação – motivo de estranhamento de muitas pessoas – é compreendido pelo R.L.F. como um investimento em saúde. Entende que custoso é ir para uma festa e, lá, comprar um litro de bebida alcoólica por um valor de R\$ 200,00, cujos efeitos são a desidratação e danos ao fígado, além de potencializar acidentes para aquele que a consome. De modo oposto, o suplemento melhora a alimentação, mediante deficiências específicas na dieta do atleta, cuja noção de alimentar-se bem transpõe o dito popular: comer bem é comer muito. R.L.F. explica que a primeira coisa que o fisiculturista faz é comprar uma balança digital, com fins de avaliar o que e a quantidade de alimentos consumidos. Esta consciência alimentar – regras de horários e composição dos alimentos – foi uma das maiores mudanças percebidas pelo próprio R.L.F. no ingresso do fisiculturismo, e é a ela que ele atribui o ganho de massa corporal de 20 kg, nos últimos dois anos de atividade.

Ter alguém disposto a compartilhar esses gastos é percebido como motivação, já que este ato indica que alguém afere que o atleta está em boas condições de competir. É uma resposta positiva ao trabalho realizado pelo atleta, também notado em comentários do público em geral, os quais ocorrem, sobretudo, em fase de “secar” (perda de peso), em que a aparência demonstra as divisões e as fibras musculares. Ao ir à praia – parte estratégica da preparação para o campeonato que envolve o bronzeamento da pele com fins de facilitar o recurso artificial da tinta corporal aplicada momentos antes da apresentação no palco – as pessoas admiraram os seus músculos “saltados”, incomuns nos corpos dos demais frequentadores: “os ombros ficam em forma de uma bola, o peito fica lá em cima, e na barriga, há um ‘quadradão’ enorme”.

Este modo de vida pode ser visto com admiração ou curiosidade de saber como se obtém aquele corpo. A falta de conhecimento, todavia, pode ensejar preconceito. Por exemplo, quando, ao se alimentar em ambientes públicos, como foi o caso do Departamento Estadual de Transito, quando de teste de habilitação para dirigir, as pessoas estranharam a sua marmita com batata-doce, chegando a perguntar-lhe se ele não sabia que havia lanchonetes disponíveis naquele local. Outro exemplo semelhante foi quando, certa vez, em restaurante com a família da sua namorada, a marmita pronta, trazida de casa, também causou comoção dos

presentes para que ele provasse, nem que fosse em pouca quantidade, o prato principal da noite: *pizza*.

Em período fora da competição, R.L.F. dedica-se à formação da musculatura. Deste modo, é permitido consumo de maior quantidade de alimentos, incluindo carboidratos, os quais são essenciais para prover a força (energia) necessária para treinos mais pesados.

Treina de segunda a sábado, em tempo médio de 40 a 50 min, na academia, ainda que os exercícios aeróbicos – correr e pedalar – possam, eventualmente, ser realizados em outros ambientes. Os treinamentos com pesos, todavia, necessitam, inevitavelmente, para sua efetividade, do apoio dos equipamentos da academia (máquina, halteres, barras etc.), só encontrados na academia. Por exemplo, não há efetividade em treinamento de perda sem a máquina de *leg press*, as barras e outros recursos.

Juntamente com o treinador, a alimentação é planejada e orientada com base na carga de exercícios a serem realizados. Deste modo, maior quantidade de alimentos ingeridos demanda maior capacidade de treinamento.

Ao chegar à academia, o atleta aquece – “fazer o sangue circular” – por alguns minutos na bicicleta e já põe em prática o programado para os exercícios. Ele não deve saber apenas o que será treinado naquele dia, mas durante toda a semana. O planejamento também é importante para definir aqueles que devem alcançar o estado de “falha” – excêntrica ou concêntrica – e quais os músculos estão mais “pequenos”, para aumentar a carga nesses exercícios.

A busca por simetria não lhe permite definir os treinos com base no gosto pessoal por trabalhar determinado grupo muscular. R.L.F. acredita que o trabalho por completo deveria ser a busca de todo atleta, apesar de ser sabido haver categorias que avaliam músculos específicos, como a *Men's Physique*, na qual o atleta se apresenta de bermudas e, portanto, não exige o desenvolvimento da coxa.

Figura 32 – Treinamento de membros inferiores - panturrilhas



Fonte: Dados da Pesquisa.

As músicas incentivam o treino. Os fones de ouvido evitam distrações, conversas paralelas (quem quiser falar com ele, vai ter que esperar) e o faz esquecer o mundo exterior ao ambiente da academia. Outro fator positivo para treinamento é dormir satisfatoriamente. Se descansar bem à noite, não vai se sentir fadigado, no momento da realização dos exercícios. A alimentação, feita uma hora antes de malhar, também estabelece o diferente no treino. Se comer bem, o corpo vai ter energia para gastar. Se tomar um pré-treino – um conjunto de substâncias estimulantes, que incluem a cafeína – ficará mais ágil ao exercício. Este último aspecto motivacional resulta mais de uma resposta biológica, do que do estado psicológico da pessoa.

Outra modalidade de avaliação do treinamento é analisar se está rompendo as fibras, isto é, um “*pumping*” (crescimento muscular) satisfatório. Sentir o ácido lático circulando no músculo, no momento em que está chegando à exaustão é um bom sinal de que o exercício está sendo efetivo. Do contrário, pode ser que não esteja contraindo corretamente o músculo, ou que está fazendo pouca repetição.

Em período de pré-competição, a alimentação e os treinos mudam. É reduzida a ingestão de carboidrato e demais calorias, com vistas à perda peso e medidas que, porventura, estejam impedindo a visualização da definição muscular do fisiculturista. Alguns alimentos proteicos, como a carne, são evitados por serem de uma digestão difícil, ao contrário do que se observa no consumo de peixes,

frango e ovos. Nesta mesma perspectiva, o arroz, sobretudo o branco, é evitado, em troca de alimentos que produzem menor índice glicêmico, pelo maior tempo de digestão, como a batata-doce e o arroz integral. À noite, ingere-se pouco carboidrato, de modo a compensar o metabolismo mais lento, característico do período noturno.

Na fase final do *cutting*, termo derivado da ideia de corte na alimentação, passa-se alguns dias com dieta “zero” carboidrato, com o intento de realizar uma “homeostase”, entendida como o equilíbrio metabólico de formação (anabolismo) e degradação (catabolismo) muscular. O auge deste processo ocorre, geralmente, no período após a pesagem pré-competitiva, no qual é estimulada a ampla capacidade anabólica do corpo, popularmente conhecida como “carbar”, entendida como a reposição de certa quantidade de carboidratos (pode ser em laticínios, como o sorvete) para gerar um *pumping* nos músculos, potencializada pelo intenso período de privação de carboidratos. Esta estratégia de crescimento muscular se beneficia ainda pelo estado de desidratação e, consequentemente, menor retenção de líquidos. Assim, o volume muscular é valorizado pelo fato de a pele estar mais fina e, aparentemente, “grudada no músculo”.

No momento de competir, R.L.F. não consegue raciocinar de modo apropriado. Muita fome e sede. Apesar da condição adversa, busca focar no palco e em conseguir posar bem. As câimbras o atrapalham, consequência da desidratação. Para preveni-las, ele toma dois comprimidos de *Slow CA*, cujo composto básico é potássio. Ao contrair a musculatura desidratado, aumenta a probabilidade da ocorrência das câimbras, e foi o que aconteceu. No momento da pose das costas, não conseguiu dar prosseguimento à rotina programada.

Figura 33 – Campeonatos - palco



Fonte: Dados da Pesquisa.

Na mente, os pensamentos voltam-se para refletir sobre o quanto ele poderia ter feito melhor na preparação daquela competição: de ter treinado mais, ou ter elevado mais a ingestão calórica do período fora da competição, ou ainda ter começado o período da dieta com peso suficiente para diminuir os efeitos negativos da privação de alimentos do período do pré-campeonato. Além das câimbras, temia suar. Se suasse, a tinta corporal poderia escorrer e manchar a sua sunga e, consequentemente, demonstraria que ele não havia desidratado o suficiente.

Ao redor, observa que havia competidores que foram bem mais “secos” do que ele. Enquanto ele tinha perdido 9 kg, houve competidores que perderam até 20 kg.

As preocupações e o fato de não ter se classificado foram revertidos em aprendizado, sendo este o objetivo principal de quem nunca havia participado de campeonato de grande porte. Foi uma oportunidade de participar com pessoas que

já competiam, e ganharam competições, tanto em categorias como no *overall* (o campeão de todas as categorias, em um campeonato). Além do mais, participar é bastante diferente de competir.

O lado competitivo do fisiculturismo, todavia, demanda a existência de ganhadores. Neste sentido, R.L.F. esclarece que o segundo lugar é o primeiro perdedor: “O cara tem que ir para ganhar!” – acentua. Esta é a condição daqueles que sonham em viver do fisiculturismo, como o seu treinador, que é atleta.

Sobre o uso de esteroides, acredita que há muita controvérsia a respeito do assunto. R.L.F. esclarece que a maioria dos atletas de alto rendimento, em todos os esportes, utiliza este tipo de substância, que melhora o desempenho nas diversas atividades. No fisiculturismo, a polêmica é originada pelo uso para ganho de massa – “ficar grande”.

No ponto de vista comprehensivo, o uso dessas substâncias não deveria ser feito de modo abusivo, já que afeta o sistema endócrino e a produção de hormônios, além de sobrecarregar o fígado. O acompanhamento médico, nutricional e de treinamento é outro aspecto imprescindível para evitar episódios fatídicos.

R.L.F. informa ser bastante incomum os atletas profissionais morrerem por causa dos anabolizantes. Dentre aqueles os quais ele se lembra, conhece o caso de Andreas Munzer, famoso fisiculturista que faleceu em decorrência do uso dos esteroides. Munzer se destacava pelo corpo mais “fibrado” e “seco” (baixa gordura corporal) do mundo. Na necropsia do corpo de Munzer, R.L.F. se lembra de que foram encontrados cerca de 50 comprimidos de *halotestin* – inteiros – ainda não metabolizados pelo corpo.

Por este exemplo, R.L.F. acentua que o que prejudica o atleta não seria a droga em si, mas os exageros, geralmente associados à falta de pesquisa e ignorância (ou falta de conhecimento) dos usuários. R.L.F. evoca ainda outro caso, de uma moça que faleceu em decorrência do uso de suplemento termogênico, cujo princípio ativo se assemelha ao de muitas frutas, que devem ser consumidas com parcimônia.

Meios de coibição desta prática, como a existência de campeonato para os “puros”, isto é, os que não utilizam esteroides, são raros, sobretudo na contextura local. Testes *antidoping* são caros, cujos custos extrapolam até mesmo o valor da premiação dos campeonatos.

O uso do esteroide, todavia, não torna o fisiculturista campeão (se assim fosse, bastaria apenas fazer as aplicações), já que consite em apenas apoio à regeneração das fibras desgastadas no treino (catabolismo). Há que se considerar outros elementos essenciais para o processo anabólico, como alimentação e descanso.

Os conhecimentos adquiridos sobre o fisiculturismo resultam de processo de pesquisa e prática do fisiculturismo, que se aprimora na medida em que o estudo sobre Educação Física é aprofundado, na Universidade. Já utilizou bastante a internet, tendo os materiais produzidos pelo fisiculturista Fernando Sardinha uma das suas fontes preferidas.

R.L.F. tem muitos livros, muitos arquivos em pdfs, vídeos, atlas de Anatomia, livros de Fisiologia, livros do Valdemar Guimarães (este aborda o uso dos anabolizantes), dentre outros. R.L.F. utiliza esses formatos mais no meio digital. Tem muito livro impresso que é muito antigo e que é difícil de encontrar. Por exemplo, o *Anatomia Básica* do Angelo Fattini: é difícil de encontrar, e quando se encontra, o livro é muito velho (deteriorado). Para R.L.F., é mais fácil você encontrar digitalizado, com a vantagem de tê-lo guardado, em bom estado para uso, sem custos. Há ainda a biblioteca da Universidade.

Ao ingressar no ensino superior, a busca por informações foi ampliada. Solicita indicações aos professores (muitos doutores) sobre artigos, livros etc. Certa vez, R.L.F. sofria de tendinite patelar. Com muita dor, decidiu consultar Laboratório de Força da Universidade, local onde haveria a possibilidade de realizar o diagnóstico desta doença. Após o mapeamento do problema, recebeu a prescrição de tratamento com um fisioterapeuta, que, por sua vez, sugeriu mudanças nos exercícios. Aconselhou-se também com o docente da área de musculação, que o orientou sobre mudanças nos exercícios. Após esses procedimentos, as dores cessaram.

Antes deste apoio institucional, R.L.F., provavelmente, consultaria o *Youtube*, para procurar por explicações sobre tendinite – modo de proceder que, atualmente, considera inadequado. Ele observa que os produtores de parte dos conteúdos deste meio não possuem formação apropriada, que, só porque treinam, acreditam possuir perícia para explicar e realizar diagnósticos. “Se você não sabe, como é que vai ensinar alguma coisa?” – questiona.

A falta de formação, entretanto, nem sempre indica a execução incorreta dos exercícios. Há fisiculturistas que não possuem formação acadêmica, mas conseguem proceder corretamente o treinamento, graças ao conhecimento empírico adquirido em anos de experiência. Este tipo de saber, por outro lado, se mostra limitado: o atleta “empírico” é capaz de indicar um treinamento para bíceps correto, sem, contudo, saber se o que está sendo recrutado é a porção curta ou a longa.

No cotidiano, R.L.F. assinala que, se perguntasse, na academia, o que é fazer o treinamento de força e um RM (repetição máxima), ninguém saberia responder-lhe. Outro exemplo: há pessoas que excedem a carga no exercício com pesos, com o intuito de fazer um treinamento de força. Ocorre que este tipo de treinamento é aquele em que a pessoa realiza de uma a quatro repetições, com uma certa quantidade de peso, definida previamente com apoio em um teste específico. Para R.L.F., este, portanto, é o lado “vago” do empirismo na musculação, que pode, inclusive, causar lesões.

R.L.F. abre uma exceção para o caso do seu treinador, que não possui formação formal, mas que busca se atualizar em fontes com credibilidade, como os artigos científicos. O treinador está sempre pronto para orientá-lo para a correta execução dos exercícios: por exemplo, a melhor posição do pé no agachamento ou o correto movimento do cotovelo no levantamento de pesos para bíceps.

Para aferir a aplicabilidade da informação, ele se inspira nos testes das pesquisas científicas. Certa vez, o professor solicitou-lhe estudo, com base em 20 artigos científicos, sobre o exercício de agachamento livre. Essa pesquisa incluía testes para saber como ocorria o agachamento com os pés mais abertos e mais fechados, bem como com ponta do pé para dentro e para fora.

Sobre o compartilhamento de informação na academia, R.L.F. não gosta de interferir na rotina que as pessoas estão realizando, pois geralmente estão sendo orientadas pelos instrutores. Ademais, a intromissão no treino do outro pode ser algo constrangedor. Lá, ele é um aluno e, portanto, não lhe cabe o papel de ensinar para outro aluno.

No horário em que treina, há cerca de seis pessoas que, como ele, treinam e que cursam Educação Física. Outros já são formados, inclusive em pós-graduação nessa modalidade. As semelhanças, todavia, são restritas apenas ao aspecto da formação acadêmica. O fato de os demais “acadêmicos” não possuírem corpos no padrão do fisiculturismo os descredencia perante os frequentadores da academia

como fonte de conhecimento, já que ninguém pergunta nada para eles. R.L.F. percebe que, apesar de muitos saberem que ele cursa Educação Física, perguntam-lhe mais por causa do seu corpo. O mesmo ocorre, de modo inverso, com aqueles que, sem formação acadêmica, ou até mesmo que nem terminaram o ensino médio, mas, por terem um corpo desenvolvido, são procurados pelas pessoas para tirar dúvidas.

R.L.F. gosta de compartilhar informação com quem ele julga ter interesse por estar informado. A ele agrada ajudar as pessoas na prática, observando os possíveis erros de execução do exercício. Problemas comuns podem estar relacionados a dores em determinados movimentos, que poderiam ser sanadas se fossem executados de modo correto; por exemplo, quando, em um exercício de bíceps, sente-se dor no ombro. Às vezes, a pessoa pensa que está colocando o quadril para trás, que está, na realidade, sendo movimentado para frente, ou que está inclinando muito o corpo, podendo provocar dores no joelho e região pélvica. Quando se faz corretamente, não há dor.

Há também compartilhamento nas redes sociais, que estão “bombando”. Neste meio, já postou fotos da época do ensino médio, quando pesava 54 kg, para comparar com os atuais 81 kg. Quando aparecem aquelas recordações automáticas do *Facebook*, ele se surpreende com o ganho de peso. Percebe que está até maior do que muitos daqueles amigos que iniciaram a musculação antes dele. As pessoas também percebem e comentam, motivando-o a continuar na prática do fisiculturismo.

R.L.F. publica ainda fotos de campeonatos, fotos de dietas: por exemplo, fotos de almoço (só arroz integral, frango e um pouco de azeite), fotos de salada etc. As pessoas admiram-se pelos modos de se alimentar e pelo tamanho do corpo, além de se questionarem por que ele faz aquilo tudo.

Essas informações compartilhadas não servem de motivação apenas para R.L.F., mas também para os outros que estão iniciando. É importante esclarecer que não é fácil a formação de corpo, mas que, sobretudo, é possível. É comum, no ambiente da academia, ouvir brincadeiras sobre o tamanho dos iniciantes, chamando-os pejorativamente de “frangos”. Ao partilhar a sua história de vida, R.L.F. acredita que a principal mensagem é que sempre é possível evoluir e desenvolver o corpo.

5.7 Viver o fisiculturismo pela saúde

F.S.S.N. tem 30 anos, é vigilante e universitário, cursando Educação Física, sendo também fisiculturista. Considera o fisiculturismo um *hobby*, conceito formado pelo fato de esta atividade ser realizada no tempo livre (das obrigações formais/trabalho) e porque ele faz o que gosta. Para quem visa o benefício financeiro, ele esclarece que este é mínimo ou, muitas vezes, inexistente.

Ele exprime que o fisiculturista é um artista que utiliza o próprio como obra de arte. É algo singular em relação aos outros esportes. Ao trabalhar o corpo, mudam-se a postura e o caráter, e, consequentemente, consegue-se ser uma pessoa melhor.

O fisiculturismo permite que ele seja reconhecido em todo o Estado e, por este fato, facilita conseguir patrocínios de marcas importantes, auxiliando-o nos custos para a prática do esporte, como, por exemplo, para suplementação e vestuários da competição.

F.S.S.N. iniciou os exercícios físicos há 12 anos. No último ano, ingressou no fisiculturismo competitivo. Apesar da curta passagem pelos palcos, já passou pelo mais alto lugar no pódio – tão desejado pelos demais colegas fisiculturistas.

O primeiro campeonato foi no dia 15 de março de 2015. Ele disputou na categoria 80kg. Além de ganhar nesta categoria, foi o vencedor do grande prêmio da noite – o *overall* – campeão dos campeões de cada categoria do campeonato. Em outro campeonato, no plano estadual – o Cearense – F.S.S.N. venceu (1º lugar) a sua categoria. Em continuidade à sua carreira meteórica, F.S.S.N. disputou o campeonato na contextura regional – o Norte-Nordeste – no qual foi vice-campeão.

Este campeão dá pistas para tanto sucesso: apoio financeiro para os custos da preparação e competição, disciplina e determinação. Por exemplo, comer corretamente, de três em três horas, e investir em suplementação – e isso não quer dizer em anabolizantes. Sobre o uso de esteroides, F.S.S.N. cita o dito popular segundo o qual “o barato sai caro”, em alusão à promessa de rápida evolução, com esforços reduzidos de treinamento ou mesmo custos financeiros. No entendimento do experiente campeão, quem faz uso de tais substâncias vive o hoje, mas não o amanhã. Eles não avaliam as consequências decorrentes do uso prolongado dos anabolizantes. Conseguimos competir sem anabolizantes, se o fisiculturista tiver disciplina, foco e determinação. Anabolizante é sinônimo de bomba, que pode

explodir a qualquer momento. Para F.S.S.N., o importante é viver pela saúde, e não pela imagem

O fato de ter iniciado no esporte aos 29 anos de idade revela que, no fisiculturismo, não há limite de idade. Qualquer pessoa pode começar, conquanto tenha que gostar do que faz.

Dentre os fatores motivadores para fazer exercícios físicos, está o fato de que ele era magro, bem “raquiticozinho”. Já a motivação para os campeonatos, foi o patrocínio, por amigos donos de lojas de suplementação e pela academia.

No momento, F.S.S.N. está há quatro meses sem participar. Como já percorreu alguns níveis na carreira do fisiculturismo, ele aguarda a oportunidade para participar em campeonatos que correspondam ao seu perfil. Enquanto isso, mantém-se na fase *off season* (fora do campeonato), buscando ganhar mais massa muscular por via da musculação. Ele treina sempre na academia.

Na fase mais próxima ao campeonato, *on season* (geralmente cerca de três meses antes da competição), F.S.S.N. muda a alimentação, as séries, número de repetições e suplementos. O descanso tem que ser bem maior. Ele aumenta a frequência de treinos aeróbicos, para aumentar o gasto calórico e perder o máximo de gordura. No campeonato, quanto mais “seco” e denso, melhor. É o que os juízes desejam.

Na pré-competição, treina exercícios aeróbicos pela manhã, por cerca de 40 min, e, à tarde, realiza 40 minutos de treinamento anaeróbico (musculação). A ideia era ter o máximo de gasto de calorias possível. Para diminuir a ingestão calórica, reduz-se a quantidade de carboidrato, que fica em torno de 300g por dia. Por outro lado, se reforça a ingestão de proteína: – ficamos vivendo de proteína, explica.

Tem-se que trabalhar todo o corpo, fato que, para F.S.S.N., não lhe permite ter gosto por trabalhar um ou outro grupo muscular: – “Não tem negócio de gostar” – explica. Naturalmente, há que se trabalhar de modo mais intenso onde se percebe que há maior deficiência.

É muito bom praticar com um parceiro, porque um incentiva o outro – principalmente na pré-competição. O exercício mais significativo em *pre-contest* é o abdominal.

Outro fator que faz o treino render é a motivação, que pode proceder de uma música, vindo de preferência dos fones de ouvido. No *pre-contest*, o estado

psicológico do atleta está vulnerável. Palavras de desmotivação podem fazê-lo voltar para casa.

Na última semana, tem a desidratação, quando se realiza uma depressão da ingestão de água. A ideia é beber sete litros de água no domingo (antedecedente ao campeonato, que geralmente ocorre no sábado), e ir diminuindo gradativamente, um litro a cada dia, até o dia do campeonato, no qual não se bebe nada. F.S.S.N. assevera que esta é a fase mais difícil do fisiculturismo – a desidratação. O fisiculturista fica muito debilitado. Lembra-se, ainda, de que, neste dia, estava tão exaurido que ficava de pernas para cima, com o intuito de melhorar a circulação e evitar desmaios.

F.S.S.N. explica que já pensou, algumas vezes, em desistir, fato que não foi consumado por ele procurar sempre ser mais “forte” do que o próprio corpo. Esta força, explica ele, vem da mente, que ordena e o corpo obedece.

Em um minuto e meio, têm-se o resultado de seis meses de preparação, quando deve ser feito o melhor possível para conseguir a primeira colocação. Se ele não vier, deixa para a próxima vez. No mais, é mais importante competir. No palco, o sentimento é o de dever cumprido, esperado por tanto tempo.

Figura 34 – Campeonatos – Premiação, Backstage, Palco



Fonte: Dados da Pesquisa.

Figura 35 – Campeonatos – Backstage



Fonte: Dados da Pesquisa.

Nota: Antes de subir no palco do Norte-Nordeste.

Figura 36 – Campeonatos – Premiação, Backstage, Palco



Fonte: Dados da Pesquisa.

Figura 37 – Campeonatos – Premiação



Fonte: Dados da Pesquisa.

O fato de estar cursando Educação Física enriquece os modos de aprendizado e estar informado. As tendências mudam ao longo do tempo e, para acompanhá-las, ele se informa com professores, além de pesquisar em *sites* (de ídolos como o Fernando Sardinha), livros e vídeos: “vídeos, muitos vídeos!” – enfatiza.

F.S.S.N. tem muitos amigos que são fisiculturistas profissionais, os quais são acompanhados por nutricionistas. Por este contato, às vezes, consegue acesso a esses profissionais. Esse tipo de serviço é bastante caro. No mundo do fisiculturismo, há uma ajuda mútua com informação. Trocam-se informações e, quando duas informações coincidem, F.S.S.N. testa nos treinos.

As informações são armazenadas, para que ele possa utilizá-las posteriormente nos campeonatos. Tudo é guardado na mente e colocado em prática na academia. Ele não documenta a evolução, a não ser o que é divulgado no *Facebook*. É lá que ele compartilha suas práticas, inclusive com amigos de competição, e onde acompanha o melhoramento do corpo. Ele recebe elogios e críticas, mas enfatiza que são mais os elogios, os quais o motivam ainda mais para os campeonatos.

5.8 Esforços no trabalho e no lazer

H.M.S. tem 30 anos, é comerciante (é proprietário de uma lanchonete), com ensino médio completo, sendo ainda fisiculturista. Apesar da rotina corrida, entre as responsabilidades de compra dos materiais (e da preparação) dos lanches, ele encontra tempo para desenvolver o seu *hobby* de prática diária de exercícios físicos. Malhar para melhorar a saúde e a forma física foi o primeiro objetivo para o ingresso em academia, há cerca de cinco anos. Queria ficar forte.

Faz por amor, pois não há compensação financeira. Quando não é possível ir para a academia, fica desanimado e triste. A participação nos campeonatos, iniciada no ano passado, é, muitas vezes, sacrificada pela falta de condições financeiras para bancar os custos desta prática. Se dependesse apenas da sua vontade, participaria constantemente.

Sempre admirou a participação das pessoas no fisiculturismo competitivo. Costumava olhar fotos e achava bonito. Ao passar a frequentar academia onde havia participantes de campeonatos, cresceu o seu interesse pelas competições. Dentre os ídolos, admira Arnold Schwarzenegger.

A categoria escolhida é a *bodyshape*, que tem critérios de avaliação livres. Considera a mais fácil para a sua condição de iniciante. Ele afirma não ser “desenrolado”, isto é, sente vergonha pelo fato de entrar em palco.

Para ele, o sucesso no fisiculturismo dependerá de dedicação, dieta e seguir à risca as regras. Na primeira fase da preparação para campeonatos, não é tão difícil, já que as restrições, sobretudo as alimentares, são mais amenas. Além do mais, o não consumo de óleos e frituras já é um hábito de família.

Próximo ao campeonato, no entanto, corta-se bastante o consumo de carboidratos. O açúcar e o sal são diminuídos e, na última semana, o alimento é apenas de frutas, que também são reduzidas até o dia do campeonato. A dieta restritiva é aliada ao crescimento dos exercícios aeróbicos, de modo a alcançar um corpo “seco” (baixa gordura corporal) e definido, possibilitando a observação das fibras musculares pelos juízes.

Como decorrência da perda de peso, o rosto fica com a aparência de estar seco, ao contrário do corpo, que atinge a melhor forma. É muito diferente da conformação física dos dias comuns.

Apesar das dificuldades, nunca pensou em desistir. O que o incentiva é o fato de ter a consciência de que batalhou bastante – por meio de dieta, treinamentos, dentre outros – até a apresentação. No palco, aparecem o nervosismo e emoção. H.M.S. inicia a apresentação com a certeza de que tem que dar o máximo possível.

Ainda não conseguiu vencer. O primeiro campeonato foi um meio de aprendizagem, tornando-o mais experiente sobre como é realizar as poses e o que é necessário para agradar os jurados. Além disso, a preparação foi curta.

Sobre os anabolizantes, é contra. Acredita que, se for ganhar, é pela resposta natural ao seu esforço. Do contrário, acredita que seria uma “trapaça”. Muitos utilizam essas substâncias para os campeonatos. Enquanto ele passou de dois a três meses para perder cerca de dez a 15 kg, outros perderam muito mais quilos em apenas uma semana, graças ao uso dos esteroides. É totalmente desleal.

Decidir pela pouca ingestão de carboidratos é desgastante, principalmente para ele, que possui intensa vida profissional. Antes ter negócio próprio, trabalhava com o manuseio de máquinas quentes, o que tornava as atividades diárias ainda mais pesadas.

O fisiculturismo proporciona chegar ao seu limite e no corpo que ele pretende, objetivos não alcançados nas demais atividades diárias. Geralmente, os treinos são pela manhã, com a duração de 1h30min. Perto dos campeonatos, é preciso perder peso e ficar mais definido. Para tanto, muda o ciclo normal dos exercícios: em vez de fazer oito repetições, faz 15.

Outra estratégia é exercitar todos os grupos musculares, ao mesmo tempo. Quando diminui o carboidrato, sente-se mais fraco e, na academia, já não consegue levantar a mesma carga de pesos dos dias normais.

Em período de campeonato, gosta de treinar sozinho, pois facilita focalizar no objetivo traçado. A proximidade de um parceiro de treino, no entanto, é interessante, pois possibilita que ambos cheguem ao limite do corpo, motivando-se e auxiliando o outro no manuseio dos pesos (deste modo, ele arrisca o levantamento de mais carga nos equipamentos de musculação). Já conversa paralela atrapalha o treinamento, distraindo-o da busca pela exaustão, fadiga e desgaste muscular.

Os exercícios preferidos são, na musculação, o supino reto, e no aeróbico, o *step*. São a ele, agradáveis, igualmente, os abdominais, sobretudo quando realizados com uma música mais agitada. Música muito lenta o desanima.

Tudo o que precisa para aprender e estar informado está na academia, provido pelo treinador. Quando intenta novas ideias, pergunta a ele. O treinador é formado e conhece muito mais coisas do que ele. H.M.S. não tem muito tempo disponível para pesquisar na internet. Raramente, assiste a vídeos de fisiculturistas famosos, em busca de novos exercícios, principalmente por aqueles atletas que já ganharam campeonatos.

As informações estão armazenadas na mente. Por exemplo, na primeira semana de uma nova combinação de exercícios elaborada pelo treinador, ele lê a ficha.

Figura 38 – Fichas



Fonte: Dados da Pesquisa.

Nota: Detalha para fichas organizadas em ordem alfabética, em dispositivo suspenso, fixado na parede da academia.

Certamente, haverá muitos exercícios que ele já conhece. Na segunda semana, não precisa mais da ficha, pois memorizou e aprendeu.

Na academia, sempre lhe perguntam o que faz ou toma para desenvolver o corpo. Semelhantemente, ele sempre pergunta a atletas “maiores” do que ele, que o aconselham para obter melhor desempenho e resultados. Certo de que ele não sabe de tudo, H.M.S. tem a consciência de que está em constante aprendizado e acentua

que há sempre alguém disposto a ensinar. H.M.S. usa pouco *Facebook* – por não gostar e por não ter tempo – sendo o ambiente da academia onde ele mais troca informações.

5.9 Fisiculturismo sem perder a feminilidade

E.M.S. é uma comerciante de 28 anos, com ensino fundamental incompleto, que dedica a maior parte do seu tempo diário às atividades relacionadas ao trabalho. Em menor tempo – o que não quer dizer menor importância para a sua vida – pratica o fisiculturismo. Adora malhar. Considera o esporte belo e interessante, apesar das frequentes críticas ao corpo musculoso feminino. Quanto mais se diz que é feio, que a sua perna parece de homem, mais ela malha.

O fisiculturismo é percebido por E.M.S. como a obediência a uma regra da saúde, mediante a qual ela procura motivar outras pessoas para ingressarem na prática do esporte. Sempre convida as pessoas para malhar, pois não é apenas por um corpo melhor, mas pela busca de uma vida mais saudável.

Esta tentativa de conscientização, às vezes, esbarra no modo como o fisiculturismo é percebido pelo público em geral, relacionado às mulheres que exageram em suas práticas, geralmente associadas ao uso de anabolizantes, e que, eventualmente, perdem as características do sexo feminino, como a entonação da voz. Para ela, “a mulher mais “normal é a mais mulher”, isto é, a que preserva aquilo que as tornam diferentes dos homens. Como exemplo de beleza, cita a esposa do cantor famoso Belo – Gracyanne Barbosa.

Começou a malhar há cinco anos, motivada pelo desejo de ficar mais forte. Era magra e, por conseguinte, objetivava ganhar mais corpo. Com o incentivo do marido, também fisiculturista, passou a frequentar academias e adquirir o gosto pelos exercícios.

Quando não malha, se acha indisposta. Procura não faltar um só dia. O treino é diário, nos dias da semana, com a duração de cerca de uma hora e meia. Na época do campeonato, estende-se até aos sábados. Gosta de usar roupas do tipo *top* e *shorts*. Também é importante uma música agitada.

Tem a preferência pelos exercícios dos membros inferiores, especialmente o agachamento, o *leg 45* e o *90*, e a extensora. Adora essas máquinas. Aliás, esses exercícios são bastante exigidos pela categoria *wellness*.

É frustrante quando não dá tempo para malhar tudo o que tenciona. É como se não tivesse cumprido a “tarefa de casa” daquele dia. Esse sentimento é revertido em comprometimento para cumprí-la no dia seguinte.

O acompanhamento da instrutora em toda a realização do exercício é um fator de motivação. Quando pretende malhar braços de abdômen, realiza na ala masculina da academia, sempre acompanhada pelo marido.

O ingresso nas competições foi consequência de contato com fisiculturistas no ambiente da academia. Até o momento, participou apenas de campeonato de federação e, já na sua iniciação, alcançou a classificação de 3º lugar, na categoria *Wellness*.

Figura 39 – Troféu



Fonte: Dados da Pesquisa.

E.M.S. acredita que poderia ter conquistado melhor posição, fundamentada nos parâmetros geralmente exigidos pela competição. Para ela tinha corpo mais musculoso, com expressiva divisão muscular, em comparação com a sua concorrente imediata (2º lugar), fato que a deixou desapontada.

Em sua breve carreira, E.M.S. acredita que o sucesso está relacionado à premissa de “malhar mais para obter mais corpo”, sempre em consonância com as

orientações do treinador. A preparação foi puxada, não apenas por seguir uma dieta, mas também por ter que perder peso. Não agrada a ela, ainda, inserir comidas insossas e reduzir a ingestão de açúcar.

No palco, estava bastante nervosa, com muita fome e sede. As pessoas mais próximas a apoiavam. Não era permitido comer nem beber água, em um período de cerca de dez horas. Naquele dia, não almoçou. Apenas comeu um pedaço de abacaxi. A garganta estava seca.

Vencer não é só participar. Palavras não podem descrever o modo de ela gostar desta atividade. A saúde melhorou bastante. Antes desta atividade, sentia dores nas costas. Atualmente, não sente mais.

Para aprender ou estar informada, pesquisa na internet. Dieta e modos de realizar os exercícios, e de apresentação (poses, por exemplo), são assuntos de interesse, principalmente em período de preparação para campeonatos. As pesquisas são importantes como meio de verificação das informações repassadas pelo treinador.

O treinamento é guiado por uma ficha, atualizada a cada dois meses pelo instrutor/técnico, cuja função inclui também o acompanhamento de medidas.

O armazenamento das informações é virtualmente: Facebook e *Youtube*. Ela costuma compartilhar vídeos (exercícios de agachamento e abdominais, por exemplo) e conversa com as parceiras da academia.

5.10 A melhor sensação do mundo

R.M.D.R. é uma jovem de 23 anos, que, apesar de ter curso superior em recursos humanos, não desenvolve carreira profissional nesta área. Dedica a maior parte do seu tempo diário ao fisiculturismo. Para ela, é um *hobby* e um estilo de vida. Há dois anos, começou a frequentar academias e, no ano passado, iniciou treinamento pesado para os campeonatos, valendo-se também do fato de possuir um biótipo natural magro e definido, que atende os critérios da categoria *Bikini*.

Para ela, o fisiculturismo é um esporte que ainda carece de reconhecimento pela sociedade; não pela parte dos anabolizantes, mas porque é uma prática muito bonita, em que ela mostra o corpo e todo o seu esforço. No seu ciclo de amizades, há pessoas que eram obesos e que, pelos exercícios físicos, perderam peso e, hoje, são atletas. Ela acredita que esta conquista deva ser muito gratificante para eles.

No fisiculturismo, o participante é o próprio escultor do seu corpo. Pode modelar o corpo do jeito que quer, para subir no palco linda e maravilhosa, e ser reconhecida. Não percebe desvantagens, e nunca pensou em desistir. Pelo contrário, sempre quer mais.

Ao procurar saber mais sobre o assunto, aprendeu que, para entrar no palco, tem-se que estar com o corpo definido. A internalização desta premissa é considerada o verdadeiro momento do seu ingresso no fisiculturismo. Desde então, ela desenvolve vertiginosa carreira no fisiculturismo feminino regional.

Figura 40 – Campeonatos - palco



Fonte: Dados da Pesquisa.

Apesar da breve carreira, foi campeã nos campeonatos estreante, o promovido pelo CONAFF, o Cearense e foi vice-campeã no Norte-Nordeste. Acredita que o sucesso resulta do corpo, simpatia e humildade, qualidades que nem sempre percebe nas companheiras de palco.

Figura 41 – Troféu



Fonte: Dados da Pesquisa.

Figura 42 – Troféus



Fonte: Dados da Pesquisa.

Nota: é comum os atletas deixarem os seus troféus na academia, principalmente aqueles que são patrocinados pela instituição. Detalhe para os troféus exibidos na entrada da academia.

No ano passado, queria ter participado do Campeonato brasileiro, mas não teve patrocínio. Esse ano, no entanto, vai correr atrás de apoio financeiro, busca facilitada pela visibilidade adquirida ao ganhar campeonatos.

Se os intervalos dos campeonatos forem muito longos, dificulta mais a vida do atleta, pois aumenta o esforço para voltar à condição de campeonatos. Do mesmo modo, intervalos curtos em campeonatos facilita manter o padrão de apresentação.

Ela é motivo de orgulho na academia que frequenta. No salão principal de exercícios, há um imenso *banner* com a fotografia de R.M.D.R.

Figura 43 – Banner



Fonte: Dados da Pesquisa.

Nota: Detalhe para a fotografia de R.M.D.R. à esquerda.

Treina de segunda a sexta-feira. Em pré-campeonato, passa de uma hora e meia a duas horas na academia, com o cuidado para não desgastar muito o corpo. A genética ajuda bastante. Gosta de malhar tudo, com música e sozinha, de preferência. O rendimento depende muito da pessoa. Se está disposta e tem um objetivo, nada atrapalha. Os campeonatos sempre estão nos seus objetivos. Cada vitória é um incentivo a mais para ir no próximo.

Para a realização dos exercícios, não precisa mais da ficha de treinamento, instrumento comum aos demais frequentadores da academia. O mais comum, sobretudo, em pré-campeonato, é ser acompanhada pelo instrutor. Os cartazes com as instruções de exercícios também não chamam a atenção desta atleta.

Figura 44 – Cartazes informativos 1



Fonte: Dados da Pesquisa.

Figura 45 – Cartazes informativos 2



Fonte: Dados da Pesquisa.

Durante uma semana antes do campeonato, não é permitido o consumo de certos alimentos, como carboidratos e, inclusive, água. Na medida em que a apresentação se aproxima, tudo se torna mais difícil. Por fazer o que gosta, afirma que tudo vale a pena.

No treinamento, se há um pouco de gordura no abdômen, reforça o abdominal. Do mesmo modo, se a perna não está legal, reforça o exercício das pernas.

Quanto aos anabolizantes, sabe que muitos utilizam. Algumas pessoas pensam que ela ingeriu substâncias, fato que não condiz com a verdade: no seu entendimento, a utilização desses artifícios não lhe favorece.

No palco, costuma ficar muito nervosa, o que demanda esforço para lembrar e desempenhar as poses anteriormente ensaiadas. Ao subir ao palco, o fisiculturista já é um vitorioso; mas, quando se alcança o primeiro lugar, é a melhor sensação do mundo. Sentir a vibração de todos torcendo é o que a deixa mais realizada. A falta de água e de comida...tudo valeu a pena.

Figura 46 – Campeonatos - Premiação



Fonte: Dados da Pesquisa.

Procura aprender e estar informada pela internet. As informações coletadas na rede mundial de computadores são validadas pelo instrutor, pessoa em quem ela

confia para avaliar informações nem sempre verdadeiras. Dentre os assuntos de interesse, costuma investigar o estado da arte da categoria *Bikini* (desfiles internacionais etc.). É mais vídeos do que textos, devidamente armazenados no aparelho celular e no computador residencial. Acessa as informações na academia, pelo celular, e em casa.

Prefere não compartilhar informações sobre a formação de corpo – não por má vontade – mas por não ser formada nas ciências basilares do fisiculturismo. Muitas pessoas a procuram para saber sobre dieta, treinos e suplementação. Ao respondê-las, é possível que uma dica fornecida possa vir a ser considerada errônea na medida em que esta, eventualmente, não irá servir para quem a receba, já que a efetividade das estratégias de formação muscular depende da condição biológica de cada fisiculturista.

No *Facebook*, mostra a evolução e momentos antes e depois dos campeonatos. É agradável e motivante receber elogios nas redes sociais.

6 O FISICULTURISMO LEVADO A SÉRIO

As histórias de vida dos fisiculturistas revelam práticas sociais fundamentadas em informação e conhecimento, inseridas no rol de interesses dos estudos do lazer e das competências em informação. O lazer, objeto de estudo marcado pelo “vácuo intelectual” ou “superficialidade epistemológica”, em decorrência de pouca ou nenhuma sistematização – frequentemente descrito em investigações de natureza inducionista como “contexto especial” – encontra alternativa de análise em “exploração cocatenada” – apropriação de teorias externas a determinado campo do conhecimento (STEBBINS, 2006) – desta relevante instância da vida humana com a *The Serious Leisure Perspective* (HARTEL, 2003).

Na relação entre as perspectivas teóricas utilizadas para a estruturação do mudo social do fisiculturismo competitivo, a SLP constitui-se em um elo (ou anel) de uma corrente (ou teoria) fundamentada mais ampla e formal, a ser expressada pela análise das práticas envolvidas. No lazer, nem tudo é sempre “preto e branco”, como aparenta ser. Por trás da aparente obviedade e simplicidade das atividades, revela-se prática (ou práticas) social de informação complexa, ainda pouco explorada pelos cientistas da informação (STEBBINS, 2006; HARTEL, 2003).

O fisiculturismo competitivo pode ser descrito na *serious leisure* – uma das três principais divisões da SLP :

[...] a busca sistemática de uma atividade core amadora, hobby ou voluntária a qual pessoas acham tão substancial, interessante e gratificante que, nos típicos casos, os participantes se lançam em uma carreira (de lazer) centradas em adquirir e expressar uma combinação de suas habilidades, conhecimento e experiência. (STEBBINS, 2006, p. 622, tradução nossa).

A noção de *serious leisure*, por sua vez, comporta as noções de amadorismo, voluntariado e hobbies. Coincidemente, o hobby, palavra originária da língua inglesa, foi bastante citada pelos fisiculturistas, ao descreverem esta prática:

É um hobby. O fisiculturismo não te dá uma condição de vida aqui no Brasil. Não se consegue sobreviver somente do fisiculturismo. É muito desvalorizado o atleta. Você passa

meses de preparação para ganhar um boneco e um pote de suplemento. O cara vai mesmo é pelo amor ao esporte, pelo gosto de competir. Mas, pelo dinheiro, que seria a valorização, não vale a pena. [F.F.].

*São raros os que vivem do esporte. Eu acho que a grande maioria deles faz isso por um **hobby**, a maioria possui emprego, ou é personal, ou nutricionista. [R.M.J.O.].*

Ocorre que, no contexto sociocultural vivem, os esportistas utilizaram o termo *hobby* em consonância com o senso comum, em que o lazer é sinônimo de lazer, não obrigatória, não relacionada ao trabalho, e, principalmente, não remunerada, e que é desenvolvida por vontade própria de cada participante. Em contrapartida, a significação do *hobby* neste trabalho possui peculiaridades, as quais precisam ser esclarecidas.

Descartada a opção de voluntariado como opção de classificação do fisiculturismo competitivo, resta as variáveis *hobby* e de amadorismo. Qual dessas categorias seria a mais apropriada para descrever a população desta pesquisa, já que ambas, apesar de racionalmente diferenciadas, não são rigidamente e mutuamente exclusivas, isto é, comportaria em suas características particulares o fisiculturismo competitivo (COFFMAN, 2006; HARTEL, 2003)?

Ambas aceitam o fisiculturismo competitivo, porém com uma diferença básica: no amadorismo existe versão profissional, bem o compartilhamento de expectativas e público com os profissionais, característica que é pouco ou não existente na prática hobbysta (COFFMAN, 2006; HARTEL, 2003).

Assim, apesar da maior parte dos participantes terem citado o termo *hobby*, consideramos mais apropriado classificar o fisiculturismo competitivo no âmbito do amadorismo, sobretudo pela participação intensa dos esportistas nas mesmas arenas de atletas profissionais e que, portanto, compartilham os mesmos públicos e possuem objetivos semelhantes.

É possível observar que o desenvolvimento da carreira de amadores e profissionais ocorre de modo semelhante no que se refere ao fato de que tanto amadores ou profissionais percorrem os mesmos caminhos iniciais da carreira do fisiculturismo, em competições com a modalidade estreante. Na medida em que

logram resultados positivos, o fisiculturista é qualificado para participar de campeonatos mais abrangentes, por exemplo: o estreante qualifica para o campeonato em nível estadual, que, por sua vez, habilita para campeonatos regionais e, posteriormente, para os nacionais e internacionais. Há ainda competições não relacionadas às federações de culturismo, sem tanta representatividade para a carreira de amadores e profissionais.

Ambos também compartilham da mesma *core activity*: “um conjunto distinto de ações ou passos interrelacionados que devem ser seguidos para o alcance do resultado ou produto almejado pelos participantes” (STEBBINS, 2007). O *modus operandi* do fisiculturista competitivo é terreno fértil para a análise das competências em informação, ainda que não represente, por si só (como observamos nas narrativas da seção anterior), o significado deste esporte para cada participante.

De fato, o fisiculturismo competitivo é estabelecido mediante uma complexa e dinâmica ecologia das coisas (BUDD; LLOYD, 2014), ou “constelação da informação” (HARTEL, 2015), a qual não permite a análise de rotinas de exercícios e demais estratégias de formação do corpo sem as coisas maiores da vida de cada participante.

6.1 De competências em informação a modos de aprender e estar informado

Apesar de datar a década de mil novecentos e setenta, é recente a popularização da expressão “competências em informação” (*information literacy*), pelo menos no âmbito das bibliotecas (CHEVILLOTTE, 2009). A discussão sobre a temática nasce no âmbito biblioteconômico, no que tange as habilidades de uso das bibliotecas, incentivadas por ações de instrução de usuários, educação de usuários dentre outras similares, ampliando-se, posteriormente, para o uso da informação nas mais variadas situações da vida das pessoas.

Em nível terminológico, é recorrente a busca por uma expressão que represente a ideia de Zurkowski (1974), que cunhou o termo *information literacy*. Dentre as concepções mais popularizadas, há a da Associação de Bibliotecas Americanas (ALA), datada de 1989, que conceitua a pessoa competente em informação como aquela capaz de reconhecer quando a informação é necessária e ter a habilidade para localizar, avaliar e utilizar efetivamente a informação necessitada. O correto uso das fontes de informação em atividades formais, tanto

acadêmicas como profissionais (trabalho) marca tentativas de conceituação subsequentes, e, mais recentemente, as discussões abordam o aprendizado para toda a vida (*lifelong learning*), pensamento crítico e fluência em tecnologias da informação (CHEVILLOTTE, 2009).

Sobre o uso de uma terminologia mais adequada, corroborarmos com a ideia de que as variadas interpretações propostas são, em geral, “[...] as mesmas coisas em modos diferentes” (OWUSU-ANSAH, 2005, p. 366, tradução nossa).

Substituir *information literacy* por *information competency* ou fluência em informação apenas muda o nome ou descriptor atribuído ao conceito, sem transformar, ou melhor, esclarecer o fenômeno que o identifica. O debate continuado sobre definições apropriadas [...] não tem benefícios práticos. Tal atividade pode se tornar, todavia, uma perda de tempo e energia preciosos. Este tempo e energia poderiam ser mais significativamente gastos na busca para melhorar as capacidades dos estudantes, explorar o papel que a biblioteca pode ter neste processo, bem como em determinar a legitimidade e vontade da participação da biblioteca na educação dos estudantes competentes em informação (OWUSU-ANSAH, 2005, p. 373, tradução nossa).

Já sobre a extensão epistemológica e prática das competências em informação, interessa-nos, no estudo sob relatório, não apenas ampliar a noção das competências em bibliotecas, por meio de um aprendizado ao longo da vida, educação continuada e que complementa a educação formal das pessoas (âmbito das práticas de informação formais), mas abranger o assunto para quaisquer práticas sociais de informação, como o lazer, baseadas em experiências felizes, prazerosas e profundas da vida cotidiana, as quais carecem de investigação e sistematização pelos cientistas da informação. Esta parece ser uma tarefa possível, ainda que desafiadora pelo fato de partirmos de abordagem nascida e desenvolvida a luz de sistemas de informação fechados.

A informação nos demais ambientes sociais é mais sofisticada, dinâmica e complexa do que a utilizada na solução de problemas nas contexturas formais. Como prática social, a informação diversifica-se e, consequentemente as “competências em informação”, convergindo em uma complexa “ecologia de coisas”, a qual revela variados “modos de aprender e estar informado” (BUDD; LLOYD, 2014).

Corroboramos com a ideia de que: “Quando atravessamos as fronteiras culturais, seja metaforicamente, ou literalmente, a informação muda de forma e de

significado. Não podemos pensar sobre as competências em informação sem reconhecer este fato (BUDD; LLOYD, 2015, p. 4). Isso não significa, contudo, que abandonamos o que já foi estudado, já que esses saberes são a base para obtermos uma visão mais aprofundada sobre as competências em informação dos fisiculturistas competitivos.

Para Hartel (2013), o produto de um estudo social de informação deveria apresentar mais do que os recortes típicos da ciência tradicional, concebida frequentemente pela elaboração de síntese interpretativa, que decorre da articulação entre os objetivos e hipótese, base teórica adotada e dados empíricos (MINAYO, 2009). Para a autora, deveríamos ir além, como os antropólogos e sociólogos, que produzem histórias do campo de pesquisa, posicionamento corroborado e adotado pelo nosso estudo.

A postura propositiva de uma tese, todavia, exige tal recorte interpretativo, estruturada a seguir em unidades de análise que correspondem a noção de competências em informação estruturada em sete variáveis propostas no modelo “Os Sete Pilares das Competências em Informação”, da SCONUL (2011), o mesmo que utilizamos em estudo anterior (SERAFIM, 2011). O modelo britânico “define as aptidões e competências (habilidades) e atitudes e comportamentos (entendimento) no coração do desenvolvimento de competências em informação na Educação Superior”, o qual também intenta aplicação em outros contextos informacionais.

Como alternativa para a análise cognitiva em curso, exercitaremos o nosso olhar analítico pela teoria do *embodiment*, com extensão para o *emplacement*, útil para descrever práticas performativas (KEILTY, 2012; 2014; PINK, 2011), no intento de provocar reflexão por concepções menos dualistas, e mais integrativas, holísticas (ainda que não generalistas e sem a pretensão de completude) sobre o fenômeno informacional. Da mesma maneira em que reforçamos o interesse pela vertente cognitiva na Ciência da Informação, Pink (2007, 2011) esclarece-nos que, até meados do fim do século XX, a teoria sociológica em curso relacionadas às práticas performativas, como o fisiculturismo, propunha a descrição dessas atividades sob o ponto de vista dualístico, em que a realidade humana era compreendida a partir da dissociação dos seus elementos constituintes, incluindo o próprio corpo dos participantes. Entretanto, nas últimas décadas, surge a perspectiva do *embodiment*, que “permitiu o reconhecimento de que o conhecimento não é simplesmente algo da

mente, mas que ‘conhecer’ ocorre em práticas incorporadas [embodied], e que não podem necessariamente ser expressas por palavras faladas” (PINK, 2007).

Nesta visão holística, as relações sociais estão centradas em saber incorporado, desenvolvido mediante a capacidade multisensorial de aprendizagem das pessoas, as quais utilizam cada sentido biológico para se relacionar com o mundo. Para os sociólogos, a noção do embodiment indica mudança no foco das interações e estruturas sociais gerada a partir da constatação de que os nossos sentidos, habilidades e capacidades para agir estão integralmente relacionadas ao fato de que somos seres incorporados (possuímos corpo biológico), e que, portanto, as relações sociais possuem como base corpos humanos.

Em momento ainda mais recente, a teoria do *embodiment* amplia-se com a ideia do *emplacement*, modo comprometido a ser mais efetivo ante a complexidade das relações humanas, caracterizadas por um processo contínuo e dinâmico (movimento, nas quais os agenciamentos não estão apenas restritos aos elementos humanos (corpo e mente), mas aos não humanos (PINK, 2007, 2011).

Pink (2007, 2011), ao estender a noção de conhecimento incorporado em práticas esportivas competitivas, estabelecida por teóricos de uma sociologia carnal – aquela baseada na multisensorialidade das experiências esportivas incorporadas – oferece-nos, para além da noção fenomenológica da atividade esportiva como física e social, em que os participantes veem, escutam, cheiram, usam e tocam, uma lente analítica baseadas em uma teoria do lugar, fundamentada no que ocorre em complexa ecologia de coisas e pessoas.

O primeiro benefício analítico da teoria do lugar é a percepção do aprender e saber como atividade prática e continua, na medida em que nos deslocamos, de um lugar para o outro (INGOLD, 2000; PINK, 2007). Na academia e residência, e ambientes específicos, como cozinha e nas salas de musculação, o fisiculturista aprende e apresenta seus conhecimentos adquiridos. Esta ideia traz consigo uma importante valorização do movimento, isto é, conhecemos na medida em que nos movimentamos e observamos.

Na concepção tradicional de lugar, esses espaços são locais com qualidades particulares (sociais, memória social, etc.), fisicamente identificáveis e circunstritos. Pela noção de movimento, um lugar, ainda que temporalmente físico e fixo, não está necessariamente lá, já que, a cada utilização, somos modificados (físico e mentalmente) e modificamos o ambiente. Deste modo, um lugar é mais

compreensível como uma constelação de processos em movimento, elucidados e demonstrados em cada pilar das competências em informação.

6.1.1 Pilar Identifica

O fisiculturismo competitivo é uma atividade física de alto nível de dedicação e desempenho, de tal maneira que os resultados dependem da aplicação efetiva de técnicas para a formação muscular. A decisão pelo ingresso nesta prática, de natureza esportiva, todavia, representa algo mais do que o alcance de um corpo musculoso, construído nos períodos de preparação para os campeonatos. Entendemos, pelas histórias de vida dos fisiculturistas, que o verdadeiro significado da realização desta atividade transpõe as rotinas e afazeres diários dos participantes, de alcance de metas, mas que é determinado pelas “coisas maiores da vida”, as quais, por sua vez, são essenciais para os engajamentos das pessoas pela busca de informação, âmbito do primeiro pilar das competências em informação – identifica (identify).

A pessoa competente em informação é aquela capaz de identificar uma necessidade pessoal de informação (SCONUL, 2011). A **necessidade** (need, lack, gap, deficiency, grifo nosso) que uma pessoa tem sobre um determinado assunto é um dos elementos essenciais da teoria clássica da informação.

Em adição a abordagem centrada em situação-problema, observamos como fator motivacional os aspectos informacionais afetivos e emocionais relacionados ao prazer e ao profundo (sentido da vida, por exemplo). Corroborando com os poucos estudos empíricos com foco em contextos maiores da vida (BUDD; LLOYD, 2015; LLOYD, 2015; MATNI; SHAH, 2014), ou, no caso do tópico “informação de esportes” (*sports information*), ainda inexplorado (VIRGONA, 2003; HARTEL, 2010), os aspectos problemáticos e operacionais do processo de informação perdem o destaque habitual para os elementos positivos, prazerosos e profundos, orgulhosamente descritos pelos fisiculturistas.

*Além de treinos, dieta e suplementação, J.S. considera o fisiculturismo um **estilo de vida** sem limites. A prática do exercício físico representa uma **batalha** a ser vencida. Para enfrentar os palcos, é essencial gostar e estar motivado para*

*demonstrar o corpo, descrito como uma escultura esculpida por ele próprio, de modo a **mostrar para as pessoas quem realmente ele é**. No fisiculturismo, é onde ele supera todos os limites não ultrapassados em outras arenas da vida. (J.S.).*

Pelo viés cognitivo, a informação é estabelecida a partir de um processo cognitivo, incluindo engajamento com a memória, razão, compreensão e produção da linguagem para solução de problemas. Já o âmbito afetivo, há um engajamento de natureza afetiva, expressado por uma experiência sentimental e emocional das pessoas com a informação (KEILTY; LEAZER, 2014). Matni e Shah (2014) acentuam o “amor da informação” (*love of information*).

Dentre os aspectos prazerosos e profundos, destacam-se, nas histórias de vida dos participantes, aqueles que dão sentido à vida, que empoderam as pessoas para o enfrentamento e superação de desafios, o fato de gostarem e quererem realizar a atividade, e ainda o sentimento de pertencimento social – ou sentimento de pertencimento (*sense of belonging*), nas palavras de Quirke (2015).

Para as mulheres, por exemplo, há o desafio social de desenvolver atividades físicas em arenas – *lugares* – majoritariamente masculinas (HALE; SMITH, 2012; MOSLEY, 2009).

*Adora malhar. Considera o esporte **belo** e **interessante**, apesar das frequentes **críticas** ao corpo musculoso feminino. Quanto mais se diz que é feio, que a sua perna parece de homem, **mais ela malha**. (E.M.S.).*

De um modo geral, entretanto, independentemente das questões de gênero, o fisiculturismo competitivo enfrenta preconceitos, muito mais do que outras práticas esportivas e sociais, a serem superados por aqueles que decidem pela busca de corpos extremos, musculosos.

*Outro obstáculo a ser dirimido é a falta de valorização do esporte por parte da sociedade, identificada no **preconceito** das pessoas pelo uso dos esteroides **anabolizantes**. Muitos associam o atleta do fisiculturismo à pessoa “drogada” e*

*iletrada, e que esporte não contribui para a cultura do País. De fato, **desconhecem** que os fisiculturistas, advindos das mais variadas profissões e formações, são **pessoas capacitadas e dedicadas** para seguir um conjunto de regras rígidas, dentre as quais a de ter que abdicar, muitas vezes, de sair para se divertir, por ter horário definido para dormir, comer e treinar. A fim de reduzir a ênfase no lado **negativo**, F.F. defende a disseminação da ideia de que a parte mais “fácil” é aplicar uma agulha no corpo. Na cozinha e no treino, todavia, essa facilidade não existe. Se fosse somente aplicar, qualquer um ficaria “grande”.*

(F.F.).

*Como desvantagens, cita o **preconceito**, sobre o qual os fisiculturistas estão comprometidos a erradicá-lo. R.X.G. lembra que, há pouco tempo, a população em geral tinha concepção de que o marombeiro era “burro”, ignorante, isto é, que não sabe das coisas. Hoje em dia, há um reconhecimento de que existem entre os fisiculturistas médicos, fisioterapeutas, educadores físicos, policiais, dentre outros. Esta capacidade é comprovada pelo fato de ele ser apto a participar desta pesquisas, conseguir conversar e se expressar normalmente. Em suma, ele acentua, com orgulho, que é “diferenciado”, mas é ser humano como os outros, que possuem defeitos e qualidades. É divertido, ainda que no treino seja sério, pois não vai para a academia para brincar – isso é para fora dela.*

(R.X.G.).

A concepção negativa do fisiculturismo pela sociedade – convertida em fator motivador pelos fisiculturistas – também está refletida nos estudos sobre o esporte, os quais focam o seu olhar investigativo apenas nos aspectos problemáticos e controversos, como doenças psíquicas associadas à imagem corporal – bigorexia, dismorfia muscular, depressão, e consequências legais e fisiológicas do uso dos anabolizantes. (PROBERT; LEBERMAN; FARMER, 2007; SUFFOLK, 2013).

Como exemplo de positividades a serem ressaltadas, destacamos um conjunto de subjetividades do lazer (QUIRKE, 2015), expressadas em diversos momentos pelas palavras “gostar”, utilizada pela maioria dos participantes para descrição de suas atividades, com máximo de esforço e comprometimento. Mais do que ganhar um campeonato, o fisiculturismo representa uma oportunidade para mostrar quem são, de onde vieram, os valores e a cultura, ressaltando a capacidade desta prática de agregar o capital social (QUIRKE, 2015) ou cultural (BRIDGES, 2009) – cultura, ideologia, valores, orientação política, religião, linguagem, educação, classe social e demais heterogeneidades – de um determinado contexto ou realidade.

*É um esporte que, para onde o atleta vai, ele o **representa**. O jogador de futebol, quando está fora das suas atividades, ninguém reconhece qual esporte ele pratica. Do mesmo modo, o nadador e o jogador de tênis. Já o bodybuilder todos identificam imediatamente, já que o esporte o acompanha 24 horas por dia. Ele leva o esporte no corpo, ao andar e dormir. Ele **não se desvincilha** do seu instrumento de trabalho, assim como o jogador de futebol faz ao tirar as chuteiras, ao término de uma partida. (R.X.G.)*

Observamos também a intenção explicativa dos pesquisados para se desvincilar das coisas mundanas – menores coisas da vida – ao ressaltarem o fato de que realizam atividade altamente dispendiosa, sem compensação financeira para o participante (mesmo para aqueles que alcançam resultados positivos em campeonatos).

*Faz por **amor**, pois não há compensação financeira. Quando não é possível ir para a academia, fica **desanimado** e **triste**. A participação nos campeonatos, iniciada no ano passado, é, muitas vezes, sacrificada pela falta de condições financeiras para bancar os custos desta prática. Se dependesse apenas da sua **vontade**, participaria constantemente. (H.M.S.).*

O amor exerce função essencial nas atividades do fisiculturistas, compreendido por Gonsalves e Lima (2015) como “a maior força estruturante da existência humana”. Mais do que uma ideia abstrata, este sentimento é um exercício concreto da cotidianidade, com potencial social e político e, consequentemente, informacional (GONSALVES; LIMA, 2015)

*Faz com tanto **comprometimento** e **amor** que expressa realizá-la quase como atividade obrigatória, no sentido de ser **essencial** para o seu **bem-estar**: se não realizá-la, **adoece**. (M.G.S.F.).*

*O **sonho** de R.X.G. era competir, subir e apresentar-se nos palcos. Esta experiência é descrita por ele como **mágica** e repleta de **amor** e **sensações indescritíveis** [...] As vantagens de ser um fisiculturista são infinitas: é **amar** o que se faz, de ser diferenciado, e de ter saúde, por estar treinando e alimentando-se bem. É **sentir-se bem** consigo mesmo. (R.X.G.).*

A desafio de custeio da prática do fisiculturismo, bem como outros esforços significativos empreendidos pelos fisiculturistas, também contrapõem a ideia de que o prazer está ligado exclusivamente ao *princípio do menor esforço*, aceito classicamente como fator primordial que orienta o comportamento dos usuários de informação. Na realidade dos fisiculturistas, os esforços geram sensações prazerosas e contribuem para o alcance do profundo. Este fenômeno acompanha constatações em outros domínios do lazer, sobretudo naqueles em que há processos de busca menos definidos e mais abertos para descobertas ao acaso (*serendipitous information, discoverer information, information encountering*), em que sensações de prazer e satisfação não derivam necessariamente do alcance mais fácil do que se deseja, mas de esforços significativos em processos de busca das coisas maiores da vida. (KEILTY; LEAZER, 2014; ROSS; 1999; WILLIAMSON, 1998).

*A dieta restrita o deixa fora de si – “pirado”. Se vir algo doce, este já pode ser um motivo para comê-lo e, consequentemente, desistir. Um dia antes do campeonato, F.F. não pensa mais na competição, mas sim no dia depois, quando ele vai poder comer tudo o que quiser: salgado, pizza... Para resistir ao que ele descreve como “neurose” de comer (e beber, no caso da desidratação), ele se concentra no fato de que o fim está próximo, que ele chegou até aquele momento e que **não pode desistir**. É algo **não muito fácil** para ele, que gosta bastante de comer. (F.F.).*

Independentemente do resultado, o prazer no desenvolvimento do fisiculturismo deriva do processo de preparação, pautado em esforços físicos, biológicos e mentais escolhidos não necessariamente por serem os mais fáceis, tal como constatado no caso dos cozinheiros gourmet (HARTEL, 2007) e pornografia online (KEILTY, 2012).

Quadro 11 – Pilar Identifica

Pilar Identifica	
Contexto Menor da Vida	Contexto Maior da vida
<ul style="list-style-type: none"> <i>Necessidade (Gap, lack, need, estado anômalo de conhecimento, problemas, barreiras de acesso) impulsiona a busca de informação</i> <i>Esforços devem prevalecer sobre as experiências prazerosas, geralmente associadas ao princípio do menor esforço, potencialmente danosas</i> 	<ul style="list-style-type: none"> <i>Propósitos maiores da vida (prazerosos e profundos) impulsionam a busca de informação: superação, sentido à vida, gostar, querer, amor, relacionamentos, comprometimento, saúde física e mental, concentração, sensações indescritíveis, felicidade, identidade, pertencimento social, valores</i> <i>Esforços geram sensação de prazer</i>

6.1.2 Pilar Dimensiona

Em continuidade ao nosso exercício analítico – de difícil execução pelo isolamento de variáveis (ou pilares) que, por natureza, são interrelacionadas, o Pilar

Dimensiona (Scope) trata da capacidade das pessoas de avaliar o conhecimento corrente disponível para as necessidades identificadas. O panorama de fontes e serviços de informação disponíveis extende-se, no fisiculturismo competitivo, para o que Hartel (2015) identifica, em cada domínio das atividades humanas, como uma constelação de informações. Junto aos livros, periódicos e demais fontes relacionados a esfera educacional formal, a informação é veiculada pelas redes sociais, músicas, vídeos, pessoas (ídolos, treinadores, companheiros de treino), instituições, serviços especializados (médicos, nutricionistas etc.), informando sobre as estratégias de formação do corpo, ao mesmo tempo em que promovem motivação, entusiasmo, orgulho, desejo, prazer e demais elementos maiores da vida.

Para aprender e manter-se informado, J.S. utiliza a internet. No Youtube, assiste a vídeos de campeonatos, selecionados com base em quem os produziu. Vídeos do Sadic, um atleta contemporâneo do fisiculturismo, é um dos preferidos. Os amigos também são fontes de informação, motivando e auxiliando o treino.

(J.S.)

Em destaque no agenciamento de informalão, está o próprio corpo do fisiculturista – objeto de prática e a principal fonte de informação. O fundamento o corpo é fundamentado no fato de que o conhecimento está incorporado (*embedded, embodied*) no corpo biológico, possuidor de uma consciência, que interage com o ambiente por múltiplos sentidos.

Dentre os formatos preferidos, está a informação visual:

As tendências mudam ao longo do tempo e, para acompanhá-las, ele se informa com professores, além de pesquisar em sites (de ídolos como o Fernando Sardinha), livros e vídeos: “vídeos, muitos vídeos!” – enfatiza. (F.S.S.N.)

As informações coletadas na rede mundial de computadores são validadas pelo instrutor, pessoa em quem ela confia para

avaliar informações nem sempre verdadeiras. Dentre os assuntos de interesse, costuma investigar o estado da arte da categoria bikini (desfiles internacionais etc.). É mais vídeos do que textos, devidamente armazenados no aparelho celular e no computador residencial. Acessa as informações na academia, pelo aparelho celular, e em casa. (R.M.D.R.).

A aprendizagem deriva, em grande parte, da aplicação das informações adquiridas pelos variados meios, com destaque para as formas visuais, veiculadas principalmente por tecnologias portáteis (especialmente aparelhos celulares), as quais facilitam o autodidatismo e assimilação pelos fisiculturistas, no momento da prática. Em contraste com maneiras abstratas do Ensino Formal, a informação visual facilita operacionalização do conhecimento de participantes com diferentes níveis de escolaridade.

Os livros, apostilas e vídeos estão, na maioria, armazenados no aparelho celular. É o meio mais fácil e conveniente: o aparelho celular está sempre com ele, em qualquer ambiente. Por outro lado, possui desvantagem com relação ao livro, pois precisa estar conectado. (F.F.).

Nesta ecologia das coisas (e pessoas), ocorre o largo uso da internet e redes sociais, em que são disseminados o interesse da contemporaneidade pelo corpo, e suas concepções de beleza, saúde e fitness, as quais possuem forte influencia da cultura norte-americana (BAGHURST; LIRGG, 2009; MARZANO-PARISOLI, 2001).

*O objetivo era baixar o peso e melhorar a estética corporal. Com os campeonatos, o objetivo de todos os dias é ficar grande e competir. Dentre os seus ídolos no esporte, espelha-se no lendário **Arnold Schwarzenegger**, com quem partilha até mesmo a escolha da categoria que pratica – bodybuilding. (F.F.).*

Outro meio é a música:

*Gosta de treinar com **música**, fator que influencia no rendimento dos exercícios. Dentre as preferidas, está a música do Cifrão, Bonde da Stronda “Sem dor, sem ganhos”. (J.S.).*

*As **músicas** incentivam o treino. Os **fones de ouvido** evitam distrações, conversas paralelas (quem quiser falar com ele, vai ter que esperar) e o faz esquecer o mundo exterior ao ambiente da academia. (R.L.F.).*

*Se na academia não estiver tocando **música** que o agrade, e se não tiver com os fones de ouvido, ele fica chateado. Não, porém, ao ponto do treino não render, pois ele garante a eficácia do exercício, esquecendo-se de que o som é indesejado. Apesar disso, ele concorda com a noção de que a música influencia muito no seu treino, em até 70%. Há muitos “**raps marombas**”, que incentivam o atleta. Essas músicas falam o que eles vivenciam. Assim, escutar aquela música que o representa, certamente, vai render “absurdamente muito mais”. (R.X.G.).*

*Os exercícios preferidos são, na musculação, o supino reto, e no aeróbico, o step. São a ele, agradáveis, igualmente, os abdominais, sobretudo quando realizados com uma música **mais agitada**. Música muito lenta o desanima. (H.M.S.).*

As músicas – letras e ritmos – exercem a função tanto de dar o compasso dos treinos como na concentração e motivação, ao retratarem a rotina diária dos fisiculturistas. Elas registram os modos de alimentação, comportamentos sociais, orgulho e comprometimento os esforços empreendidos (balisados pela realidade social, econômica e política), sentimentos, de demais aspectos prazerosos e profundos que decorrem da atividade do fisiculturismo, como observamos na letra do título “Sem dor, Sem ganhos”, lembrada por J.S.:

Aqui é cífrão
Sem dor, sem ganhos, simples assim
Vira mutante é o objetivo, hardcore é meu estilo
Põem peso nesse supino, cada lado 60 kg
Treino de louco parceiro, meu esporte eu levo a sério
Durmo muito, como muito pra alcançar o meu sucesso
Estudo treinos dia e noite, suplementos tem de monte
[...]
Agora todas olham néh, agora todas querem
Meio metro de braço é o chama das mulheres
[...]
Muita balada que eu já dispensei
Muito mr. Olympia que eu acompanhei
Muito sacrifício pra chegar aqui
Muito dinheiro que eu já investi
To a 10 anos nesta porra focado e dedicado
Pra chegar um frango safado dizer que é só bomba
[...]
Estilo de vida que me apaixonei, não bebo cachaça, só tomo
Whey
IFBB, estar entre os tops, ser patrocinado e viver do esporte
[...]
Se tu quer ser frango e quer ser um fraco, a escolha é tua o
recado foi dado!
[...]
Eu treino pra mim, e não pra você
Tenho um objetivo, crescer e crescer
Bater os 100 kg, 50 de braço
São poucos que conseguem fazer o que faço!
(Trechos da letra da música Sem Dor Sem Ganhos, Cífrão).

Os trechos acima retratam variados aspectos do fisiculturismo competitivo. Por exemplo, a crença de que todo esforço será recompensado; o desejo de serem diferenciados, mediante hábitos (alimentares, divertimento etc.) e outros

comportamentos singulares; o melhoramento da auto-estima e dos relacionamentos sociais (amorosos e sexuais); a rotina de atividades físicas na academia; a paixão e amor pelo esporte; a dimensão institucional (IFBB e campeonato Mr. Olympia) e do sonho de se tornarem autosuficientes financeiramente para desenvolvimento das suas práticas (nível profissional/internacional); o vocabulário apropriado da Língua Inglesa; o preconceito social pela associação entre músculos desenvolvidos e o uso de substâncias anabolizantes; a superação, orgulho e sucesso (aspectos por demais expressados nas histórias dos fisiculturistas, os quais superam o fato de ganhar o campeonato).

O corpo é fonte de informação e, ao mesmo tempo, confere *status* neste mundo social:

Na academia, o atleta é sempre cobiçado. Novos atletas tencionam ficar como é ele, ainda que não tenham ideia de como se alimenta, treina e investe financeiramente.

(R.M.J.O.).

A participação nos campeonatos, assim como nos treinamentos (com peso e aeróbico) e ensaios de apresentação, também representam fonte de informação e aprendizado. Quirke (2015) lembra que é nos *lugares de lazer (leisure settings)* ocorrem a busca, o uso e o compartilhamento da informação, também denominados “terrenos de informação” (*information grounds*) (QUIRKE, 2015; FISHER; NAUMER, 2006). Esses espaços ou ambientes de informação são pontos centrais (hubs) de informação, como é o caso da academia e dos palcos dos campeonatos.

Ir pela primeira vez, supondo apenas ganhar experiência, e alcançar o segundo lugar no pódio, deixou R.M.J.O. abismada.

(R.M.J.O.).

Apesar de possibilitar a inclusão de pessoas de variados níveis de escolarização, o fisiculturismo competitivo está estabelecido sobre vasto conhecimento científico sobre o desenvolvimento do corpo. Aqueles que reconhecem e utilizam as fontes de informação científica quase sempre são aqueles que cursam ou cursaram o Ensino Superior.

Ao ingressar no ensino superior, a busca por informações foi ampliada. Solicita indicações aos professores (muitos doutores) sobre artigos, livros etc. Certa vez, R.L.F. sofria de tendinite patelar. Com muita dor, decidiu consultar Laboratório de Força da Universidade, local onde haveria a possibilidade de realizar o diagnóstico desta doença. Após o mapeamento do problema, recebeu a prescrição de tratamento com um fisioterapeuta, que, por sua vez, sugeriu mudanças nos exercícios. Aconselhou-se também com o docente da área de musculação, que o orientou sobre mudanças nos exercícios. Após esses procedimentos, as dores cessaram.

*Antes deste **apoio institucional**, R.L.F., provavelmente, consultaria o Youtube, para procurar por explicações sobre tendinite – modo de proceder que, atualmente, considera inadequado. Ele observa que os produtores de parte dos conteúdos deste meio não possuem formação apropriada, que, só porque treinam, acreditam possuir perícia para explicar e realizar diagnósticos. “Se você não sabe, como é que vai ensinar alguma coisa?” – questiona. (R.L.F.)*

O grau de instrução está relacionado à capacidade descritiva dos fisiculturistas à luz dos conhecimentos científicos ensinados formalmente. Sob o ponto de vista prático, todavia, o uso da informação é democratizado, já que a aplicação do conhecimento depende mais do conhecimento empírido dos participantes do que da formação escolar.

Outro fator relevante para o pilar *Dimensiona* são os relacionamentos, pois são fontes de motivação, incentivo, troca de experiências e entusiasmo, além de auxílio no manejo dos equipamentos.

*Outro elemento que influencia a **motivação** do atleta é a proximidade de parceiro de treino: “é um algo a mais”. Não pelo fato de ele gostar de ter alguém para conversar. Aliás, ele é conhecido como “boçal”, aquela pessoa de pouca simpatia, que*

chega na academia e apenas treina, sem desenvolver conversações paralelas com os demais frequentadores. (F.F.).

O **compartilhamento de informações** ocorre intensamente com três amigos. Se algum deles adquire nova informação, esta é repassada para os demais, de modo que eles possam incluir nos treinos. Conversam no bate-papo do **Facebook** e na academia. (F.F.)

Quadro 12 – Pilar Dimensiona

Pilar Dimensiona	
Contexto Menor da Vida	Contexto Maior da vida
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Fontes de Informação formais – livros, periódicos, bases de dados</i> • <i>Formação formal – Ensino Superior (influencia na capacidade de reconhecimento das fontes)</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Fontes de informação formais e informais - livros, apostilas, periódicos, vídeos, redes sociais, músicas, corpo, pessoas (constelação de informação ou complexa ecologia de coisas)</i> • <i>Formação formal e empírica (influencia na capacidade de reconhecimento das fontes)</i>

6.1.3 Pilar Planeja

Este pilar ressalta a capacidade de construção de estratégias de busca de informação. Neste meio, quanto maior o nível de escolaridade e, sobretudo, de experiência na atividade, maior a capacidade do culturista de reconhecer, relacionar e assimilar as fontes de informação disponíveis, em que se constroem as estratégias de formação de corpo.

O desafio dos fisiculturistas é desvendar os complexos mecanismos biológicos do corpo. Para tanto, beneficiam-se de intensa atividade de pesquisa e aquisição de conhecimento em variados meios de informação. A experiência no esporte, independentemente do nível de formação formal, pode proporcionar ao fisiculturista a eficácia na definição das estratégias de busca de informação para o máximo crescimento muscular.

A falta de **formação**, entretanto, nem sempre indica a **execução** incorreta dos exercícios. Há fisiculturistas que não possuem formação acadêmica, mas conseguem proceder corretamente o treinamento, graças ao **conhecimento empírico** adquirido em anos de **experiência**. Este tipo de saber, por outro lado, se mostra limitado: o atleta “empírico” é capaz de indicar um treinamento para bíceps correto, sem, contudo, saber se o que está sendo recrutado é a porção curta ou a longa.

No cotidiano, R.L.F. assinala que, se perguntasse, na academia, o que é fazer o treinamento de força e um RM (repetição máxima), ninguém saberia responder-lhe. Outro exemplo: há pessoas que excedem a carga no exercício com pesos, com o intuito de fazer um treinamento de força. Ocorre que este tipo de treinamento é aquele em que a pessoa realiza de uma a quatro repetições, com uma certa quantidade de peso, definida previamente com apoio em um teste específico. Para R.L.F., este, portanto, é o lado “vago” do empirismo na musculação, que pode, inclusive, causar lesões.

R.L.F. abre uma exceção para o caso do seu treinador, que não possui formação formal, mas que busca se atualizar em fontes com credibilidade, como os artigos científicos. (R.L.F.).

O linguajar científico funde-se com termos próprios do mundo social do fisiculturismo, resultantes de processo prático e de pesquisa ou educação formal (ou do contato à pessoas qualificadas), sobre o funcionamento do corpo.

Na fase final do cutting, termo derivado da ideia de corte na alimentação, passa-se alguns dias com dieta “zero” carboidrato, com o intento de realizar uma “homeostase”, entendida como o equilíbrio metabólico de formação (anabolismo) e degradação (catabolismo) muscular. O auge deste processo ocorre, geralmente, no período após a pesagem pré-competitiva, no qual é estimulada a ampla

capacidade anabólica do corpo, popularmente conhecida como “carbar”, entendida como a reposição de certa quantidade de carboidratos (pode ser em laticínios, como o sorvete) para gerar um pumping nos músculos, potencializada pelo intenso período de privação de carboidratos. Esta estratégia de crescimento muscular se beneficia ainda pelo estado de desidratação e, consequentemente, menor retenção de líquidos. Assim, o volume muscular é valorizado pelo fato de a pele estar mais fina e, aparentemente, “grudada no músculo”. (R.L.F.)

Quadro 13 – Pilar Planeja

Pilar Planeja	
Contexto Menor da Vida	Contexto Maior da vida
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Perícia em métodos de recuperação tradicionais</i> • <i>Formação formal influencia no planejamento das estratégias de busca</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Formação formal influencia no planejamento das estratégias de busca</i> • <i>Complexidade biológica do corpo exige conhecimento empírico de práticas que independem da formação formal.</i>

6.1.1.4 Pilar Reúne

Este pilar preza pela capacidade de localizar e acessar as informações. Seja em contextos formais ou no lazer, a localização e acesso de informações confiáveis desafia as pessoas, as quais lidam com grande volume de informação disponibilizado por variados meios.

No plano formal, além da devida capacidade cognitiva de identificar e traçar estratégias de busca da informação, as pessoas precisam ter as devidas permissões para o uso pleno das fontes (base de dados online, por exemplo). O acesso à bibliotecas e demais fontes de informação formais, como já observado, ocorre mais nos participantes que possuem contato com o Ensino Superior. Na prática do culturismo, o acesso à informação também é realizado através de rede de amizades e relacionamentos, bem como de serviços especializados (médicos, nutricionistas,

dentistas, esteticistas, orientação técnica, lojas de suplementação etc.), dentro e fora da academia.

*F.S.S.N. tem muitos **amigos** que são fisiculturistas profissionais, os quais são acompanhados por nutricionistas. Por este contato, às vezes, consegue acesso a esses profissionais. Esse tipo de serviço é bastante caro. No mundo do fisiculturismo, há uma **ajuda mútua** com informação. Trocam-se informações e, quando duas informações coincidem, F.S.S.N. testa nos treinos. (F.S.S.N.).*

Quadro 14 – Pilar Reúne

Pilar Reúne	
Contexto Menor da Vida	Contexto Maior da vida
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Capacidade cognitiva e financeira de localizar e acessar as informações</i> • <i>Valorização do conhecimento originado do uso de ferramentas formais</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Capacidade cognitiva e experiência empírica</i> • <i>Rede de relacionamentos</i> • <i>Amizade</i> • <i>Custos de serviços especializados</i>

6.1.5 Pilar Avalia

Este pilar ressalta a capacidade de revisar o processo de pesquisa, comparar e avaliar as informações e dados pesquisados. Esta aptidão aborda preocupações daqueles que, em contextos formais, almejam a precisão e veracidade das informações utilizadas. No âmbito acadêmico, a avaliação é fator preponderante para garantir a segurança epistemológica das pesquisas científicas.

No fisiculturismo, há a tendência, semelhantemente aos ambientes formais, pela valorização da autoridade cognitiva (*cognitive authority*, WILSON, 1983) das informações, desde as contidas nas redes sociais ou nas conversas entre os fisiculturistas. Do mesmo modo que os autores dos livros adquirem *expertise* em um dado conhecimento, há pessoas, em grande parte atletas, que alcançam um status social de fontes de informação confiáveis no fisiculturismo competitivo. Dentre eles,

são citados pelos fisiculturistas pesquisados Fernando Sardinha, Sadic, Waldemar Guimarães, além dos ídolos Arnold Schwarzenegger e Eva Andressa. Além disso,

*Para aferir a aplicabilidade da informação, ele se inspira nos testes das **pesquisas científicas**. Certa vez, o professor solicitou-lhe estudo, com base em 20 artigos científicos, sobre o exercício de agachamento livre. Essa pesquisa incluía testes para saber como ocorria o agachamento com os pés mais abertos e mais fechados, bem como com ponta do pé para dentro e para fora. (R.L.F.).*

As avaliações *per-reviewed* realizada pelos pares, próprias do contexto acadêmico, também podem ser observadas, ainda que de modo metafórico, na realidade dos culturistas.

*As informações coletadas na rede mundial de computadores são **validadas pelo instrutor**, pessoa em quem ela confia para avaliar **informações nem sempre verdadeiras**. (R.M.D.R.).*

*O acompanhamento da **instrutora** em toda a realização do exercício é um fator de motivação. (E.M.S.).*

*Tudo o que precisa para aprender e estar informado está na academia, provido pelo **treinador**. Quando intenta novas ideias, pergunta a ele. O treinador é formado e conhece muito mais coisas do que ele. H.M.S. não tem muito tempo disponível para pesquisar na internet. Raramente, assiste a vídeos de fisiculturistas famosos, em busca de novos exercícios, principalmente por aqueles atletas que já ganharam campeonatos. (H.M.S.).*

Ocorre que, no processo de avaliação do fisiculturismo, nem sempre a informação com credibilidade – científica e de cunho generalista – é sinônimo de informação útil, pelo fato de que o uso é altamente relativizado pela singularidade

biológica de cada pessoa. Deste modo, a informação é confiável encontra utilidade apenas quando aferida de modo prático, isto é, quando aplicada e avaliada no corpo de cada fisiculturista.

R.X.G. observa que há muitos canais no Youtube que devem ser absorvidos de modo positivo; não os aceitando, imediatamente, todavia, de modo crítico, com suporte numa avaliação que resulta no aceite (ou não) da informação. Dentre os critérios utilizados, indica procurar conhecer a origem da informação – se é de um site confiável, e qual a autoria, isto é, se foi escrito por médico ou especialista. Ele é ciente de que algo que funciona para ele não funcionará para o outro. O treino é individual. Assim, ele faz testes com o próprio corpo e, portanto, conhecer o próprio mecanismo biológico é fundamental para balizar essas avaliações. (R.X.G.).

Muitas pessoas a procuram para saber sobre dieta, treinos e suplementação. Ao respondê-las, é possível que uma dica fornecida possa vir a ser considerada errônea na medida em que esta, eventualmente, não irá servir para quem a receba, já que a efetividade das estratégias de formação muscular depende da condição biológica de cada fisiculturista. (R.M.D.R.)

O corpo é, portanto, importante elemento de negociação e avaliação do processo de busca de informação (KEILTY; LEAZER, 2014; NEIL, 1990; OLSSON, 2010). O afeto, fenômeno cognitivo e mental estreitamente associado aos sentidos, e sentido no corpo, também é relevante para a avaliação da informação. Nesta perspectiva, a conveniência (busca de experiência prazerosa; que promovem o bem-estar) em vez de anomalia, é parte do processo avaliativo do fisiculturista, tanto nos engajamentos de busca quanto da aplicação do conhecimento adquirido.

Quadro 15 – Pilar Avalia

Pilar Avalia	
Contexto Menor da Vida	Contexto Maior da vida
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Valorização do conhecimento científico</i> • <i>Autoridade cognitiva (aferida por titulação formal)</i> • <i>Informação confiável é informação útil</i> • <i>Validação por meio de conhecimento científico generalista</i> • <i>Conveniência (busca de experiência prazerosa; que promovem o bem-estar), frequentemente associada ao princípio do menor esforço, é perigosa para a produção de conhecimento</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Valorização do conhecimento científico</i> • <i>Autoridade cognitiva (aferida por titulação formal ou conhecimento empírico)</i> • <i>Informação confiável nem sempre é útil, pois é relativizada pela singularidade biológica de cada participante</i> • <i>O corpo como elemento de aferição da credibilidade e utilidade da informação</i> • <i>Validação na prática, relativa a singularidade de especificidades biológicas do corpo de cada participante</i> • <i>Conveniência (busca de experiência prazerosa; que promovem o bem-estar) é a base da natureza da atividade do fisiculturismo, ainda que, na forma séria de lazer, o princípio do menor esforço não se aplique.</i>

6.1.6 Pilar Gerencia

De acordo com o pilar Gerencia, a pessoa competente em informação é aquela capaz de organizar a informação de maneira profissional e ética. Além das técnicas de armazenamento em formatos tradicionais e eletrônicos, como nos aparelhos celulares, há uma valorização e orgulho dos participantes pelo conhecimento tácito, “armazenado” na mente/memória.

*Sobre o **armazenamento**, R.X.G. garante absorver as informações de modo rápido e, por isso, é raro ele guardar as informações impressas do fisiculturismo. A guarda dos materiais é quase sempre no formato eletrônico. Às vezes, “bate” um print do **aparelho celular** e, quando está com dúvida, consulta essas informações armazenadas. É um meio sempre recorrente, onde quer que ele esteja. Fisicamente, há*

*uma **estante** no quarto de R.X.G. com livros diversos, revistas e DVDs, porém de assuntos variados. Ele afirma não ser organizado, mas procura fazer jus a sua qualificação de técnico de administração, arrumando os materiais impressos nos finais de semana. (R.X.G.).*

*As informações são armazenadas, para que ele possa utilizá-las posteriormente nos campeonatos. Tudo é guardado na **mente** e **colocado em prática** na academia. (F.S.S.N.).*

*As informações estão armazenadas na **mente**. Por exemplo, na primeira semana de uma **nova combinação de exercícios** elaborada pelo treinador, ele lê a **ficha**. Certamente, haverá muitos exercícios que ele já conhece. Na segunda semana, não precisa mais da ficha, pois **memorizou** e **aprendeu**. (H.M.S.).*

*Esses treinamentos esquematizados por J.S. estão registrados apenas na sua **memória**. Treinos antigos são associados a novas combinações de exercícios – tudo está gravado na mente. Para ele, não há necessidade de anotá-los em: – “folhinha [...] essas besteiras”, comenta. (J.S.).*

As redes sociais fazem parte da dinâmica de organização, e de disseminação de informação da prática do fisiculturismo (âmbito do Pilar Apresenta).

*O armazenamento das informações é **virtualmente**: Facebook e Youtube. Ela costuma **compartilhar** vídeos (exercícios de agachamento e abdominais, por exemplo) e conversa com as parceiras da academia. (E.M.S.).*

*Ele não documenta a evolução, a não ser o que é divulgado **no Facebook**. É lá que ele compartilha suas práticas, inclusive com amigos de competição, e onde acompanha o*

melhoramento do corpo. Ele recebe elogios e críticas, mas enfatiza que são mais os elogios, os quais o motivam ainda mais para os campeonatos. (F.S.S.N.)

Quadro 16 – Pilar Gerencia

Pilar Gerencia	
Contexto Menor da Vida	Contexto Maior da vida
<ul style="list-style-type: none"> • Organização formal da informação (sistemas de classificação etc.) 	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da informação na memória (conhecimento tácito) • Redes sociais • Organização da informação registrada – celulares, computadores, redes sociais

6.1.7 Pilar Apresenta

Complementando as características desejáveis da pessoa competente em informação, está a capacidade de aplicar o conhecimento adquirido, criar conhecimento e disseminar apropriadamente em variedade de formatos. De modo distinto aos outros pilares, este está intrinsecamente relacionado ao uso da informação, um dos mais negligenciados pelos bibliotecários dos contextos formais – acadêmicos e profissionais – cujas ações, elaboradas por esses profissionais de formação generalista, e especializados nos processos (e não em conteúdos), são mais centradas no processo do que no uso da informação (SERAFIM, 2011).

No fisiculturismo competitivo, a aplicação, apresentação (demonstração) e compartilhamento de conhecimento ocorrem em momentos distintos de preparação. Em período fora da competição, essas habilidades são expressadas em atividades de treinamentos com pesos, exercícios aeróbicos, descanso, preparação de alimentos e suplementação, concentração.

Em dias regulares do período fora das competições, a estratégia de desenvolvimento de corpo tem como base o treinamento diário combinado de um músculo superior e um inferior, complementada com a parte aeróbica. Esta, por sua

vez, é **realizada** em suas aulas de dança, as quais tem a duração de uma hora, às segundas, quartas e sextas-feiras. A musculação, **efetivada** diariamente, tem a duração de cerca de 30 a 40 minutos. (R.M.J.O.).

R.L.F. explica que a primeira coisa que o fisiculturista faz é comprar uma **balança digital**, com fins de **avaliar** o que e a quantidade de alimentos consumidos. Esta consciência alimentar – **regras** de horários e composição dos alimentos – foi uma das maiores mudanças percebidas pelo próprio R.L.F. no ingresso do fisiculturismo, e é a ela que ele atribui o ganho de massa corporal de 20 kg, nos últimos dois anos de atividade. (R.L.F.).

*Na **cozinha** e no **treino**, todavia, essa facilidade não existe. (F.F.).*

Em período de pré-competição, dá-se continuidade aos treinamentos com pesos, exercícios aeróbicos, descanso, preparação de alimentos e suplementação, concentração, além da aplicação de estratégias específicas para os campeonatos, tais como a desidratação e ensaios das poses a serem performadas nos palcos.

*A fase do pré-campeonato é muito estressante e desgastante para a atleta. **Segue-se à risca** uma dieta rigorosa, com baixa ingestão de carboidratos, aliada à realização de treinos intensos. É relevante lembrar o fato de que os carboidratos são justamente a fonte de energia do nosso corpo. Além disso, R.M.J.O. tem que trabalhar, sobrando pouco tempo para os **ensaios** da apresentação. A garota body fitness – a garota academia – é aquela que não tem muita massa muscular, mas tem que ter músculos tonificados, elegância, feminilidade, simpatia, bom desempenho no desfile e rosto “bonito”. Além disso, tem que mostrar muita saúde e qualidade estética. São requeridos da atleta, além dos músculos bem tonificados, o*

conhecimento e o desempenho correto das poses solicitadas pelo apresentador do evento. Quando demonstra o músculo de modo apropriado, ela já ganha ponto. O biquíni e o sapato (sempre fechado e não pode ser de salto algo) são de acordo com as normas. O rosto, o cabelo e os detalhes – como uma pulseira, a maquiagem e o “glamour” – também contam. (R.M.J.O.).

O campeonato é o ápice da apresentação do conhecimento adquirido do fisiculturista. Sob o ponto de vista da temporalidade, presença e intensidade, um lugar pode ser concebido como um evento, consistindo num lugar-evento, que converge uma intensidade de coisas em processos, emoções, sensações, pessoas e narrativas, em que ciclos de atividades e processos findam-se (e renovam-se). São elementos cruciais a serem considerados em um evento (PINK, 2007):

- a) a experiência incorporada, afetiva e transformadora de quem passa pelos palcos;
- b) o saber incorporado para desempenhar habilidades e competir.
- c) os agentes de informação – humanos e não humanos – que participam de uma configuração, ou ecologia, específica de pessoas e coisas.

No palco, o fisiculturista demonstra a aplicação de ações orientadas por informações, de modo contínuo, compreendidas como aquilo que motiva, empodera para superar os obstáculos – sociais, econômicos, físicos, mentais, biológicos.

Antes do palco, muito estresse, fome e sede. Essas sensações ensejam tremedeira e insegurança (ela pensa: talvez tenha uma candidata melhor que ela). R.M.J.O., assim como outros fisiculturistas, tomam um pouco de vinho e comem chocolate. No palco, tudo é muito rápido. Se ganhou ou perdeu, se ela logrou o segundo lugar, nada importa, a não ser a consciência do dever cumprido e de ter superado um gasto financeiro, físico e mental enorme. É uma experiência que só conhece a fundo quem sobe no palco. (R.M.J.O.).

Ele lembra que a preparação, que pode durar de seis, oito ou doze semanas, é avaliada em menos de cinco minutos no palco. Se errar ao ingerir miligramas de água e sódio, ou no tempo do descanso, ou no nível do estresse, o resultado positivo pode estar ameaçado. Por outro lado, uma dieta bem equilibrada, suplementação e treinos, além da motivação pessoal, aumenta a probabilidade de se ter melhor apresentação – “diferenciada” – dos demais competidores: “É você mostrar para que veio. É um momento só seu!”. O tempo de preparação é descrito mediante a seguinte máxima do esporte: “um ano de trabalho para 1:30 minuto no palco”, que expressa o fato de trabalhar muito para pouco tempo no palco. (R.X.G.).

No palco é onde o sentido homogeneizante de se retratar o esporte – como o que descreve à luz das questões de gênero (masculinidade) ou da ideologia de “vencer a qualquer custo” (SUFFOLK, 2014) – não se sustenta ante a um conjunto heterogêneo de pessoas, histórias de vida, tipos biológicos, realidades econômicas e sociais – de que faz parte a aplicação de competências em informação.

Vencer não é só participar. Palavras não podem descrever o modo de ela gostar desta atividade. A saúde melhorou bastante. Antes desta atividade, sentia dores nas costas. Atualmente, não sente mais. (E.M.S.).

O momento do palco é **mais do que uma vitória**. J.S. fica tenso, mas aos pouco vai se soltando. Tensão e alegria afloram e precisam ser contidas de modo balanceado. Além disso, há a necessidade de superar necessidades biológicas básicas de sede e fome. Ele deve controlar a vontade de comer tudo o que vê até o final do campeonato. Em contraposição ao **ápice da fraqueza física**, pela redução severa de carboidratos e líquidos, ele precisa sorrir: trata de imaginar algo feliz, já que a desmotivação não contribuirá para o sucesso. Para alcançá-

*lo, necessita ter confiança em si mesmo e acreditar que vai ganhar, mesmo que aconteça o contrário. Para ele, o sucesso é alcançar o primeiro lugar. **Resultados** diferentes do ponto mais alto do pódio são revertidos em fonte de motivação para uma nova luta. (J.S.).*

*Pelo viés financeiro, o fisiculturismo competitivo é descrito por F.F. como árdua preparação para **ganhar “um boneco”**, em referência ao troféu, e um pote de suplemento.*

*Por outro lado, o que o motiva é **o amor e o gosto por competir**. O fisiculturismo é visto como transposto a uma atividade de levantamento de pesos, já que desenvolve a estética, o corpo e a mente – esta última fator decisivo para suportar uma dieta restrita e demais desafios associados a esta prática. Se fosse somente o **trabalho de força**, tudo seria mais tranquilo. (F.F.).*

O uso das informações é essencial para o desenvolvimento desta atividade, cuja efetividade é influenciada não apenas por questões biológicas, mas por elementos socioculturais, dentre ideológicos, econômicos, políticos, culturais, legais, psicológicos e cognitivos.

Quadro 17 – Pilar Apresenta

Pilar Apresenta	
Contexto Menor da Vida	Contexto Maior da vida
<ul style="list-style-type: none"> • A apresentação do conhecimento ocorre a partir da realização de variados processos cognitivos e operacionais • O produto possui alto nível de abstração (em formas convencionais de apresentação do conhecimento científico – geralmente impresso e estático), refletindo formas de aprendizado centrados em abstração • Aspectos éticos da pesquisa científica 	<ul style="list-style-type: none"> • A apresentação do conhecimento ocorre pela realização de diferentes práticas, em variados períodos (off, on-season, campeonatos), dedicadas à formação do corpo • Produto é o corpo, construído e avaliado em movimento (no lugar-evento campeonato). • O produto é menos abstrato (aprendizado indissociável da prática), cuja apresentação efetiva no lugar-evento mais importante – o campeonato

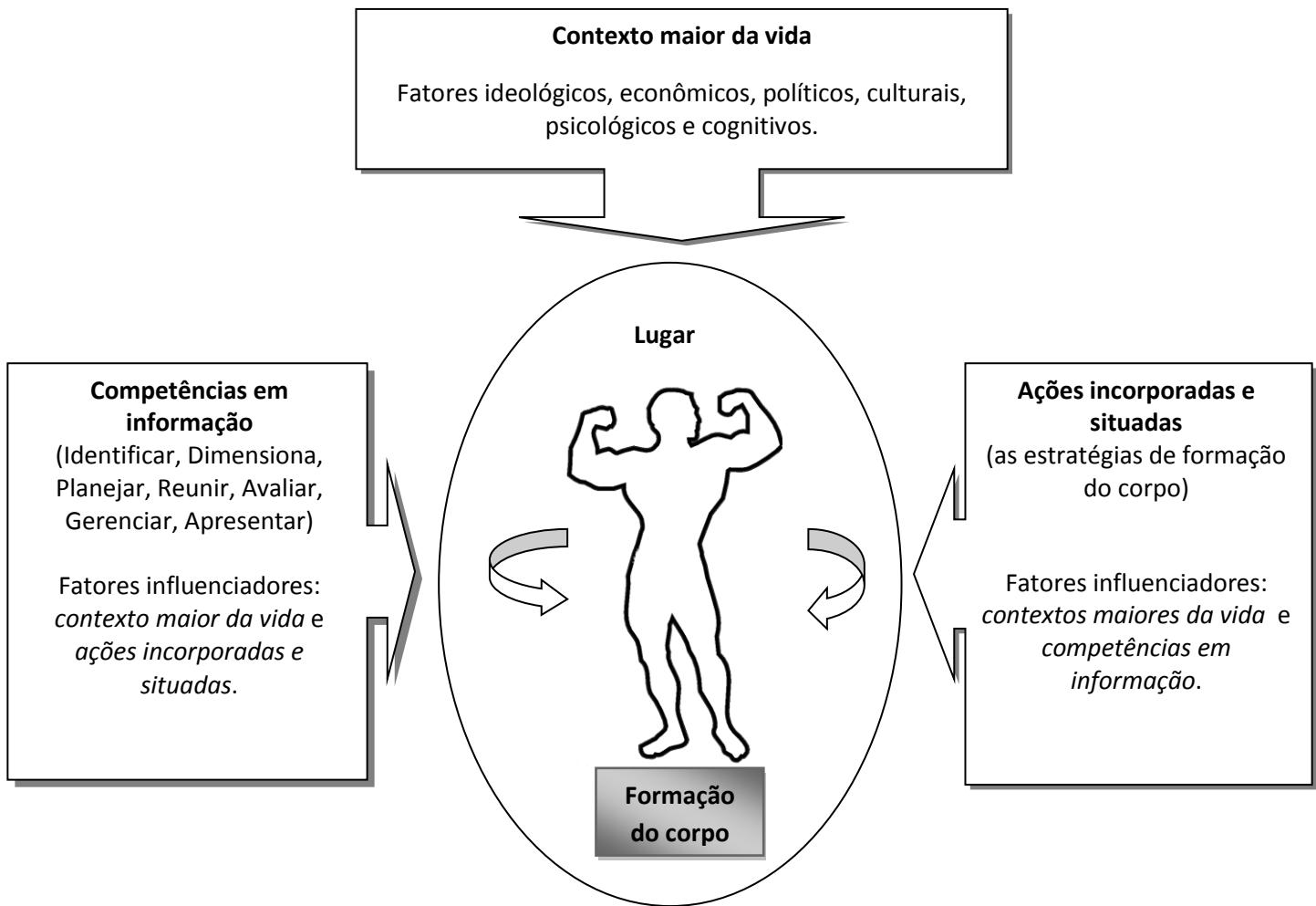
	<p>– é altamente das variáveis emocionais e afetivas, como comprometimento, determinação, competência emocional para lidar com situações extremas (fome, sede, ansiedade) na busca pelo prazer e pelo profundo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aspectos éticos: amizade, companheirismo, altruísmo
--	---

6.2 Uma síntese das competências em informação no fisiculturismo competitivo

Nesta subseção, apresentamos uma síntese do panorama das competências em informação do fisiculturismo competitivo. Embora a tendência da pesquisa centrada na construção de modelos seja considerada reducionista, esta conduta é compreendida no estudo sob relatório com base no fato de que atuamos sob a influência de modelo científico que compartilha de normas de convencionalidade, generalizações (KARI; HARTEL, 2007) e proposições (GONSALVES, 2015).

Destacamos o uso do artigo indefinido “uma síntese” (e não “a síntese”), de modo a ressaltar que não intentamos estabelecer uma teoria ou pensamento rígido acerca das competências em informação. De fato, este produto permite-nos retratar a existência e relevância deste fenômeno na prática do fisiculturismo competitivo, descrita em ricas histórias de vida dos participantes, as quais permitem caminharmos por variadas trilhas interpretativas. Corroboramos com o fato de que qualquer proposição, é sempre parcial, já que sempre intenta-se, em decorrência do exercício sintetizador, elimitar desvios e anormalidades, tornando reduzido e negligenciando as demais nuances do contexto maior estudado (KARI; HARTEL, 2007).

Figura 47 – Síntese das competências em informação no fisiculturismo competitivo



Variados processos e práticas compõem o ambiente – lugar – em que ocorre as competências em informação. De uma perspectiva meramente cognitiva, mapeadas de modo isolado do contexto sociocultural, o fenômeno das competências em informação é observado como parte integrante – influenciadora e influenciada – de outros processos sociais que resultam na construção muscular do corpo do fisiculturista.

Quadro 18 – Contexto maior da vida

Contexto maior da vida
<ul style="list-style-type: none"> • Estética (beleza) • Saúde e bem-estar • Estilo de vida • Ídolos • Família e Relacionamentos <ul style="list-style-type: none"> • Amizade, amor, sexo • Habilidade e esforço físico e mental para seguir regras rígidas e superar situações adversas <ul style="list-style-type: none"> • Sede, fome, estresse, fadiga, tensão, resistência, insegurança, tremedeira, desanimo, lesões, riscos, preconceito (social, de gênero), ansiedade, dor, câimbras, frustração, indisposição, fraqueza física, sacrifício; • Aspectos emocionais e afetivos positivos: amor, paixão, prazer, sensações indescritíveis, orgulho, poder, reconhecimento social, visibilidade, superação (limites, preconceito etc.), comprometimento, confiança, sucesso, alegria, esperança, cobiça, autoestima, controle, ficar grande, desafio, foco, altruísmo, vencer, simpatia, humildade, curiosidade, gratificação; • Sonhos • Econômicos: recompensa financeira • Crenças (ideologias, cultura)

Quadro 19 – Lugares

Lugares
<ul style="list-style-type: none"> • Academia <ul style="list-style-type: none"> • Aparelhos • Barras • Pesos • Colchonetes

- Fichas
- Banners
- Cartazes informativos
- Amigos
- Instrutores e técnicos
- Aparelho Celular
- Fones de ouvido
 - Música e ritmos
- Vestimentas
- **Lar**
 - Cozinha
 - Balança de cozinha
 - Proteínas, lipídios, carboidratos e aminoácidos
 - Cônodos variados
 - Espelhos
 - Fita métrica
 - Computadores
 - Aparelho Celular
 - Guarda-roupa
 - Estante
 - Balança digital
- Ambientes externos
 - Ao ar livre (ruas, avenidas, praia)
 - Serviços especializados – médicos, fisioterapeutas, nutricionistas, especialistas em métodos não naturais etc.
 - Lojas de suplementação
 - Mercado do fisiculturismo
 - Instituições de Ensino Superior
 - Biblioteca, artigos científicos, professores
 - Trabalho e outras práticas esportivas
- Campeonatos
 - Backstage

- Palco
 - Pódio
 - Troféu
 - Jurados
 - Vestimentas (sunga, bermuda, bikini, pulseiras, sapatos, cabelos, maquiagem, tinta de bronzeamento)
- Sociedade
 - Mídia jornalística
 - Mídia de entretenimento
 - Redes sociais – Facebook, Whatsapp, Youtube
 - Frases motivacionais, fotografias, videos, livros, páginas com conteúdo especializado

Quadro 20 – Ações Incorporadas e Situadas

Ações Incorporadas e Situadas
<ul style="list-style-type: none"> • Treinar <ul style="list-style-type: none"> • Vestir-se • Aquecer-se • Exercitar-se <ul style="list-style-type: none"> • Caminhar, Correr, Pedalar • Levantar pesos • Alimentar-se <ul style="list-style-type: none"> • Suplementar • Dieta restritiva <ul style="list-style-type: none"> • Desidratar • Homeostase • Carbar • Descansar • Competir <ul style="list-style-type: none"> • Escolher a categoria

- Ensaiar
 - Coreografar
- Aquecer-se
- Posar
 - Desempenhar (Sorrir, não suar, demonstrar elegância, segurança, controle emocional, etc.)
- Bronzear-se
- Vestir-se
 - Maquiar-se
- Aprender e disseminar informação
 - Planejar
 - Pesquisar, observar, informar-se, aprender, disseminar e trocar informações
 - Motivar-se
 - Superar
 - Desafiar-se
 - Ajudar (Altruísmo)
 - Inspirar outras pessoas

As competências em informação estão diretamente relacionadas a realização de modo eficiente das estratégias de construção de corpo. A natureza técnica da core activity do fisiculturismo competititivo é, no entanto, influenciada por dimensões contextuais mais amplas, compreendidas como “coisas maiores da vida”. Deste modo, o fazer do fisiculturismo competitivo é impulsionado e guiado por um aspecto subjetivo maior, relativo ao que cada participante encara como o sentido de vida. Superação, alegria, prazer, saúde, relacionamentos, ideológicos, bem-estar físico e mental constituem em alguns desses fatores mais amplos, influenciadores e motivadores do processo de busca de informação.

Em vez de restrito aos processos cognitivos, o conhecimento é incorporado e situado em variadas práticas, as quais ocorrem em múltiplos terrenos de informação, ou lugares, ou contextos pedagógicos, formais e informais. Por

exemplos, academia, residência, cozinha, universidade, quarto, etc. Em nível mais amplo, está expressa a função da própria sociedade.

Na academia, por exemplo, o sentido maior da vida do fisiculturista é associado a aplicação de técnicas e estratégias de construção do corpo, fundamentadas desde a estrutura física dos equipamentos disponíveis para a execução de exercícios com efetividade até no nível de conhecimento empírico adquirido pelo fisiculturista, os quais estão relativizados, em última instância, pelas características biológicas singulares.

7 CONCLUSÕES

Enquanto os estudos da Ciência da Informação têm focado no entendimento dos comportamentos (e competências) de informação de estudantes, profissionais, e outras populações em crise, há ainda muito que se aprender sobre os aspectos positivos decorrentes do uso da informação na cotidianidade das pessoas. No estudo sob relatório, assumimos a tarefa de contribuir para a pesquisa sobre as experiências de informação prazerosas e profundas, em meio ao interesse majoritário pela solução de problemas de acesso à informação em atividades da contextura formal, realizadas por grupos socialmente reconhecidos (acadêmicos e profissionais).

Comportamentos baseados em conveniência (prazer, bem-bem estar) – enquadrados no Ensino Superior como desvios e anomalias a serem evitados pela pessoa competente em informação – encontraram espaço na *abordagem positiva da informação*, a qual é fundamentada em postura investigativa mais holística e transdisciplinar da Ciência da Informação, Psicologia, Sociologia, dentre outros campos preocupados com o bem-estar, felicidade e lazer.

No último iConference2016, evento científico internacional, estiveram reunidos pesquisadores interessados em discutir e mapear o fenômeno informacional não associado à deficiência e problemas. Esta tese reforça esta iniciativa ao refletir sobre as competências em informação para além das práticas de informação tradicionais, descritas frequentemente pelo viés cognitivo do processo de informação, representado frequentemente nos modelos correntes por habilidades de informação generalistas, dissociadas das variantes contextuais.

As noções de “práticas sociais de informação” e “contextos maiores” alicerçam a decisão pela exploração de novos campos de pesquisa sobre as competências em informação. Foi escolhido o lazer, cenário que deixa de ter uma noção nebulosa e pouco definida – às vezes, denominado “especial” – a partir da *The Serious Leisure Perspective*.

Com base nesta perspectiva, a experiência prazerosa de informação assume o papel principal do processo de busca e uso de informação (e não algo a ser evitado, tal como observado nas contexturas formais), deixando também de estar associada ao princípio do menor esforço, sobretudo pelo entendimento das formas de lazer sério. Fatores como “problema” e “necessidade” cedem espaço para

o “prazer” e o “profundo” no entendimento dos engajamentos de busca por informação.

Os esforços significativos são impulsionados por propósitos mais amplos da vida, demonstrando a relevância da informação para o alcance das potencialidades máximas do ser humano, para além da mera solução de problemas e demais aspectos de sobrevivência. Em outras palavras, no lazer, observamos como a informação dá o sentido mais amplo da vida das pessoas, cujas atividades e práticas expressam variados (e complexos) modos de saber e estar informado.

O fisiculturismo competitivo, modalidade esportiva que transita entre as noções de *hobby* e amadorismo, congrega um conjunto de práticas, nas quais ocorrem a busca e uso contínuo de informação e conhecimento, desenvolvidas de modo tão intenso que os participantes estabelecem carreiras, semelhantes às concebidas nas arenas profissionais. Em adição a conhecida natureza de informação das atividades formais, obrigatórias, ou rotineiras, também expressadas em práticas que visam a formação do corpo, ressalta-se o prazer e o profundo como resultado do relacionamentos das pessoas com ampla dimensão contextual, que molda as experiências de informação dos participantes.

Neste sentido, advogamos, neste estudo, uma visão mais holística para o fenômeno informacional, pautada em proposições contextuais ou sociocognitivas da informação, quais tomam como objeto de análise não apenas a pessoa (aquele que processa a informação), de modo individualizado, mas ela a partir de um contexto social, histórico, econômico e cultural. Ainda que de maneira emancipatória, beneficiamo-nos também da abordagem de pesquisa visual, especificamente fotografias, como meio mais eficiente de expressar – mais do que palavras, e para uma maior gama de públicos – os esforços significativos dos fisiculturistas em torno do alcance das mais variadas coisas maiores da vida, ou ainda os modos complexos, incorporados e situados, de aprender e estar informado.

Ainda que não seja método e técnica de pesquisa novo, já praticado na Antropologia e Sociologia, a pesquisa visual é pouco utilizada na Ciência da Informação. Além disso, as dificuldades interentes às questões éticas, sobretudo se concebidas através do prisma da pesquisa em texto, desencoraja os pesquisadores e não permite que os métodos visuais sejam explorados em toda a sua potencialidade. Neste estudo, compreendemos na prática os percalços narrados por outros pesquisadores que ousaram pelo uso de imagens e vídeos, gerados pela

incompreensão de comitês de pesquisa ortodoxos, com visão restrita, pouco plurarista, em favor de uma ética generalista. Foram ainda incapazes de enxergar a relevância da pesquisa científica impulsionada por aspectos positivos das experiências humanas, em detrimento de soluções imediatas para comunidades em crise.

O produto de um estudo social de informação, ante a complexidade do objeto de estudo, também foi apresentado de modo diferenciado, em enriquecidas histórias de vida dos fisiculturistas competitivos, as quais, por si só permitiriam a confirmação da hipótese de pesquisa, bem como no alcance dos objetivos geral e específicos estabelecidos no ínicio deste trabalho. De modo a seguirmos o imperativo propositivo de uma tese, traçamos um dos fios de informação possíveis, estruturado com base nos sete pilares das competências em informação. Como como todo recorte, esta síntese é, naturalmente, reduzida, parcial, e que no estudo sob relatório, atua de modo coadjuvante em um panorama social mais amplo, exemplificado pelo universo de possibilidades interpretativas contido nas narrativas do mundo social do fisiculturismo competitivo.

Neste novo olhar para as competências em informação, o aprendizado resulta da capacidade cognitiva das pessoas, em que participa um corpo biológico multisensorial, que transita por diferentes lugares de lazer (*leisure settings*) ou terrenos de informação (*information grounds*), ou ambientes de informação (*information environments*), ou espaços de informação (*information spaces*), composto por variadas estruturas tangíveis e intangíveis de informação. Junto ao aprendizado formal, metódico e abstrato, há meios de estar informado não tão bem definidos, em que é o uso da informação (quando efetivamente aprendida) depende da aplicação prática do conhecimento adquirido. Por ser centrada na prática, a precisão da informação não depende exclusivamente da autoridade cognitiva da informação, mas também dos aspectos físicos, emocionais, afetivos e socioculturais e, em última instância, da singularidade dos corpos dos participantes.

Os aparatos tecnológicos e o contato das pessoas em ambientes de lazer, como a academia e lares, são fundamentais para as trocas de informação, organizadas e recuperadas, muitas vezes, por meios não “convencionais”. O aprendizado é incorporado e situado nos espaços de informação, que incluem os virtuais, como a internet e as redes sociais, utilizados para a disseminação e recuperação da informação. A informação é aprendida na medida em que se pratica

a atividade, fortalecendo a experiência e o conhecimento tácido dos participantes, os quais, na sua maioria, orgulham-se de possuir saberes “gravados” em suas mentes, sempre disponíveis para uso posterior e imediato.

Informações audiovisuais possuem grande relevância por facilitar a aprendizagem e a aplicação do conhecimento na prática, também utilizadas para o acesso à conteúdos motivacionais para enfrentamento das rotinas diárias de treinamento e superação dos percalços fora das academias, como os financeiros, relacionamentos amorosos e familiares e sociais (preconceitos etc.). Os ritmos e melodias das músicas dão o compasso dos sonhos e práticas dos fisiculturistas, nas variadas fases de preparação e nos campeonatos.

Dentre ambientes de lazer, ou ambientes de aprendizagem, destaca-se o campeonato, evento-lugar que converge longos períodos de esforços e sacrifícios em ações físicas (treinamentos, alimentação, etc.), tecidas por variadas sensações, desde fome e sede aos mais positivos que o ser humano é capaz de sentir na vida, como prazer, euforia, orgulho, de ser capaz e de dever cumprido.

As competências em informação, nesta conjectura, compõem, em conjunto com pessoas, objetos, ideologias, desejos, e outras práticas, uma complexa ecologia das coisas, ou constelação de informação, sintetizadas no estudo sob relatório. Sem grandes pretensões generalistas, este recorte interpretativo intenta demonstrar que às competências em informação não estão apenas relacionadas ao desenvolvimento correto das técnicas de formação de corpos – dos treinamentos com pesos e aeróbicos, das dietas, da suplementação, do descanso, dos ensaios de poses, das regras impostas à cada categoria dos campeonatos etc. – mas atrelada a uma dimensão maior de vida das pessoas.

Por exemplo, contrariamente a máxima de vencer a qualquer custo, prevalecem, nos palcos, os sentimentos de amizade, altruísmo e companheirismo entre os fisiculturistas. É uma prática positiva, inclusiva e democrática, que congrega variados perfis de pessoas, com distintos níveis de conhecimento, ainda que compartilhem de elevado nível de comprometimento, determinação e motivação para alcançar os mais amplos objetivos da vida.

Para a sociedade em geral, entretanto, o fisiculturismo ainda é percebido de modo negativo. Quando raramente estudado, esta prática é, na maior parte das vezes, retratada à luz de aspectos problemáticos e negativos, como doenças associadas à imagem pessoal e ao uso de anabolizantes. Descrevê-lo de maneira

positiva é, mais do que objetivo maior desta pesquisa, é um intento dos seus participantes.

Assim, acreditamos que este estudo, através a abordagem positiva da informação, especialmente no lazer, e métodos de pesquisa inovadores, além de trazer um novo olhar para os estudos sobre competências em informação no Brasil, amplia, por meio da exploração de outras realidades de informação que compõem a vida humana, o panorama da responsabilidade social da Ciência da Informação. Estudos semelhantes, além de contribuir para a compreensão de como a informação (e as competências em informação) influenciam no desenvolvimento de comunidades mais felizes e saudáveis, possuem o papel primordial de dar voz e espaço às comunidades (e práticas) socialmente desconhecidas, como que sofrem preconceito, com é o caso do fisiculturismo competitivo.

REFERÊNCIAS

- ANDREWS, Gavin J.; SUDWELL, Mark I.; SPARKES, Andrew C. Towards a geography of fitness: an ethnographic case study of the gym in British bodybuilding culture. **Social Science & Medicine**, v. 60, p. 877-891, 2005.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ASSOCIATION COLLEGE OF RESEARCH LIBRARIES. **Information literacy competency standards for higher education**. Illinois, 2000.
- BAGHURST, Timothy; LIGG, Cathy. Characteristics of muscle dysmorphia in male football, weight training, and competitive natural and non-natural bodybuilding samples. **Body Image**, v. 6, p. 221-227, 2009.
- BAGNOLI, Anna. Beyond the standard interview: the use of graphic elicitation and arts-based methods. **Qualitative Research**, v. 9, n. 5, p. 547-570.
- BANKE, I. J. et al. Irreversible muscle damage in bodybuilding due to long-term intramuscular oil injection. **Int. Sports Med.**, v. 33, p. 829-834, 2012.
- BATES, Marcia J. The Invisible Substrate of Information Science. **Journal of The American Society for Information Science**, v. 50, n. 12, p. 1043-1050, 1999.
- BATES, Marcia J. et al. Towards positive information science?. **Proceedings of the American Society for Information Science and Technology**, v. 46, n. 1, p. 1-5, 2009.
- BIDDIX, J. Patrick; CHUNG, Chung Joo; PARK, Han Woo. Convenience or credibility?: a study of college student online research behaviors. **Internet and Higher Education**, v. 14, p. 175-182, 2011.
- BOYLE, E. Marketing muscular masculinity in Arnold: the education of a body bodybuilder. **Journal of Gender Studies**, v. 19, n. 2, p. 153-166, jun. 2010.
- BOWLES-TERRY, Melissa; DAVIS, Erin; HOLLIDAY, Wendy. "Writing Information Literacy" revisited: from theory to practice in the classroom. **Reference & User Services Quarterly**, v. 49, n. 3, p. 225-230, 2010.
- BRIDGES, Tristan S. Gender Capital and Male bodybuilders. **Body & Society**, v. 15, n. 1, p. 83-107, 2009.
- BUDD, John M. Revisiting the importance of cognition in information science. **Journal of Information Science**, v. 37, n. 4, p. 360-368, 2011.
- BUDD, John M.; LLOYD, Annemarie. Theoretical foundations for information literacy: A plan for action. **Proceedings of the American Society for Information Science and Technology**, v. 51, n. 1, p. 1-5, 2014.

BURKE, Melynda. Overcoming challenges of the technological age by teaching information literacy skills. **Community & Junior College Libraries**, v. 16, p. 247-254, 2010.

CHANG, Shan-Ju L. Information research in leisure: implications from an empirical study of backpackers. **Library Trends**, v. 57, n. 4, p. 711-728, 2009.

CHEVILLOTTE, Sylvie. Information literacy. In: **ENCYCLOPEDIA of Library and Information Science**. 3rd ed. Taylor and Francis: New York, 2009. p. 2421-2429.

CIBANGU, Sylvain K. Information science as a social science. **Information Research**, v. 15, n. 3, set. 2010.

CYRINO, Edilson Serpeloni et al. Perfil morfológico de culturistas brasileiros de elite em período competitivo. **Rev. Bras. Med. Esporte**, v. 14, n. 5, p. 460-465, set./out. 2008.

COFFMAN, Don D. Voices of experience: interviews of adult community band members in Laugeston, Tasmania, Australia. **International Journal of Community Music**. 2006.

CONNAWAY, L. S.; DICKEY, T. J.; RADFORD, Marie L. "If it is too inconvenient I'm not going after it:" convenience as a critical factor in information-seeking behaviors. **Library & Information Science Research**, v. 33, p. 179-190, 2011.

COX, Andrew M. An exploration of the practice approach and its place in information science. **Journal of Information Science**, v. 38, n. 2, p. 176-188, 2012.

DAMASIO, A. R. **Descartes error**: emotion, reason, and the human brain. New York, NY: Putnam/Grosset Press, 1994.

DELLA GUARDIA, Lucio; CAVALLARO, Maurizio; CENA, Hellas. The risks of self-made diets: the case of an amateur bodybuilder. **Journal of the International Society of Sports Nutrition**, v. 12, 2015.

DÖRK, Marian; CARPENDALE, Sheelagh; WILLIAMSON, Carey. The Information Flaneur: A Fresh Look at Information Seeking. Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems (CHI '11). ACM, New York, NY, USA, p. 1215-1224, maio 2011.

DOUCETTE, Dail Dewitt. Towards a New Science of Information. **TripleC**, v. 9, n. 2, p. 278-285, 2011.

FARMER, L. 21st century Standards for information literacy. **Leadership**, mar./abr. 2010.

FIDEL, Raya. Are we there yet?: Mixed methods research in library and information science. **Library & Information Science Research**, v. 30, p. 265-272, 2008.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 6-19, 2006.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo; FREIRE, Isa Maria. **Introdução à Ciência da Informação**. João Pessoa: UFPB, 2009.

FULTON, Crystal. The pleasure principle: the power of positive affect in information seeking. **Aslib Proceedings: New Information Perspectives**, v. 61, n. 3, p. 245-261, 2009.

FULTON, Crystal; HENEFER, Jean. Information practice. In: **ENCYCLOPEDIA of Library and Information Science**. 3rd ed. Taylor and Francis: New York, 2010. p. 2519-2525.

FULTON, Crystal; VONDRAČEK, Ruth. Introduction: pleasurable pursuits: leisure and LIS research. **Library Trends**, v. 57, n. 4, p. 611-617, 2009.

GHASEMI, Ali Hossein. Model of developing information literacy for Iranian Ministry of Higher Education (MSRT). **Information Sciences and Technology**, v. 27, n. 2, 2012.

GONSALVES, Elisa. **Educação e emoções**. Campinas, SP: Alínea, 2015.

GUMULAK, Sabina; WEBBER, Sheila. Playing video games: learning and information literacy. **Aslib Proceedings: New Information Perspectives**, v. 63, n. 2/3, p. 241-255, 2011.

HALE, B. D.; SMITH, D. Bodybuilding. In: CASH, T. F. (Ed.). **Encyclopedia of Body Image and Human Appearance**. Elsevier, 2012. p. 66-73.

HARTEL, Jenna. The serious leisure frontier in Library and Information Science: hobby domains. **Knowledge Organization**, v. 30 n. 3/4, p. 228-238, 2003.

HARTEL, Jenna. **Introducing the information experience in context**. Faculty of Information Quarterly, v. 2, n. 1, 2009.

HARTEL, Jenna. Leisure and hobby information and its users. In: **Encyclopedia of Library and Information Sciences**. 3rd ed. New York: Taylor & Francis, 2011.

HARTEL, Jenna. **Faculty of Information Quarterly**, v. 3, n. 2, 2011.

HARTEL, Jenna. Time as a framework for information science: insights from the hobby of gourmet cooking. **Information Research**, v. 15, n. 4, dez. 2010.

HARTEL, Jenna. State of play: information phenomena in a leisure context. **ASIST&T**, 2014.

HARTEL, Jenna. State of the Art/Science: visual methods and Information Behavior Research. **ASIST&T**, 2012.

HARTEL, J. Serious leisure. In: FISHER, Karen E.; ERDELEZ, Sanda; MACKECHNIE, Lynne (Ed.). **Theories of information behavior**. Medford, NJ: Information Today, 2005. cap. 55. p. 313-317.

HARTEL J.; THOMSON, Leslie. Visual Approaches and Photography for the Study of Immediate Information Space. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 62, n. 11, p. 2214-2224, 2012.

HARPER, Douglas. An argument for visual sociology. In: PROSSER, Jon (Ed.). **Image-based research**: a sourcebook for qualitative researchers. London: RoutledgeFalmer, c1998.

HEINSTROMM, J. Psychological factors behind incidental information acquisition. **Library & Information Science Research**, v. 28, p. 579-594, 2006.

HJØRLAND, Birger. Domain analysis in information science: Eleven approaches – traditional as well as innovative. **Journal of Documentation**, v. 58, n. 4, p. 422- 462, 2002.

HOFKIRCHNER, Wolfgang et al. Editorial to the Special Issue: Towards a New Science of Information – Proceedings of the Fourth International Conference on the Foundations of Information Science, Beijing, August 21–24, 2010. **Triple C**, v. 9, n. 2, p. 272-277, 2011

HOYER, Jennifer. Information is social: information literacy in context. **Reference Services Review**, v. 39, n. 1, p. 10-23, 2011.

INGOLD, Tim. Building, dwelling, living: How animals and people make themselves at home in the world. In: _____. **The Perception of the Environment**: Essays on livelihood, dwelling and skill. London and New York: Routledge, 2000.

JONES, Bonna. Reductionism and library and information science philosophy. **Journal of Documentation**, v. 64, n. 4, p. 482-495, 2008.

JULIEN, H.; WILLIAMSON, K. Discourse and practice in information literacy and information seeking: gaps and opportunities. **Information Research**, v. 15, n. 1, mar. 2010.

KARI, J.; HARTEL, J. Information and higher things in life: Addressing the pleasurable and the profound in information science. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 58, n. 8, p. 1131-1147, 2007.

KEILTY, Patrick. Embodiment and desire in browsing online pornography. In: **ICONFERENCE 2012. Proceedings...** 2012.

KEILTY, Patrick; LEAZER, Gregory. What porn says to information studies: the affective value of documents, and the body in information behavior. In: **ASIS&T ANNUAL MEETING, 77. Proceedings...** Seattle, 2014.

- KINGSLEY, Karl et al. Why not just Google it? An assessment of information literacy skills in a biomedical science curriculum. **BMC Medical Education**, v. 11, 2011.
- KIM, Kyung-Sun; SIN, Sei-Ching Joanna. Selecting quality sources: Bridging the gap between the perception and use of information sources. **Journal of Information Science**, v. 37, n. 2, p. 178-188, 2011.
- KUPER, Adam. **Cultura**: a visão dos antropólogos. Baurú : EDUSC, 2002.
- KURUPPU, Pali U.; GRUBER, Anne Marie. Understanding the information needs of academic scholars in agricultural and biological sciences. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 32, n. 6, p. 609-623, 2006.
- LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de Antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed.34. 1994.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**: uma introdução à teoria Ator-Rede. São Paulo: Edusc, 2012.
- LAW, John. Notes on the Theory of the Actor-Network: ordering, strategy, and heterogeneity. **Systems Practice**, v. 5, n. 4, p. 379-393, 1992.
- LEE, H. L. Information spaces and collections: Implications for organization. **Library & Information Science Research**, v. 25, n. 4, 2003.
- LEE, Charlotte P.; TRACE, Ciaran B. The Role of Information in a Community of Hobbyist Collectors. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 60, n. 3, p. 621-637, 2009.
- LOPATOVSKA, Irene; ARAPAKIS, Ioannis. Theories, methods and current research on emotion in library and information science, information retrieval and human-computer interaction. **Information Processing and Management**, v. 47, p. 575-592, 2011.
- LIN, Peyina. Information literacy barriers: language use and social structure. **Library Hi Tech**, v. 28, n. 4, p. 548-568, 2010.
- LLOYD, Annemaree. Framing information literacy as information practice: site ontology and practice theory. **Journal of Documentation**, v. 66, n. 2, p. 245-258, 2010.
- MANN, T. **Library research models**: a guide to classification, cataloging, and computers. New York: Oxford University Press, 1993.
- MARX, K. O método da economia política. In: **Contribuição à crítica de economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 257-268.
- MARZANO-PARISOLI, M. M. The contemporary construction of a perfect body image: bodybuilding, exercise addiction, and eating disorders. **Quest**, v. 53, n. 2, p. 216-230, maio 2001.

MATNI, Ziad; SHAH, Chirag. For the love of information: motivations and affective dynamics of surfing the web for pleasure. In: ASIS&T ANNUAL MEETING, 77. **Proceedings**...Seattle, 2014.

MOSER, Paul K. Epistemology. **Encyclopedia of Library and Information Sciences**. 3rd edition, 2009.

MOSLEY, P. E. Supplementation in bodybuilding: pseudoscience, marketing and muscle dysmorphia. In: TENENBAUM, Gershon; EKLUND, Robert C.. **Handbook of Sports Psychology**. 2009. p. 241-258.

MOSLEY, P. E. Bigorexia: bodybuilding and muscle dysmorphia. **Eur. Eat. Disorders Rev.**, v. 17, p. 191-198, 2009.

NAUMER, Charles M.; FISHER, Karen E. Information needs. **Encyclopedia of Library and Information Sciences**. 3rd ed. New York: Taylor and Francis, 2009.

OLIVEIRA, Saulo Neves de; DOLL, Johannes. Serious Leisure. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 325-338, jan./mar. 2012.

ORIHUELA, José Luis. Blog e blogosfera: o meio e a comunidade. In: ORDUÑA, Octávio I. Rojas. et al. (Org.). **Blogs**: revolucionando os meios de comunicação. São Paulo: Thompson, 2007. cap. 1, p. 1-20.

PETTIGREW, Karen E.; FIDEL, Raya; BRUCE, Harry. Conceptual frameworks in information behavior. **Annual Review of Information Science and Technology (ARIST)**, v. 35, 2011

PICOT, Arnold; REICHWALD, Ralf; WIGAND, Rolf. Fundamental information and communication models: insights into communication and information behavior. In: _____. **Information, organization and management**. Springer-Velag: Berlin, 2008. cap. 3, p. 65-114.

PINTO, Maria; CORDÓN, José Antonio; DÍAZ, Raquel Gómez. Thirty years of information literacy (1977-2007): a terminological, conceptual and statistical analysis. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 42, n. 1, p. 3-19, mar. 2010.

PINK, Sarah. From embodiment to emplacement: rethinking competing bodies, senses and spatialities. **Sports, Education and Society**, v. 16, n. 3, p. 343-355, 2011.

PREBOR, Gila. Analysis of the interdisciplinary nature of library and information science. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 42, n. 4, p. 256-267.

PROBERT, Anne; LEBERMAN, Sarah; PALMER, Farah. New Zealand bodybuilder identities. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 42, n. 1, p. 5-26, 2007.

PROSSER, J.; CLARK, A.; WILES, R. Visual research ethics at the crossroads. **Realities**, n. 10, 2008.

PROSSER, J.; LOXLEY, A. Introducing visual methods. **ESRC National Centre for research methods review paper**, n. 10, 2008.

PONJUAN, G. Guiding principles for the preparation of a national information literacy program. **The International Information and Library Review**, v. 42, p. 91-97, 2010.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ROBINSON, Lyn. Information science: communication chain and domain analysis. **Journal of Documentation**, v. 65, n. 4, p. 578-591, 2009.

ROBINSON, Lyn; KARAMUFTUOGLU, Murat. The nature of information science: changing models. **Information Research**, v. 15, n. 4, dez. 2010.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Metodologia científica**. São Paulo: Avercamp, 2006.

ROSS, Catherine Sheldrick. Finding without seeking: the information encounter in the context for reading for pleasure. **Information Processing and Management**, v. 35, p. 783-799, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, maio-ago. 1988.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspec. Ci. Inf.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking: approaching information seeking in the context of way of life. **Library & Information Science Research**, v. 17, n. 3, p. 259-294, 1995.

SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking. In: **ENCYCLOPEDIA of Library and Information Science**. 3rd ed. Taylor and Francis: New York, 2009.

SELIGMAN, M. E. P.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive psychology: An introduction. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 5-14, 2000.

SERAFIM, Lucas Almeida. **Competências em informação na educação superior**: um estudo com os professores do curso de Agronomia do Campus da UFC no Cariri. 147 f. 2011. Mestrado (Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SERAFIM, Lucas Almeida; FREIRE, Gustavo Henrique Freire. Ação de responsabilidade social para competências em informação. **Perspectivas em Ciencia da Informação**^{JCR}, v. 17, n. 3, p. 155-173, jul./set., 2012.

SERAFIM, Lucas Almeida; FREIRE, Gustavo Henrique Freire. Competências em informação na contemporaneidade. **RACin**: Revista Analisando em Ciência da Informação, v. 1, n. 1, p. 67-87, jun./jun., 2013.

SERAFIM, Lucas Almeida; FREIRE, Gustavo Henrique Freire. Regime de informação para o mapeamento das competências em informação na educação superior. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 18, n. 37, p. 43-60, mai./ago., 2013.

SERAFIM, L. A. et al. Drawing information in the classroom: the Brazilian participation in the data collection of the international iSquare project. In: **ICONFERENCE 2016**, 2016, Philadelphia. **IConference 2016 Proceedings**. Illinois: Ideals Illinois, 2016.

SCHROEDER, Marcin J. Foundations for Science of Information: Reflection on the Method of Inquiry. **TripleC**, v. 9, n. 2, p. 377-384, 2011.

SILVA, Armando Malheiro da. **A informação**: da compreensão do fenômeno e construção do objeto científico. Porto: Edições Melhoramento, 2006.

SIEWE, J. et al. Injuries and overuse syndromes in competitive and elite bodybuilding. **Int. J. Sports Med.**, v. 35, p. 943-948, 2014.

SMITH, Aaron C. T.; STEWART, Bob. Body perceptions and health behaviors in an online bodybuilding community. **Qualitative Health Research**, v. 22, v. 7, p. 970-985, 2012.

SMITH, Harrison. Information as exclusion: towards a critical understanding of everyday life. **ASIST**, 2012.

SOCIETY OF COLLEGE, NATIONAL AND UNIVERSITY LIBRARIES. **The SCONUL seven pillars of information literacy**: core model for higher education. London, 2011. Disponível em: <http://www.sconul.ac.uk/groups/information_literacy/publications/coremodel.pdf>. Acesso em: 2 maio. 2011.

STEBBINS, Robert A. Experience as knowledge: its place in leisure. **Leisure Studies Association Newsletter**, n. 98, nov. 2011.

STEBBINS, Robert A. The spaces of the serious pursuits: a typology. **Leisure Studies Association Newsletter**, n. 98, nov. 2011.

STEBBINS, Robert A. The Serious Leisure Perspective. **Leisure Studies Association Newsletter**, n. 75, nov. 2006.

STEBBINS, Robert A. Fun, enjoyable, satisfying, fulfilling: describing positive leisure experience. **Leisure Studies Association Newsletter**, n. 69, nov. 2004.

STEBBINS, Robert A. Leisure and happiness. **Leisure Studies Association Newsletter**, n. 28, jul. 2014.

STEBBINS, Robert A. Leisure and its relationship to library and: information science: bridging the gap. **Library Trends**, v. 57, n. 4, p. 618-631, 2009.

STEBBINS, Robert A. Leisure's growing importance as a research area in library and science. **Leisure Studies Association Newsletter**, n. 92, jul. 2012.

STEBBINS, Robert A. Leisure Studies: the Happy Science. **LSA Newsletter**, n. 76, p. 20-22, mar. 2007.

STEBBINS, Robert A. Lifestyle as a generic concept in ethnographic research. **Quality and Quantity**, v. 31, n. 4, p. 347-360, nov. 1997.

STEBBINS, Robert A. Obligation as an Aspect of Leisure Experience. **Journal of Leisure Research**, v. 32, No. 1, pp. 152-155, 2000.

STEBBINS, B. The Emotions in Leisure: Positive and Negative Influences. **Leisure Studies Association**, nov. 2014.

STEBBINS, Robert A. The importance of concepts in leisure studies. **Leisure Studies Association Newsletter**, n. 71, jul. 2015.

STEBBINS, Robert A. New leisure. **Leisure Studies Association Newsletter**, n. 80, jul. 2008.

STEBBINS, B. Concatenated exploration. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 35, n. 5, p. 483-494, out. 2006.

STERN, Caroline; KAUR, Trishanjit. Developing theory-based, practical information Literacy training for adults. **The International Information & Library Review**, v. 42, p. 69-74, 2010.

SUFFOLK, Mark. Male body image related pathology: the requirement for sub-categorical and dimensional classification. **New Male Studies**, v. 2, n. 3, p. 78-92, 2013.

SUFFOLK, Mark. Competitive bodybuilding: positive deviance, body image pathology, or modern day competitive sport? **Journal of Clinical Sport Psychology**, v. 8, n. 4, p. 339-356, dez. 2014.

TALJA, Sanna; TUOMINEN, Kimmo; SAVOLAINEN, Reijo. "Isms" in information science: constructivism, collectivism and constructionism. **Jornal of Documentation**, v. 61, n. 1, p. 79-101, 2005.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VAN DIJCK, José. Search engines and the production of academic knowledge. **International Journal of Cultural Studies**, v. 13, p. 574-592, 2010.

VAN DE VORD, R. Distance students and online research: Promoting information literacy through media literacy. **Internet and Higher Education**, v.13, p.170-175, 2010.

VAN MAANEN, John. **Tales of the field**: on writing ethnography. 2nd ed. Chicago: The University of Chicago Press, c1988.

WALSH, John. Librarians and controlling disinformation: is multi-literacy instruction the answer?. **Library Review**, v. 59, n. 7, p. 498-511, 2010.

WAGNER, Jon. Does Image-based Field work have more to gain from extending or from rejecting scientific realism? a review of Robert Coles, Doing Documentary Work e Sara Pink, Doing Visual Ethnography. **Visual Sociology**, v. 16, n. 2, p. 7-21, 2002.

WEINBERGER, David. **A nova desordem digital**: os novos princípios que estão reinventando os negócios, a educação, a política, a ciência e a cultura. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

WERSIG, Gernot. Information Science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing Management**, v.29, n.2, p.229-239, 1993.

WILSON, T. D. Information behavior: an interdisciplinary perspective. **Information Process and Management**, v. 33, n. 4, p. 551-572, 1997.

WILLIAMSON, Kirsty. Discovered by chance: the role of incidental information acquisition in a ecological model of information use. **Library & Information Science Research**, v. 20, n. 1, p. 23-40, 1998.

YU, Liangzhi. Towards a reconceptualization of the 'information worlds of individuals'. **Journal of Librarianship and Information Science**, v. 44, n. 1, p. 3-18, 2011.

ZALUAR, A. **A maquina e a revolta**: as organizações populares e o significado de pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 9-32

ZIPF, G. K. **Human behavior and the principle of least effort**. Cambridge, MA: Addison-Wesley Press, 1949.

ZURKOWSKI, Paul G. **The Information Service Environment Relationships and Priorities: related paper nº 5**. Washington: National Commission on Libraries and Information Science, 1974.

APENDICE A – CARTA CONVITE E CONFIRMAÇÃO DE INTERESSE



Prezado (a) Senhor (a),

Obrigado pelo seu interesse em participar desta pesquisa, conduzida por mim, Lucas Almeida Serafim, estudante de doutorado em Ciência da Informação, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), orientado pelo professor Dr. Gustavo Henrique de Araújo Freire. Por favor, considere este documento um convite formal para consultar o seu interesse e disponibilidade para participar deste estudo.

Você e grupo de praticantes de atividades de musculação, especificamente da modalidade do fisiculturismo (ou culturismo ou *bodybuilding*) competitivo, foram convidados para participar desta pesquisa, que tem como objetivo analisar como ocorre o fluxo de informação nas práticas do culturismo, com ênfase nos fatores que determinam os modos de aprender e estar informado dos culturistas, assunto de interesse da área de estudo de “competências em informação”. Ressalto que não há riscos ou danos conhecidos decorrentes da sua participação nesta pesquisa. Na verdade, você poderá ter sentimentos positivos, tais como entusiasmo e orgulho em descrever suas práticas.

Esta pesquisa será realizada por meio de um encontro com o pesquisador no espaço onde você realiza rotineiramente práticas de culturismo (academia ou residência), no qual você deverá: a) guiar o pesquisador no espaço em que você desenvolve suas atividades, descrevendo-o; b) ser entrevistado pelo pesquisador sobre rotina de treinamento e preparação para campeonatos; e c) permitir o pesquisador observá-lo durante a realização das atividades de culturismo.

Cada encontro tem a duração prevista de 1 a 2 horas. Se você consentir, poderá ser utilizado gravador de áudio e máquina fotográfica digital. Você não precisa decidir neste exato momento pelo uso desses equipamentos, já que será oferecido para você, em momento posterior (quando ocorrer o encontro), um termo escrito em que você irá consentir ou não o registro dos encontros nas formas de áudio e imagem.

Os aspectos de confidencialidade das informações fornecidas por você também serão acordados em termo de consentimento específico, sobretudo em relação ao uso de imagem, mediante o qual será acordado com o pesquisador se você deseja ou não ser identificado.

Caso você decida pela participação deste estudo, uma cópia do texto final poderá ser enviada para o seu email, prevista para Setembro de 2016.

Obrigado pelo tempo dispensado para ler este convite. Espero encontrá-lo em breve.

Estou interessado e apto para participar deste estudo: Sim _____ Não _____

Data programada para o encontro: _____

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável

DATA: _____ / _____ / _____

Pesquisador: Lucas Almeida Serafim, estudante de doutorado em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB.
Email: lucas@cariri.ufc.br
☎ (88) 98816-7683

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PESQUISADO)**



Prezado (a) Senhor (a),

Atualmente, desenvolvo pesquisa para a conclusão do curso de doutorado em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, tem como objetivo analisar como ocorre o fluxo de informação nas práticas de turismo, com ênfase nos fatores que determinam os modos de aprender e estar informado dos culturistas, assunto investigado pela área de estudo de “competências em informação”. Nesta perspectiva, solicito a sua colaboração para participar deste estudo, em encontros individuais para coleta de dados sobre práticas informacionais de turismo, bem como a sua autorização para divulgar os resultados da pesquisa.

Informo que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador (a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Ressalto que não há risco ou danos conhecidos decorrentes da sua participação nesta pesquisa. Na verdade, você poderá ter sentimentos positivos, tais como entusiasmo e orgulho em descrever suas práticas. Asseguro que a sua identidade será mantida em sigilo, salvo quando você concordar em divulgá-la.

Estou à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Especificamente sobre o uso de dados audiovisuais, e sobre a divulgação da minha identidade, esclareço que:

- ✓ Concordo que os dados dos encontros sejam registrados em forma de áudio:
Sim_____ Não_____
- ✓ Concordo que os dados dos encontros sejam registrados na forma de fotografia: Sim_____ Não_____

- ✓ Concordo, quando for meu interesse, em fornecer fotografias relacionadas à minha prática:
Sim_____ Não_____
- ✓ Concordo que as fotografias podem divulgadas no trabalho final (tese):
Sim_____ Não_____
- ✓ Concordo que as fotografias podem divulgadas em artigos, livros e anais de eventos científicos: Sim_____ Não_____
- ✓ Concordo que a minha identidade seja divulgada por meio de fotografia (os nomes verdadeiros serão omitidos/suprimidos): Sim_____ Não_____

Por fim, estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável

DATA: _____ / _____ / _____

Pesquisador: Lucas Almeida Serafim, estudante de doutorado em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB.
Email: lucas@cariri.ufc.br
☎ (88) 98816-7683

**APÊNCLIDE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PROPRIETÁRIO DE ACADEMIA)**



Prezado (a) Senhor (a).

Proprietário (a) de Academia

Sirvo-me do presente para solicitar a sua autorização e consentimento para a realização de pesquisa nesta academia, conduzida por mim, Lucas Almeida Serafim, estudante de doutorado em Ciência da Informação, na Universidade Federal da Paraíba, orientado pelo professor Dr. Gustavo Henrique de Araújo Freire.

O objetivo desta pesquisa, que possui interesse especial pelo mundo social dos “body builders” competitivos, é analisar como ocorre o fluxo de informação nas práticas do culturismo, com ênfase nos fatores que determinam nos modos de aprender e estar informado dos culturistas, assunto investigado pela área de estudo das “competências em informação”. Para tanto, será realizado encontros individuais com os participantes no espaço em que eles desenvolvem as suas práticas de culturismo.

Pelo uso do espaço desta academia, ressalto que não há risco ou danos conhecidos decorrentes da realização desta pesquisa, nem para participantes (e demais transeuntes), nem para o seu empreendimento. Na verdade, os participantes poderão ter sentimentos positivos, tais como entusiasmo e orgulho em descrever suas práticas, as quais ocorrem nesta academia. Asseguro ainda que o nome do estabelecimento será mantido em sigilo, salvo quando você concordar em divulgá-lo.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou a minha autorização, especificamente nos seguintes termos:

✓ Autorizo o uso do espaço interno da academia para a pesquisa:

Sim_____ Não_____

✓ Autorizo uso de aparelho áudio e câmera fotográfica no recinto da academia:

Sim_____ Não_____

✓ Concordo que as fotografias do interior da academia podem ser divulgadas no trabalho final (tese): Sim_____ Não_____

- ✓ Concordo que as fotografias do interior da academia podem ser divulgadas em artigos, livros e anais de científicos:

Sim ____ Não ____

Por fim, estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Proprietário (a) de Academia

Assinatura do Pesquisador Responsável

DATA: ____ / ____ / ____

Pesquisador: Lucas Almeida Serafim, estudante de doutorado em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB.

Email: lucas@cariri.ufc.br

☎ (88) 98816-7683

APÊNDICE D – GUIA PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA



1) Dados demográficos

- Descreva-se, por favor: gênero, idade, etnia, se (e onde) trabalha, escolaridade, nacionalidade, local de nascimento, onde mora.

2) Sobre a prática do culturismo*:

- Quando começou? Há quanto tempo pratica?
- Sabemos que a prática do culturismo não consiste apenas nos exercícios (treinamentos). Como você a descreveria?
- Qual o objetivo em realizar esta prática?
- Quais as motivações e desafios para a prática? Tem ídolos?
- Quais as motivações e desafios para participar de campeonatos?
- Conte-me sobre a sua experiência nos campeonatos (quantidade de campeonatos, a fase do pré-campeonato; o dia do campeonato; o período após o campeonato).

Tem fotos?

- Quais as vantagens/desvantagens desta prática?

2) Você pode me guiar em um dia típico da sua prática?*

- Descreva a sua rotina de treinamento na academia: horas de treinamento por dia, como você gosta de praticar, tipos de exercício (com peso ou cardio), quais os aparelhos ou locais preferidos, quais aspectos que influenciam positivamente ou negativamente na prática do treinamento.

- você treina apenas na academia?

- Como proceder para ter um treinamento efetivo?
- Para você, o que é um resultado satisfatório?
- Conte-me sobre o período de treinamento em época de campeonato.

3) Sobre aprendizado e estar informado (perguntas baseadas nos pilares das competências em informação**)

- Por favor, exemplifique de modo geral ou específico*

a) como você se informa sobre novas ideias, ou se atualiza, para adquirir e manter o corpo? Como você encontra informações e quais as fontes?

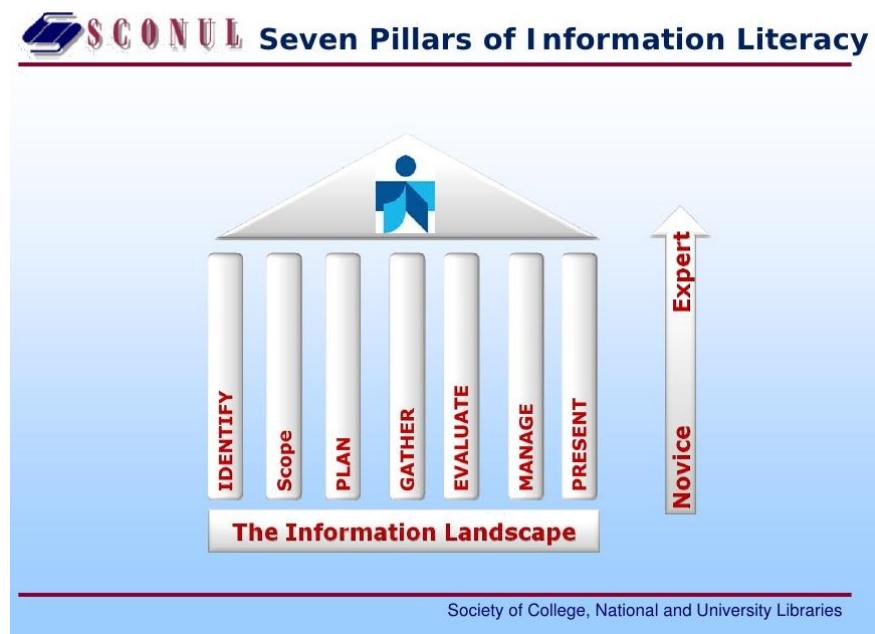
() Livros

- () Revistas e Jornais
- () Periódicos científicos
- () Facebook
- () Youtube
- () Amigos
- () Coach
- () Outros: _____

- b) Sobre o que você se informa?
- b) como você utiliza a informação na sua prática? como você afere a credibilidade e a precisão (ou utilidade) das informações para a sua prática?
- d) você armazena as informações? Se sim, há alguma forma de organização?
- f) você compartilha seu conhecimento sobre o fisiculturismo?

*Essas perguntas podem variar conforme se conhece mais sobre as atividades dos participantes

** Os sete pilares das competências em informação (SCONUL, 20011)



APÊNDICE E – GUIA PARA FOTOGRAFIAS



Este guia tem o objetivo de prover estrutura para pesquisa visual nos ambientes em que são desenvolvidas as práticas de musculação e fisiculturismo.

Os espaços serão fotografados em três níveis (HARTEL, 2006):

- a) salas: ambientes internos onde são praticadas as atividades físicas;
- b) coleções e zonas: fontes de informação materiais (coleções).
- c) Itens: Objetos fotografados individualmente.

Dicas para fotografar espaços imediatos de informação (HARTEL; THOMPSON, 2012):

- a) Olhe para dentro – a informação está frequentemente armazenada em abundância nos espaços fechados ou armários. Se possível, fotografar dentro dos armários e gavetas.
- b) Capture fenômenos populares ou culturais.
- c) Pense sistematicamente – a informação pode não estar apenas em um único cômodo ou espaço, mas em uma constelação de lugares.
- d) Fotografe de perto (close-up) – incluindo informação escrita a mão.
- e) Fotografe as tecnologias – ainda que o método fotográfico não consiga investigar o que há dentro delas.
- f) Antecipe miscelânea – a informação pode estar entre os objetos mundanos do dia a dia das pessoas.
- g) Estrutura de documentos – fotografe qualquer evidência de estruturas de classificação de assuntos.